a revista para quem gosta de cinema

SET

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

Editora Abril

OS VINGADORES
A Inglaterra agora tem mais dois espiões que esbanjam charme mortal. O vilão dessa trama? Ninguém menos que Sean Connery

OUT OF SIGHT
George Clooney e Jennifer Lopez provam que filme de ação também pode ser inteligente

MATHEUS NACHTERGAELE
O ator que é a revelação do cinema nacional

CARLA CAMURATI
A diretora que conseguiu redescobrir o Brasil

DÚVIDA CRUEL
Já é hora de você comprar seu DVD?

ELAS SÃO DEMAIS
Neve Campbell, Drew Barrymore, Milla Jovovich... As qualidades das estrelas do próximo milênio

BASTIDORES
O livro que conta como a geração do sexo, drogas e rock'n'roll salvou Hollywood

O MELHOR MÊS DO VIDEO
MELHOR É IMPOSSÍVEL e mais 31 razões para ficar em casa

APRENDA COM QUEM SABE
O diretor de Los Angeles – Cidade Proibida ensina a escrever um roteiro nota dez

TOM HANKS PROCURA MATT DAMON EM

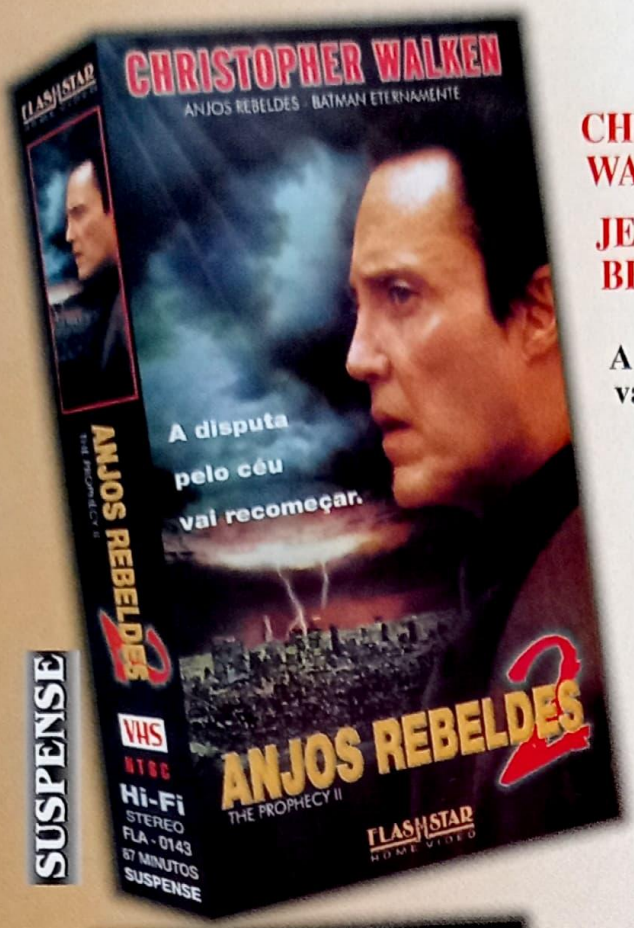
O resgate do SOLDADO RYAN

Agora sim! Spielberg conta os horrores da Segunda Guerra e entrega o filmaço que andava devendo. Leia na pág. 16

ISSN 0104-1592
00135
9 770104 159003

Setembro, 1998 - Ed. 135 - Ano 12 - Nº 9 - R$ 5,70 - 5633

QUATRO GRANDES MOTIVOS PARA VOCÊ IR À SUA LOCADORA!

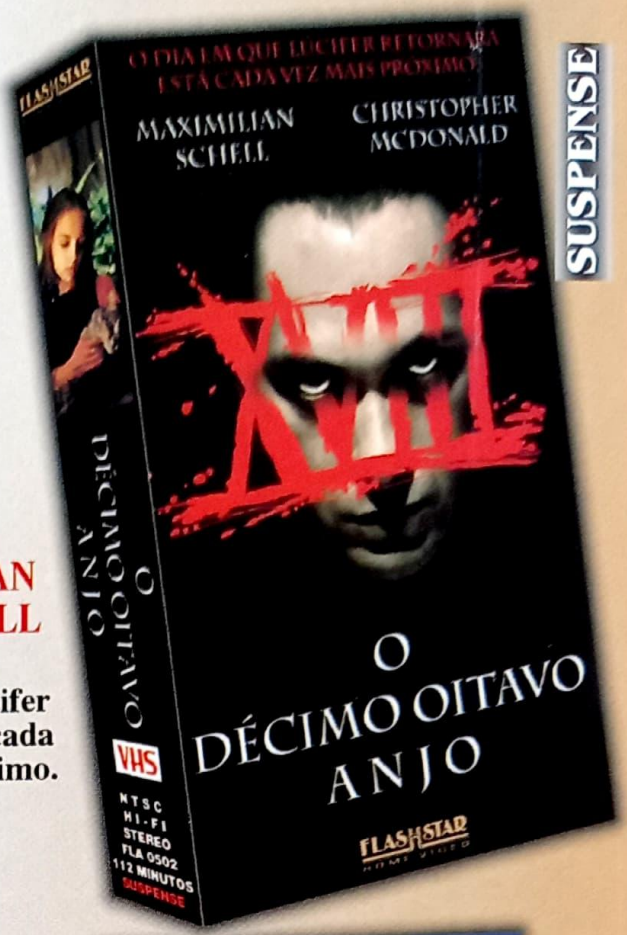


SUSPENSE

CHRISTOPHER WALKEN

JENNIFER BEALS

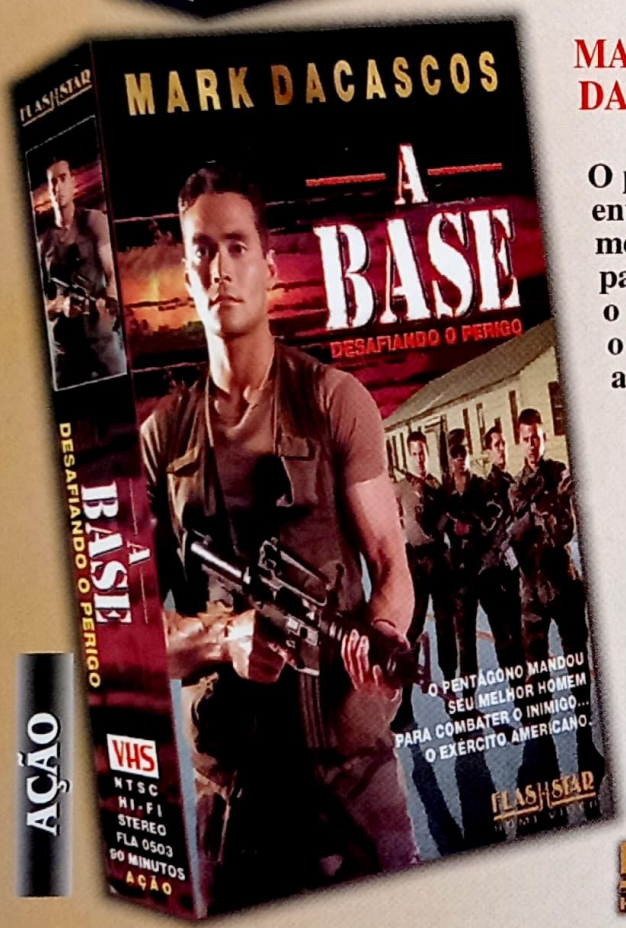
A disputa pelo céu vai recomeçar.



SUSPENSE

MAXIMILIAN SCHELL

O dia em que lúcifer retornará está cada vez mais próximo.



AÇÃO

MARK DACASCOS

O pentágono enviou seu melhor homem para combater o inimigo... o exército americano.

LIMA DUARTE

LEANDRA LEAL

Isolada numa ilha ela só tem um amigo... o vento.

DRAMA

FLASHSTAR HOME VIDEO

CARTA ao LEITOR

Luizinho Coruja

Nossa querida DULCE DAMASCENO DE BRITO, que desde março de 1994 encanta os leitores contando em *Hollywood Boulevard* as histórias que colheu ao vivo e em cores durante os vários anos que passou como correspondente em Los Angeles, acaba de ganhar companhia: a partir desta edição, SET tem um novo colunista. É FRANCISCO RAMALHO, diretor de sete longas-metragens, entre eles *Besame Mucho* e *O Cortiço*, e há alguns anos produtor do cineasta Hector Babenco em obras como *O Beijo da Mulher Aranha*, *Brincando nos Campos do Senhor* e o ainda inédito *Coração Iluminado*. Assinando a coluna *Por Trás da Tela*, Ramalho – que é um contador de "causos" da melhor estirpe – irá compartilhar com a Redação e com o leitor sua visão muito especial do que é ver e fazer cinema. Que seja muito bem-vindo! E nossas boas-vindas também a GABRIELA AGUERRE, repórter da revista *Superinteressante* – uma das mais dinâmicas publicações da Editora Abril –, que estará emprestando seus conhecimentos a uma nova seção de SET: a *Dúvidas Cruéis*, que pretende ajudar nosso público a entender as novidades que não param de surgir no mundo da tecnologia e do consumo.

André Perazzo

Waldemir Cunha

Os Editores

NESTA edição

Na Capa: Tom Hanks (UIP)

16 O RESGATE DO SOLDADO RYAN
O Dia D, no qual se decidiu a Segunda Guerra, é o cenário para o melhor filme de Spielberg desde *A Lista de Schindler*

28 MOÇAS DE FUTURO
Neve Campbell e Charlize Theron estão entre as dez atrizes que podem virar as próximas grandes estrelas de Hollywood

34 EASY RIDERS, RAGING BULLS
O best-seller que causou polêmica ao contar como a geração do sexo, drogas e rock'n'roll salvou Hollywood nos anos 60

38 OUT OF SIGHT
O diretor que transformou o cinema independente em notícia agora prova que um filme de ação pode ser tão divertido quanto inteligente

UIP

41 A DERROTA DO IMPÉRIO
Como o cineasta Francis Ford Coppola ganhou 80 milhões de dólares da Warner no tribunal

42 OS VINGADORES
James Bond que se cuide: a Inglaterra já tem mais dois espiões que fazem do charme uma arma mortal

46 GEORGE CLOONEY
Pouco a pouco, o pediatra de *Plantão Médico* vai fazendo de sua passagem para a telona um sucesso

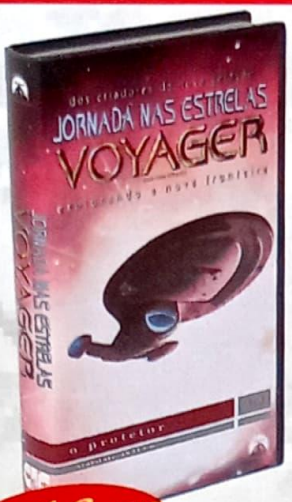
Warner

SEMPRE em SET

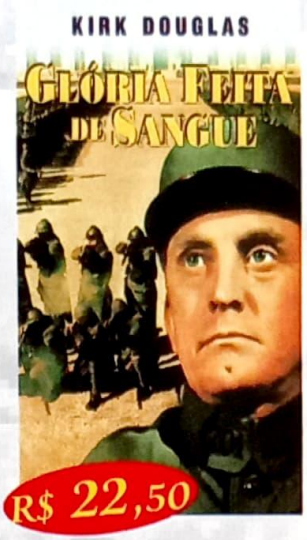
5 TAKES
8 RADAR BRASIL
10 ATRÁS DA CÂMERA com Carla Camurati
11 SOB OS HOLOFOTES com Ving Rhames
12 O QUE ELES DIZEM
14 PAPO RÁPIDO com Matheus Nachtergaele
50 DÚVIDAS CRUÉIS por Gabriela Aguerre
51 POR TRÁS DA TELA por Francisco Ramalho
52 10 dicas que fazem um roteiro ser mais legal
53 NOVOS FILMES *Seis Dias, Sete Noites*
56 HOLLYWOOD BOULEVARD por Dulce D. de Brito
58 VIDEOLANÇAMENTOS *Melhor É Impossível*
64 CINEMA PARA GUARDAR
65 CLÁSSICO POR ASSINATURA *A Condessa Descalça*
66 O QUE EU AMO & ODEIO com Bette Midler
68 CARTAS
69 PRÓXIMAS ATRAÇÕES
70 NOSTALGIA

VHS - DVD - CD-ROM

O preço da mercadoria não esta incluso o valor do sedex* Promoção válida até 31-10-98



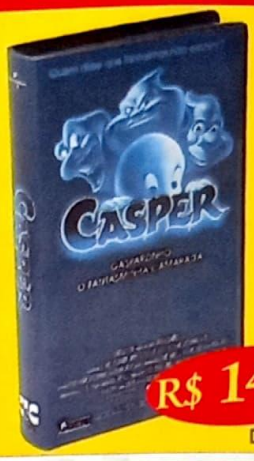
R$ 16,50



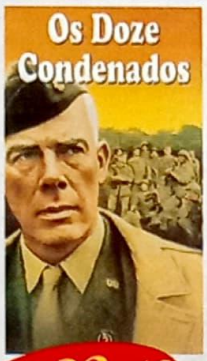
R$ 22,50

R$ 24,90

PROMOÇÃO DO MÊS



R$ 14,90 DUB-LEG

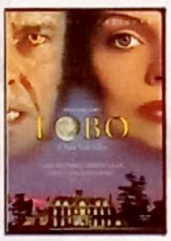


R$ 22,50

R$ 22,50 cada

Coleção Clint Eastwood vol 4

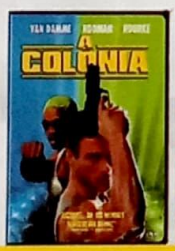
R$ 89,50

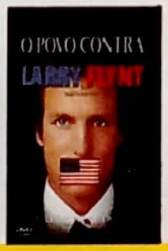


4 Legendados em português.

DVD VIDEO

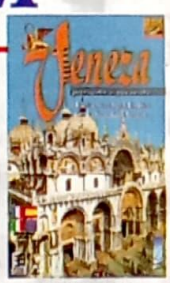
R$ 24,90 Cada

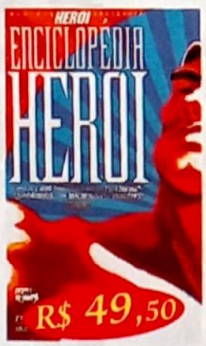




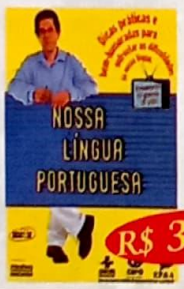
CD-ROM

R$ 24,90





R$ 49,50



R$ 39,50

R$ 43,00

Av.Sumaré, 1744
Tel:(011)3872-4912
Estacionamento próprio
todos os dias
até a meia-noite

Av.Cidade Jardim,1000
Tel:(011)813-7546
Estacionamento próprio
todos os dias
até a meia-noite

Av.Paulista,726
Tel:(011)288-4788
segunda à sábado
até às 21:00 hs

videoteca

e-mail: 2001@2001video.com.br

retire sua lista do acervo de vendas pela internet:
ftp://ftp.2001video.com.br/pub

ENVIAMOS PARA TODO BRASIL VIA SEDEX - ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

TAKES o que vem por aí

Columbia Buena Vista

INIMIGO PÚBLICO NÚMERO UM

A imagem de bom moço de Will Smith vai sofrer um abalo profundo em *Enemy of the State*, um thriller produzido pelo mesmo Jerry Bruckheimer de *Armageddon*. Will faz um sujeito que é envolvido numa conspiração. Sem ter a menor idéia do que está acontecendo, ele passa a ser tratado como fugitivo, contando com a ajuda de Gene Hackman. O filme chega aos cinemas americanos no final de novembro, mas Will já está preparando seu arrasa-quarteirão para o verão ianque do ano que vem: *The Wild Wild West*, que estréia – quem diria – no feriado da Independência Americana, a mesma data de *Independence Day* e *Homens de Preto*.

MIKE MYERS

vida de cachorro

Mike Myers está com a bola toda. Depois de finalmente deixar a adolescência de lado com os dois *Quanto Mais Idiota Melhor* e de se tornar um astro com o divertido *Austin Powers*, ele recebeu uma tarefa nobre: escrever o roteiro da versão em carne e osso de *Scooby-Doo*, o cachorro que fez a alegria de muita gente com mais de 25 anos. É provável que o ator interprete o companheiro de Scooby, o atrapalhado Salsicha, mas o resto do elenco permanece um mistério – e, como os mistérios davam a tônica do programa, nada mais adequado.

PlayArte

Paris

Myers: de olho em Scooby

Columbia

Hopkins: seqüência

ANTHONY HOPKINS

a volta de lecter

Animado pelo sucesso de *A Máscara do Zorro*, Anthony Hopkins anda dizendo que seu interesse agora são as superproduções. Para confirmar suas palavras, ele quer voltar ao personagem que revigorou sua carreira, o assassino Hannibal Lecter, de *O Silêncio dos Inocentes*. Hopkins diz que não vê a hora de começar a trabalhar na seqüência do filme, que pode se chamar *A Morbidez da Alma*. A agente federal Clarice Sterling também está no roteiro, o que pode significar a volta de Jodie Foster, que nunca escondeu sua vontade de fazer o filme.

JOHN CUSACK E JOHN MALKOVICH

A IDÉIA MAIS BIZARRA DO ANO

Quando alguém diz que não existem mais filmes criativos, sempre aparece algo para derrubar essa teoria. Em *Being John Malkovich*, por exemplo, John Cusack descobre uma porta que leva ao cérebro do ator John Malkovich – interpretado por... John Malkovich – e passa a alugar essa "passagem". A coisa fica mais bizarra: a mulher de John, interpretada por Cameron Diaz, entra no cérebro de Malkovich e se apaixona por uma outra mulher que esteve lá antes. Esse festival de bizarrices chega aos cinemas no ano que vem.

Fotos: Columbia TriStar

Os Johns: filme estranho

AGUARDE! ***SNAKE EYES*, thriller policial com Nicolas Cage e Gary Sinise, chega ao Brasil em 2 de outubro; e *O SHOW DA VIDA*, drama com Jim Carrey e Ed Harris, estréia no início de novembro.**

TAKES bastidores

GUERRA NAS ESTRELAS

AUMENTA A EXPECTATIVA

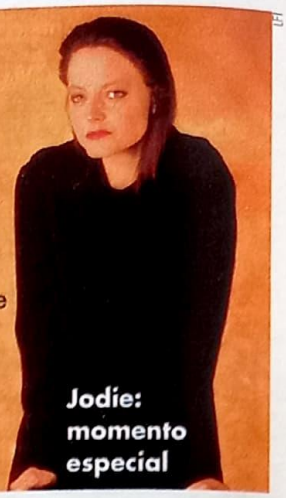
Durante uma das entrevistas para promover o novo *O Resgate do Soldado Ryan* (*que está radiografado na página 16*), Steven Spielberg deixou escapar que já havia visto parte do material filmado por George Lucas para seu *Star Wars: Episode 1* – o filme mais esperado do final do milênio. Quando lhe perguntaram o que havia achado, a resposta do cineasta foi: "O queixo de vocês vai ficar caído por pelo menos uma semana". Encarando uma platéia de jornalistas perplexos, Steven continuou: "Digamos que eu não gostaria de ser o sujeito que vai lançar um filme pelo menos um mês antes ou depois do novo *Star Wars*". Ainda faltam nove meses para a gente poder conferir pessoalmente – vai ser um verdadeiro parto.

Spielberg: babando pelo novo *Star Wars*

JODIE FOSTER

é um menino!

Jodie Foster está passando pelo momento mais especial de sua vida. Na manhã de 20 de julho, a atriz deu à luz o pequeno Charles Foster, seu primeiro filho. Se for seguir os passos da mamãe famosa – que aos três anos já aparecia em anúncios de bronzeadores –, o pequeno Charles em breve poderá ser visto na telona. Mas é improvável: ao contrário de certas celebridades que transformam a maternidade em espetáculo de mídia, Jodie teve uma gravidez discreta e já anunciou que vai tirar um ano de folga. O nome do pai? Só Deus – e Jodie – sabem. E ela não parece nem um pouco disposta a compartilhar essa informação com o mundo.



Jodie: momento especial

ROY ROGERS

A ÚLTIMA CAVALGADA

Reprodução

Roy: o mito

O faroeste americano ficou mais triste em 6 de julho passado. O ator e cantor Roy Rogers, que dedicou sua vida a imortalizar personagens do Oeste americano, morreu em casa, aos 86 anos, vítima de ataque cardíaco. Rogers trabalhou na lavoura e como caminhoneiro antes de ingressar na vida artística em 1937, quando assinou um contrato com a Republic Pictures. Construiu uma carreira que durou quase três décadas e cerca de cem filmes – nos quais imortalizou o mito do caubói americano, o bom moço que tem a alma pura e só beijaria sua amada depois do casamento.

ALEC BALDWIN

o preço da fúria

O dia em que Alec Baldwin levou sua mulher, Kim Basinger, e a filha recém-nascida para casa deveria ser lembrado com ternura. Em vez disso, tornou-se uma briga judicial contra o fotógrafo Alan Zanger, que tentou conseguir uma foto do casal, levou um safanão e viu a oportunidade de arrancar alguns milhares de dólares do ator. No seu caminho, porém, havia um júri: no final de julho passado, o bom senso prevaleceu e Baldwin desembolsou apenas 4.500 dólares por negligência – ele não prestou ajuda ao sujeito, que estava sangrando.

CIC

Baldwin: safanão

COMO É MESMO O NOME DELA?

CIC

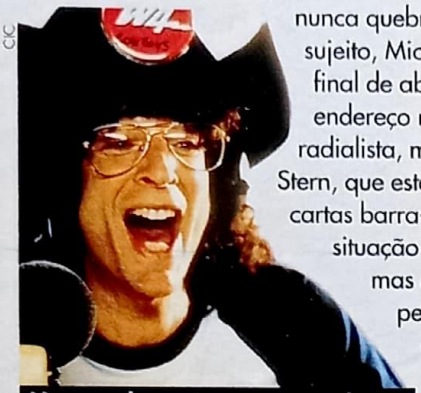
laura linney
O FIM DO ANONIMATO

A atriz Laura Linney ainda pega o metrô sem ser reconhecida. Não há nada de estranho nisso: ela dá mais atenção à sua carreira teatral. Laura, porém, sabe escolher os filmes em que atua: o sucesso de *O Show da Vida*, no qual atua com Jim Carrey, eliminou qualquer traço de anonimato. Filha única de um dramaturgo e de uma enfermeira, a nova-iorquina Laura, hoje com 34 anos, estreou no cinema interpretando professoras (em *O Óleo de Lorenzo* e *Lances Inocentes*). Seu primeiro papel de destaque foi em *Congo*, e em seguida vieram *As Duas Faces de um Crime* e *Poder Absoluto*. Curiosamente, ela sempre trabalha com o rosto levemente abaixado para esconder seu pescoço saliente.

HOWARD STERN

ameaça de morte

Nem tudo é engraçado na vida de Howard Stern, o radialista sem papas na língua que teve sua vida biografada no filme *O Rei da Baixaria*. Entre fevereiro e abril deste ano, ele recebeu ameaças de morte de um maluco com uma longa ficha criminal. As cartas continham mensagens do tipo "você é um morto que anda" ou "não tenha dúvida de que vou lhe matar. Isso é uma promessa, e nunca quebro minhas promessas". O sujeito, Michael Carvin, foi preso no final de abril porque deixou seu endereço na correspondência para o radialista, mas as ameaças continuam. Stern, que está acostumado a receber cartas barra-pesada, encara a situação com bom humor – mas está sentindo na pele o preço de ser o autoproclamado "rei de toda a mídia".



CKC

Howard: cartas ameaçadoras

NICOLAS CAGE

DINHEIRO FÁCIL

Ele pode até ter dito em dezenas de entrevistas o quanto ficou chateado com o adiamento da produção de *Superman Lives*. Mas, por dentro, o astro Nicolas Cage deve estar gargalhando. Como seu contrato com a Warner previa que ele receberia seu salário pelo filme, fosse ele feito ou não, Cage embolsou nada menos do que 16 milhões de dólares sem nem ter de sair de casa. O estúdio, que amargou um 1997 de vacas magras e ainda teve de pagar 80 milhões para Francis Ford Coppola (*leia mais nesta edição*), está estudando um modo de o astro compensar a despesa. Uma sugestão: que tal fazer o filme?

Nicolas: pagamento sem nenhum trabalho

Warner

VERA CRUZ

a história renasce

Houve um tempo em que o Brasil também tinha sua Hollywood: a Vera Cruz, responsável por clássicos nacionais como *O Cangaceiro* e *Sinhá Moça*. O estúdio foi criado em 1949 e fechou as portas cinco anos depois, com dezoito filmes produzidos. Agora, graças à iniciativa da Secretaria da Cultura do estado de São Paulo, ele será reformado – um investimento de 15 milhões de reais, financiado pelo estado e por um grupo de empresas privadas. Depois da reforma, a Vera Cruz contará com três estúdios, além de um centro cultural com um teatro de mil lugares e uma sala de cinema. Quem sabe esse seja o recomeço da Hollywood brasileira?

Vera Cruz: reformas

Cida Souza

O ÉBRIO

A VOLTA DO CLÁSSICO

O Ébrio: restaurado

***O Ébrio*, um dos maiores sucessos do cinema nacional, está de volta à tela grande em versão restaurada. O trabalho de recuperação da cópia consumiu 300 mil reais e levou dois anos para ser concluído – mas a espera foi recompensada, já que o filme, protagonizado pelo cantor Vicente Celestino, ganhou cerca de vinte minutos de cenas inéditas que haviam sido cortadas quando o longa foi lançado, em 1946. *O Ébrio*, que foi exibido nos cinemas brasileiros até 1983 e visto por oito milhões de pessoas, reestreou nos cinemas cariocas no final de agosto e deve correr o país até o final do ano.**

FESTIVAL DE VENEZA

brasileiros para exportação

Depois da premiação de *Central do Brasil* com o Urso de Ouro no último Festival de Berlim, a comunidade cinematográfica internacional começa a olhar as produções brazucas com mais atenção. Uma boa oportunidade para os filmes nacionais mostrarem sua qualidade será o próximo Festival de Veneza: dois longas foram selecionados para a competição. O primeiro é *Kenoma*, da estreante Eliana Caffé (*leia mais em Novos Filmes*), e o segundo é *Ação Entre Amigos*, o novo trabalho do Beto Brant, de *Os Matadores*. Que venham mais prêmios.

Kenoma: Veneza

Riofilme

Os nacionais que estão para chegar às telas:

FILME	SINOPSE
Branca Dias, de David Kullock, com José Carlos Machado, João Acaiabe, Soya Lira, em preparação.	Ao voltar à sua Paraíba natal, uma atriz filma a história de Branca Dias, uma judia paraibana do século 18 queimada pela Inquisição.
Cordéis Fantásticos, diretores e elenco a serem definidos, em preparação.	Dez curtas-metragens, de dez minutos cada, baseados na literatura de cordel.
Lara, de Ana Maria Magalhães, com Ana Paula Arósio, Leandra Leal, em preparação.	A vida da atriz Odete Lara, que enfrentou problemas psíquicos e deu a volta por cima, inspira-se em dois livros autobiográficos.
As Meninas do Belo Monte, de Ivo Branco, com Leonardo Vilar, em preparação.	Depois do massacre da Guerra de Canudos, órfãs são compradas como escravas para a prostituição no sertão nordestino.
Oriundi, de Ricardo Bravo, com Anthony Quinn, Letícia Spiller, Paulo Betti, em finalização.	A saga de três gerações de uma família de origem italiana no Paraná serve como cenário para uma investigação sobre amor e morte.
O Sim pelo Não, de José Wilker, elenco a ser definido, em preparação.	As memórias da infância do ator José Wilker, estreando como diretor e roteirista, são mostradas em um ano de festas populares do Nordeste.

FESTIVAL DE GRA

Por *Roberto Sadovski*

Todas as peças estavam no lugar para a abertura do 26º Festival de Gramado, o mais tradicional encontro de cinema do Brasil: enquanto a multidão se aglomerava em frente ao Palácio dos Festivais – no qual são exibidos os filmes da competição –, os convidados e a imprensa faziam a festa no saguão. Ou quase. Com a maioria das celebridades chegando à Serra Gaúcha apenas no fim de semana de encerramento do festival, a abertura acabou resultando morna – e o público que havia se armado de papel, caneta e máquinas fotográficas para conseguir uma imagem ou um autógrafo de seus ídolos voltou para casa frustrado. Se a costumeira badalação da primeira noite em Gramado foi deixada de lado, os filmes em competição seguiram a mesmo tom morno: o longa argentino *Plaza de Almas* até que prendeu a atenção do público, mas o tédio dominou durante a exibição do brasileiro *O Toque do Oboé*: mais da metade da platéia foi dormir mais cedo.

O time de *Um Sonho no Caroço do Abacate*

MADO 98

Nelson Pereira dos Santos

Fotos: Edison Vara

HOMENAGEM AO MESTRE

O cineasta Nelson Pereira dos Santos foi o grande personagem da abertura do festival. Autor de clássicos como *Rio, 40 Graus* e *Memórias do Cárcere*, ele foi homenageado com o Troféu Oscarito por sua contribuição à produção cinematográfica brasileira. Com dois projetos em fase de preparação – uma série de três episódios adaptados do romance *Casa Grande e Senzala* e um filme sobre a vida do poeta Castro Alves –, Nelson foi o centro das atenções no Palácio dos Festivais, revendo velhos conhecidos e sendo saudado por uma nova geração de atores e diretores. "É uma sensação muito gostosa receber esta homenagem", disse o cineasta. "E me dá muito orgulho ver tanta gente nova não deixando o nosso cinema desaparecer."

A ALEGRIA DA NOVA GERAÇÃO

Uma turma bastante animada assistiu à exibição de *Um Sonho no Caroço do Abacate*, do diretor Lucas Amberg: o elenco jovem do filme, liderado pelos estreantes Edward Boggiss e Taís Araújo, ocupou uma fileira do palácio, deu risadas e verteu lágrimas ao se ver em ação na tela. O filme, por sinal, chegou em cima da hora: a cópia veio literalmente embaixo do braço do diretor, que finalizou seu trabalho em Los Angeles apenas três dias antes do início do festival.

Edison Vara

A PRIMEIRA (E ESTRANHA) IMPRESSÃO

O curta *O Espantalho* encantou o público presente à abertura do festival com sua bela mistura de animação e imagens reais, somada a uma história que parecia retirada de um conto de fadas. O trabalho do diretor Alê Abreu foi um dos mais comentados nos bastidores – mas, embora o público tenha saído mesmerizado pela beleza das imagens, ninguém conseguia dizer se havia gostado ou não. A resposta mais comum era "gostei, mas não entendi". Mesmo assim, o diretor tratou de espalhar seus telefones pelos quatro cantos de Gramado, na tentativa de conseguir um espaço maior para seu *Espantalho*.

A FESTA DOS CURTAS

Os primeiros gols marcados durante o festival foram dos curtas-metragens exibidos na mostra competitiva: sem as preocupações comerciais que amarram a criatividade dos realizadores de longas, os diretores não tiveram medo de ousar em uma divertida coleção de pequenos filmes, como o interessante *Sete, Sete e Pouco* – que mostra o que se passa na cabeça de dois jovens antes de um encontro – e o pernambucano *Clandestina Felicidade*, um olhar sobre fragmentos da infância da escritora Clarice Lispector. Mas a maior surpresa foi a animação *O Nordestino e o Toque de sua Lamparina*, que dá um ângulo ao mesmo tempo original e familiar à lenda da lâmpada mágica. Em tempo: o diretor de *Lamparina* é o cearense Ítalo Maia (*foto*), de apenas treze anos.

Ricardo Rimoli

O PONTAPÉ INICIAL

A sessão mais concorrida do início do festival não foi a de nenhum dos títulos em competição, e sim da produção que deu o pontapé inicial na Première Gramado – a pré-estréia de obras ainda inéditas no Brasil. O filme foi *Carne Trêmula*, do espanhol Pedro Almodóvar, que segue a linha bizarra do diretor, misturando crimes, traição e partidas de basquete de deficientes físicos. Mas a estréia mais aguardada era a de *O Show da Vida*, do australiano Peter Weir, que mostra Jim Carrey como um vendedor de seguros que não sabe que sua vida é, na verdade, um programa de televisão transmitido para o mundo inteiro. Quem diria que, um dia, um arrasa-quarteirão americano seria destaque na Serra Gaúcha.

André Lobo

carla camurati

A DESCOBRIDORA DO BRASIL

Ela diz que quer ser o nosso Woody Allen de saias – e o novo *La Serva Padrona* é a prova de que acertou na receita do bom e barato

Ser chamada de bonitinha nunca foi elogio, na opinião da carioca Carla Camurati. Aos onze anos, ela se irritou para valer: "Cortei o cabelo com gilete e raspei a sobrancelha". Hoje, aos 37 anos, ela vê isso com humor e garante que nunca enfrentou discriminação quando decidiu passar para trás das câmeras. "Nunca precisei falar grosso", brinca. Os cabelos loiros, a pele branca, o corpo esguio e os doces olhos azuis são marcas de uma beleza singela, quase desleixada. Mas bastam dois minutos de conversa para perceber que há uma mulher forte e decidida por trás de tanta delicadeza.

"Sei o que quero", afirma. A independência parece ser nata – aos nove anos, ela já entregava produtos vendidos pela vizinha. Carla fez de tudo: foi recenseadora, professora de artes e vendedora de loja. Um desses bicos levou a então estudante de biologia a descobrir seu maior dom. "Eu trabalhava como secretária, mas não sabia nem datilografar." Perdeu o emprego, mas o patrão, o produtor Rodrigo Faria Lima, convidou-a para estrear nos palcos – a essa altura, ela estudava interpretação com o ator e diretor Buza Ferraz.

O sucesso foi fulminante. A participação na peça *Flicts*, de Ziraldo, levou-a para a Rede Globo, onde conquistou o público em seriados como *Amizade Colorida* e novelas como *Brilhante*, *Sol de Verão* e *Fera Radical*. No cinema, esquentou bem mais do que os corações em *Os Bons Tempos Voltaram* e *Cidade Oculta*. A atuação em *Eternamente Pagu* rendeu-lhe um Kikito em Gramado, em 1988. Some-se dois ensaios para a *Playboy*, e Carla selou a imagem de "mais uma bela atriz".

Mas ela achava pouco. A situação mudou quando começou a escrever roteiros para o cinema (como *O Corpo*) e fez seu primeiro curta, *A Mulher Fatal Encontra o Homem Ideal*. "Gosto tanto de cinema que seria feliz até como lanterninha", declara a diretora.

Carla é impulsiva. "Quando ponho uma coisa na cabeça, não desisto." Foi essa coragem que tornou possível um projeto a princípio desacreditado: *Carlota Joaquina, Princesa do Brazil*. "Entre reclamar da falta de estrutura e pôr a mão na massa, opto pela segunda." Por três anos, ela batalhou patrocinadores, cuidou da distribuição e acompanhou cada detalhe de uma produção de época que custou cerca de 800 mil dólares. Pouco, até pelos padrões do cinema nacional.

Do tipo incansável, ela não se deixou abater pelas críticas de que não haveria público para um filme histórico. A resposta veio no 1,3 milhão de pessoas que lotaram as salas e passaram a venerá-la quase como uma lenda do renascimento do cinema brasileiro.

Carla agora repete a ousadia com *La Serva Padrona*, versão filmada da ópera-bufa que Giovanni Battista Pergolesi compôs em 1733. "Se nunca tivemos filme de ópera no Brasil, como achar que as pessoas não gostariam de ver?", questiona. "O filme é uma perolinha", conta. "Eu não dirijo, eu bordo filmes, demoro em cada pontinho, cada costura." Sem nunca ter estudado direção, ela diz usar a intuição.

Premiado pela HBO, *La Serva Padrona* custou apenas 330 mil dólares: "Temos de deixar o cinemão milionário para os americanos". WoodyAllen sempre foi uma inspiração: "Ele gasta pouco e faz filmes inteligentes, que divertem e, acima de tudo, não lidam com um universo real". Carla admite achar a produção de época mais saborosa. "Não gosto do reflexo do presente."

Seu próximo projeto, *Os Mitos do Descobrimento*, volta às raízes do país. "Sinto que só posso seguir em frente se conhecer o passado." Embora seja cineasta por prazer, Carla não sabe se continuará diretora para sempre. "Aos sessenta provavelmente vou preferir morar em Teresópolis e, como diz Marieta Severo, conversar com a camomila."

Suzana Uchôa Itiberê

ving rhames

O DURÃO DE CORAÇÃO MOLE

Quem vê Ving Rhames interpretando sempre tipos taciturnos ou violentos não imagina o cavalheiro que ele na realidade é

A arte desta vez não imitou a vida: Ving Rhames ficou conhecido como o ameaçador Marsellus Wallace de *Pulp Fiction*, e os personagens que vieram depois – o agente misterioso de *Missão Impossível*, o guarda-costas de Demi Moore em *Striptease* e o prisioneiro tatuado de *Con Air* – o consagraram como um dos tipos mais durões dos anos 90. Rhames, porém, é um doce, uma verdadeira manteiga derretida. Quem assistiu à entrega do Globo de Ouro, em janeiro deste ano, lembra-se que Rhames se debulhou em lágrimas ao receber o prêmio de melhor ator pelo telefilme *Don King – O Rei do Boxe*. Emocionado, ele ofereceu seu prêmio a Jack Lemmon, que concorria na mesma categoria pela refilmagem de *Doze Homens e uma Sentença*. O ator afirma que a dedicatória foi um ato espontâneo. Ou melhor, um ato de Deus.

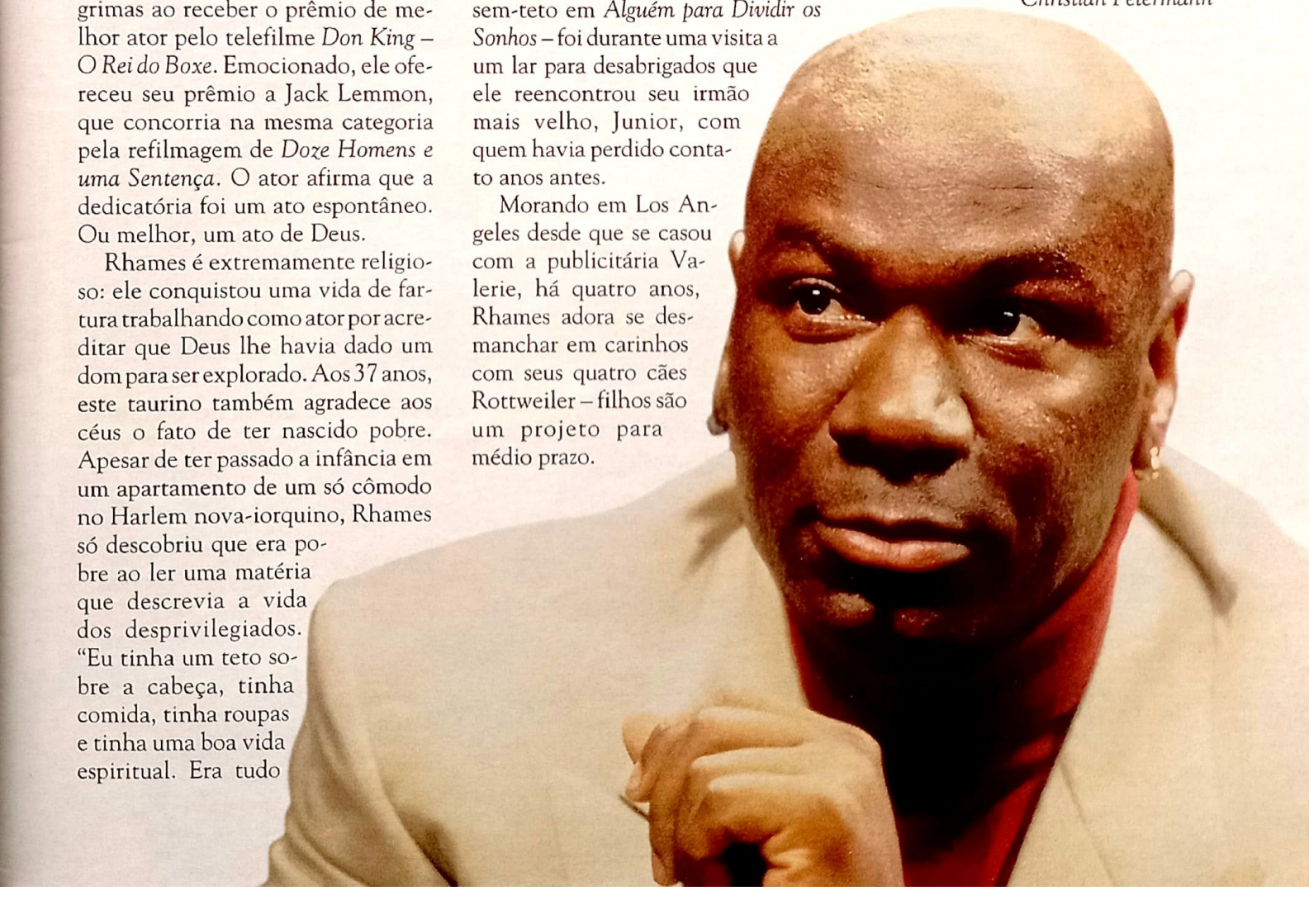
Rhames é extremamente religioso: ele conquistou uma vida de fartura trabalhando como ator por acreditar que Deus lhe havia dado um dom para ser explorado. Aos 37 anos, este taurino também agradece aos céus o fato de ter nascido pobre. Apesar de ter passado a infância em um apartamento de um só cômodo no Harlem nova-iorquino, Rhames só descobriu que era pobre ao ler uma matéria que descrevia a vida dos desprivilegiados. "Eu tinha um teto sobre a cabeça, tinha comida, tinha roupas e tinha uma boa vida espiritual. Era tudo de que necessitava," justifica.

Há um outro dom que Ving (de Irving) credita a Deus: sua voz imponente e grave. Foi sua impecável dicção que o levou a estudar interpretação, primeiro na High School for the Performing Arts – onde foi filmado *Fama* – e depois na Juilliard School. Graduado em 1983, ele não parou mais de trabalhar, tanto no teatro (encenando Chekhov e Moliére) quanto na TV (ele é o cunhado de Eriq La Salle em *Plantão Médico*). No cinema, antes de *Pulp Fiction*, seu papel mais importante foi o de um sem-teto em *Alguém para Dividir os Sonhos* – foi durante uma visita a um lar para desabrigados que ele reencontrou seu irmão mais velho, Junior, com quem havia perdido contato anos antes.

Morando em Los Angeles desde que se casou com a publicitária Valerie, há quatro anos, Rhames adora se desmanchar em carinhos com seus quatro cães Rottweiler – filhos são um projeto para médio prazo.

Orgulhoso de sua filmografia – em especial de *O Massacre de Rosewood* –, o ator continua explorando sua impressionante presença cênica – quase sempre com a indefectível cabeça raspada – para participar de projetos que o entusiasmem. Ele está em *Out of Sight*, previsto para estrear este mês no Brasil, e prepara-se para atuar em *Missão Impossível 2*. Sobre cada novo trabalho, ele tem uma única coisa a dizer: "Eu não escolhi a carreira de ator – foi a carreira de ator que me escolheu".

Christian Petermann



O QUE eles dizem

"Pelo jeito perdi meu trono para essa tal de Neve Campbell – mas não tenham dúvidas de que vou derrubá-la!"
Jamie Lee Curtis, a rainha dos filmes de terror dos anos 80, prova que está disposta a concorrer com a estrela de Pânico

"Nenhuma indústria precisa menos de cérebros do que a do cinema."
Do magnata Lewis Selznick para um comitê do Congresso

"Entrevistas são uma forma interessante de psiquiatria."
Matthew Modine

"Francis não é só um cineasta, ele é uma ópera italiana. Se tivesse nascido em outros tempos, ele teria construído o Vaticano ou as pirâmides."
George Lucas sobre Francis Ford Coppola

"Ter filhos talvez não tenha feito de mim um cineasta melhor, mas certamente fez de mim um cineasta mais consciente."
Steven Spielberg

"Um cineasta não serve para dizer coisas, ele serve para mostrá-las."
Alfred Hitchcock

"'Talvez' e 'um dia' são eufemismos para 'não'."
Katharine Hepburn para o diretor John Ford, cansada de esperar que ele abandonasse sua mulher

"Faço filmes que ninguém vai ver. Aliás, fiz alguns filmes que eu mesmo não vi."
Christopher Walken

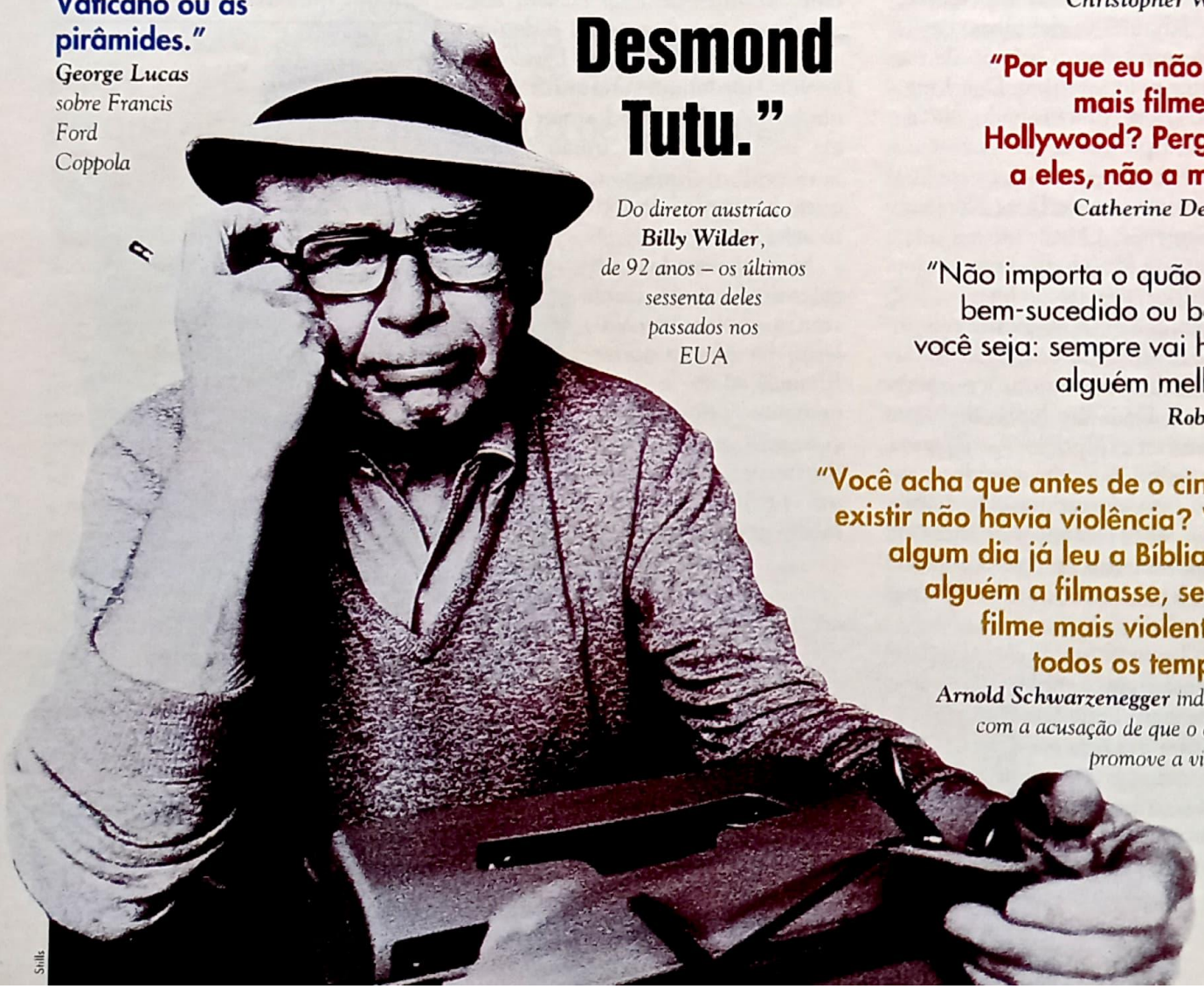
"Por que eu não faço mais filmes em Hollywood? Pergunte a eles, não a mim."
Catherine Deneuve

"Não importa o quão rico, bem-sucedido ou bonito você seja: sempre vai haver alguém melhor."
Rob Lowe

"Você acha que antes de o cinema existir não havia violência? Você algum dia já leu a Bíblia? Se alguém a filmasse, seria o filme mais violento de todos os tempos."
Arnold Schwarzenegger indigna-se com a acusação de que o cinema promove a violência

"Meu inglês é uma mistura de Arnold Schwarzenegger com bispo Desmond Tutu."

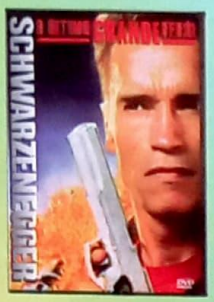
Do diretor austríaco Billy Wilder, de 92 anos – os últimos sessenta deles passados nos EUA

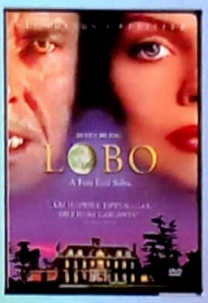


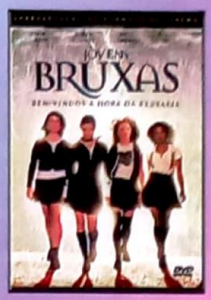
Stills

COMPRE POR TELEFONE E RECEBA EM CASA

DVD VIDEO



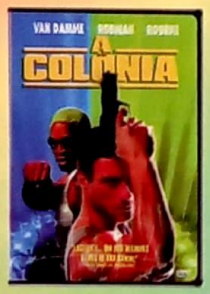




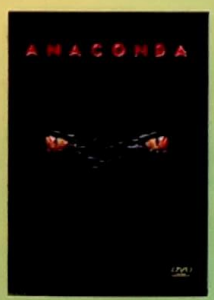
4 Títulos codificados para a **Região 4**

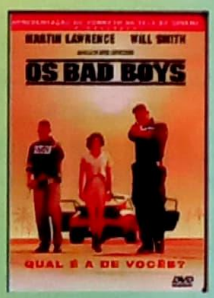
Legendados em Português

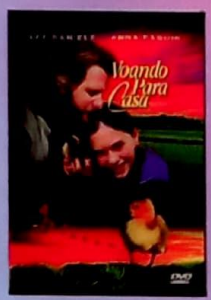
Faça o seu pedido: **(011) 290 0811**



Entregamos para todo o Brasil via Sedex (*)
(despesas por conta do destinatário)







Aceitamos todos os cartões de crédito

(*) Não remetemos produtos pelo sistema de REEMBOLSO POSTAL

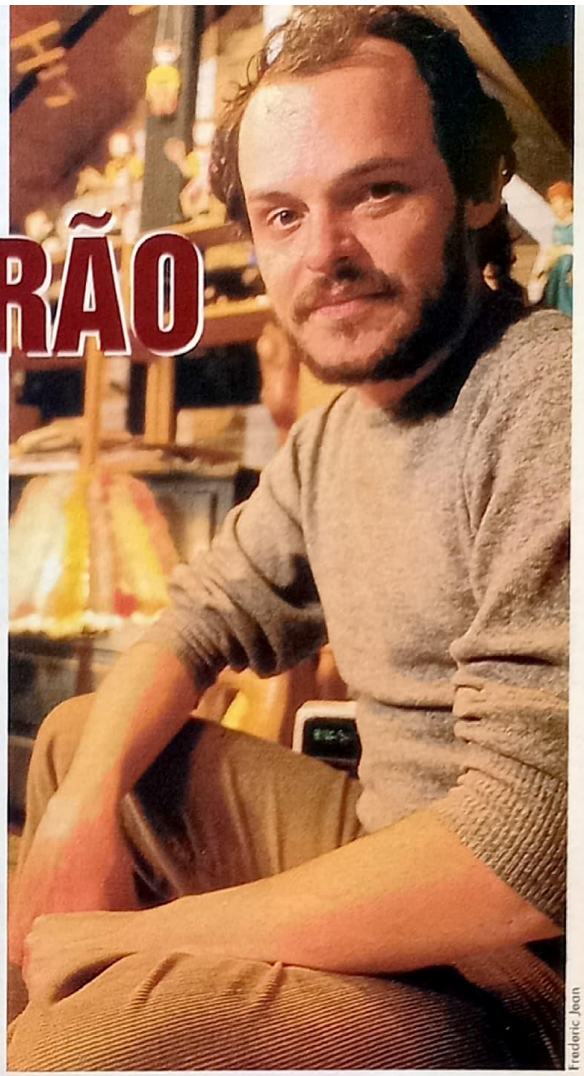
CINTVIDEO

CONFIANÇA, NOSSO PRINCIPAL NEGÓCIO

AV. GAL. ATALIBA LEONEL, 411 - SANTANA
02033-000 - SÃO PAULO/SP - FONE/FAX:(011) 290 0811

matheus nachtergaele

OPERÁRIO PADRÃO


Frederic Jean

No teatro, TV ou cinema, Matheus Nachtergaele está sempre à vontade

Ele diz que nunca soube que seria um ator. Mas quem o vê em cena não consegue imaginar este paulistano de 29 anos fazendo outra coisa. Após participar de quatro filmes em menos de dois anos, Matheus admite estar cada vez mais seduzido pelo cinema.

Para fazer o Cintura Fina (da minissérie *Hilda Furacão*) você buscou informações na zona boêmia de Belo Horizonte. Você sempre pesquisa ou acha que interpretar seja um ato instintivo?

Acho que é uma combinação das duas coisas. Cada ator tem seu método. Eu, particularmente, gosto de fazer a pesquisa, para sentir o clima. Mas às vezes não dá tempo. Eu não copio o que vejo, mas sinto a energia. Na hora de atuar, essa energia vem à tona.

Como você começou sua carreira?

Há nove anos, no Centro de Pesquisas Teatrais de Antunes Filho. Eu nunca soube que seria ator. Estudava Artes Plásticas, mas estava insatisfeito. Foi quando comecei a pensar em fazer teatro. Não imaginava que isso pudesse acontecer comigo. Não tinha nenhum artista na família, não tinha ligação com o meio teatral. Mas fiz o teste e, para meu espanto, fui aceito.

Mas parece que você enfrentou uma crise nesse começo, não?

Após um ano no CPT, tive o que costumo chamar de "crise de um ano": simplesmente fiquei em dúvida. Dei uma pirada e saí do Brasil. Fiquei um ano entre Bélgica e Paris, avaliando tudo o que tinha acontecido. Arranjei emprego de cantor em bares noturnos e isso foi me levando de volta aos palcos. Voltei, entrei na escola de arte dramática da USP e não parei mais.

Você disse que não tinha vontade de fazer TV pela falta de qualidade dos programas. O que mudou?

Continuo achando que fazer televisão é uma coisa muito delicada. Tenho tido a sorte de ter feito ótimos programas. Participei de dois episódios da *Comédia da Vida Privada*, que considerava o filé mignon da TV. E a minissérie não é uma obra aberta em que você vaga por meses. Fiz televisão da maneira como sonhava.

Você faz TV, teatro e cinema. Como consegue conciliar tudo?

Eu não sei. Às vezes acho que vou enlouquecer, mas por algum mistério do destino acaba dando tudo certo. Agora estou completamente envolvido com a peça *A Gaivota* (*de Daniela Thomas, com Fernanda Montenegro e Fernanda Torres*).

O teatro ainda é seu meio de expressão preferido?

Não posso dizer isso. Estou muito seduzido pelo cinema. Tive a oportunidade de participar de belíssimas produções nestes últimos dois anos e sinto saudade quando fico sem fazer. Não poderia colocar teatro e cinema em uma ordem de preferência. Agora, com certeza, sou cria de teatro, passei os últimos nove anos dentro de salas de ensaio. Quando estou em cena, minha vida faz sentido.

Você diz que a função do ator é "limpar o coração das pessoas"...

Acho que o público, quando vê um personagem, de alguma maneira vê a si próprio. E quando um trabalho é feito com profundidade, talvez ele possa enxergar alguma coisa que estivesse obscura para ele. Nesse sentido, digo que nós atores somos os abutres dos corações. Atuamos com uma fé quase louca para ajudar as pessoas – e a nós mesmos – a compreender um pouco mais da alma e do coração.

Você está com algum filme saindo do forno?

O Primeiro Dia, do Walter Salles, que se passa no reveillon do ano 2000. É um projeto canadense. Parece que cinco diretores estão fazendo filmes sobre a passagem do ano, e o Waltinho representa o Brasil.

Você é uma pessoa inquieta?

Muito, embora não faça planos. Só fico em paz quando estou em cena. Procuro entender o que é essa vida que a gente leva. E isso me deixa ansioso. Costumo dizer que sou uma ambulância apitando no meio de um engarrafamento em São Paulo.

Suzana Uchôa Itiberê

"Com certeza, sou cria do teatro. Quando estou em cena, minha vida faz sentido"

PARTICIPE DESTA PROMOÇÃO:

RESPONDA A FRASE ABAIXO, ENVIE À WN, E GANHE UM LINDO BRINDE.

"QUEM COMPRA NA _____ NÃO FICA PENDURADO DEPOIS."

AQUI VOCÊ TEM A MAIOR SEGURANÇA E OS MELHORES PREÇOS. PARA NÃO FICAR PENDURADO, COMPRE NA WN.

MONTE A SUA VIDEO LOCADORA COM A WN E APROVEITE ESSAS OFERTAS:

- 350 FITAS INCLUINDO LANÇAMENTOS
- 350 ESTOJOS NOVOS
- PRATELEIRAS PARA FITAS
- REBOBINADOR NOVO
- PORTA POSTER
- POSTERS A VONTADE

FRETE GRÁTIS PARA TODO O BRASIL NA COMPRA DO LOTE

ABERTO DAS 9:00 ÀS 18:00 HORAS

WN

TELEVENDAS: 6959-7959

RUA DR. GABRIEL PIZZA, 334 - 02036-010
SÃO PAULO - SP - (AO LADO DO METRO SANTANA)
SEGUNDA À SEXTA DAS 9 ÀS 18h
SÁBADO DAS 9 ÀS 16 h

TELEFAX: (011) 290-8143

O resgate

No calor da batalha: Tom Hanks lidera o pelotão encarregado do resgate de um soldado perdido nas linhas inimigas

do soldado ryan

Steven Spielberg dirige seu primeiro grande filme desde *A Lista de Schindler*: um retrato duro e violento da Segunda Guerra Mundial, traduzido na angústia de um pelotão comandado por Tom Hanks

Por José Emílio Rondeau

Fotos: UIP

A invasão da Normandia, mostrada nos primeiros 25 minutos do filme, corpos de soldados se amontoam na praia, com as vísceras

o resgate do soldado ryan

Europa em ruínas: Tom Hanks (*no centro*) e seus comandados penetram na França tomada pelos nazistas em busca de um soldado desaparecido

"Durante a Segunda Guerra Mundial não existiam áreas cinzentas: ou você vencia, ou morria." As palavras de Arnold Spielberg, um senhor reservado de 81 anos, tiveram um grande impacto em seu filho, Steven. Afinal, Hollywood sempre mostrou a Segunda Guerra como o retrato mais nobre do homem e sua luta pela liberdade. Mas não eram essas as palavras que o futuro cineasta ouvia do pai: o objetivo da guerra podia ser nobre, mas no campo de batalha existia apenas a vida e a morte.

O Resgate do Soldado Ryan, portanto, é o primeiro filme que Spielberg faz – pelo menos conscientemente – para o pai, que lutou em Burma, onde era encarregado do rádio como parte da tripulação de um bombardeiro B-25, antes de tornar-se engenheiro eletrônico especializado em computadores: "Meu objetivo, com este filme, era exonerar os veteranos da Segunda Guerra, contando sua história, tentando mostrar o que realmente aconteceu com eles".

REALISMO FANTÁSTICO Utilizando um artifício de narrativa fictício – o resgate do último sobrevivente em combate de quatro irmãos de uma mesma família, um ato de alto risco militar, mas de suprema importância no terreno das relações públicas –, Spielberg reproduz o Dia D, o desembarque de tropas americanas nas praias da Normandia que deslanchou o desfecho da Segunda Guerra Mundial a favor das tropas aliadas. É uma reprodução brutalmente realista filmada em Wexford, costa leste da Irlanda – a mesma praia onde alguns dos soldados americanos se prepararam para o desembarque histórico.

Não é a primeira vez que Spielberg aborda a Segunda Guerra. Antes mesmo de *O Império do Sol* e de *A Lista de Schindler*, ele havia dirigido um curta de quarenta minutos sobre a guerra, *Escape to Nowhere*, quando tinha apenas treze anos. Mas *O Resgate do Soldado Ryan* pretende examinar com mais profundidade os efeitos da guerra sobre os soldados. "Queria fazer com que as pessoas se perguntassem se há lugar para a decência no combate", explica Spielberg. "Se a alma de um soldado consegue sobreviver, ou o que realmente sobrevive."

Mais do que examinar as questões morais levantadas pelo conflito, o objetivo de Spielberg era fazer o filme de guerra mais realista já realizado. Em termos cenográficos, isso significava arregimentar 750 figurantes emprestados pelo exército irlandês – muitos haviam trabalhado com Mel Gibson em *Coração Valente* –, mais de duas mil armas da época, bem como veículos militares idênticos aos usados no desembarque na Normandia. Curiosamente, a maioria dos barcos militares usados no filme foi encontrada num depósito em Palm

não poupa a platéia: esparramados pela areia

Springs, em pleno deserto californiano.

Em termos técnicos, o realismo almejado por Spielberg foi traduzido nos movimentos da câmera durante as seqüências de batalha, orquestrados como se ela estivesse sendo operada por um cinegrafista militar da Segunda Guerra Mundial – grudado ao chão, tremendo, deixando a câmera rodar mesmo depois de ter tombado e rolado pela areia. O diretor também abriu mão de filtros geralmente usados em produções de Hollywood para obter imagens parecidas com aquelas rodadas pelos cinegrafistas dos anos 40 e tirou sessenta por cento da cor de todo o filme, para que, com o visual envelhecido, o público sentisse que estava vendo algo que fazia mesmo parte da história. Significava também manipular a película artificialmente de maneira a ressaltar os tons de vermelho – sublinhando, assim, o sangue na tela.

E sangue é o que não falta em *O Resgate do Soldado Ryan*. "Você não morre em câmera lenta, com o sangue falso explodindo em seu peito e uma bola de fogo saindo por suas costas", diz Spielberg. Durante os primeiros 25 minutos do filme – que mostram a invasão da Normandia –, o cineasta fez questão de não poupar a platéia. O que se vê são soldados se amontoando na praia com as vísceras esparramadas pela areia, outros com ➔

O que foi o Dia D

Hitler em dúvida, aliados dispostos a tudo: a operação que mudou a guerra

Em 6 de junho de 1944, a França foi palco do maior desembarque anfíbio da história: um exército de 155 mil soldados aliados, principalmente britânicos, americanos e canadenses, desembarcou na Normandia numa operação batizada de Overlord. O inimigo era o exército alemão, equipado com tanques de sessenta toneladas, aviões a jato e mísseis balísticos.

Adolf Hitler tinha tomado a maior parte da Europa desde 1º de setembro de 1939. Em junho de 1941, ele invadiu a União Soviética; mas às suas costas restava ainda o Reino Unido, desde dezembro de 1941 reforçado pelos EUA – que estavam sendo atacados pelos japoneses, aliados dos alemães.

Desde 1942 os soviéticos pediam a abertura dessa "segunda frente" contra os alemães. Mas só em 1944, depois de muita discussão e de terem iniciado a invasão da Itália, é que os aliados anglo-americanos se dispuseram a atacar a "fortaleza Europa" de Hitler.

Dia D, Hora H são termos militares. Significam o dia e a hora de um ataque e estarão para sempre associados a 6 de junho de 1944. A Hora H foi 6h30, horário previsto para as tropas vindas do mar atingirem o solo francês.

Os números do Dia D são superlativos. Arredondando: mais de 12 mil aviões apoiaram 4 mil navios, que desembarcaram 155 mil soldados em 24 horas.

Os alemães lutaram como animais acuados. Vários historiadores militares ingleses e americanos reconhecem que eles combateram com mais competência que os aliados. O resultado final demorou algum tempo. Tudo ocorreu razoavelmente bem em quatro das cinco praias de desembarque. Na americana Omaha (nome de código), só à tarde é que a situação se estabilizou.

Os civis estiveram entre as maiores vítimas. Cerca de 200 mil edificações foram destruídas na Normandia durante os combates nas semanas que se seguiram ao Dia D. "Você imagina que, na hora em que estiver acordando, 20 mil homens podem ter sido mortos?", indagou o primeiro-ministro britânico Winston Churchill à sua mulher, na noite de 5 de junho de 1944. Na verdade, morreram 2,5 mil soldados aliados.

Churchill não era o único em dúvida. O comandante alemão da frente ocidental, o general Karl Rudolf Gerd von Rundstedt, achava que o ataque viria pelo caminho mais óbvio e curto, o Passo de Calais – assim como Hitler. Seu subordinado, Erwin Rommel, tinha basicamente a mesma idéia, mas achava que o desembarque tinha de ser contido logo na praia. Na dúvida, Hitler optou pelo meio-termo, e as vitais divisões Panzer (blindadas) não puderam intervir imediatamente, permitindo aos aliados pôr o pé em terra.

No começo de 1944, o exército alemão tinha 314 divisões, das quais 215 estavam na frente russa. Na França estavam 61. Graças a essa disparidade, foi possível aos anglo-americanos desembarcar e usar sua superioridade material. Ainda assim, milhares de soldados serviram como "bucha de canhão", como foi mostrado pelos muitos mortos em Omaha.

Ricardo Bonalume Neto

Para dar aos seus atores a aparência de soldados exauridos física e pela guerra, Spielberg os obrigou a cumprir dez dias de um pe

a cabeça arrebentada, braços arrancados, gritos e muito desespero. "As cenas da invasão são muito violentas", afirma Tom Hanks. "Mas nem uma cena sequer é gratuita. Mostramos a bala sendo disparada, que faz um barulhão e um clarão bacanas. Mas mostramos também quando ela atravessa um crânio humano e arrebenta ossos e o cérebro, o que não é nem um pouco agradável de ver."

Morrendo na praia: as cenas da invasão da Normandia, mostradas nos primeiros 25 minutos do filme, explicitam a violência da guerra

DEZ DIAS NO INFERNO A preocupação com o realismo representou uma carga extra para os atores principais, os soldados interpretados por Jeremy Davies, Edward Burns, Vin Diesel, Adam Goldberg, Barry Pepper e Giovanni Ribisi, mais o sargento Tom Sizemore e o capitão Tom Hanks. Para dar a eles a aparência e a atitude de soldados em frangalhos, extenuados física e espiritualmente, Steven Spielberg obrigou os atores que fariam parte do pelotão comandado por Hanks no filme a cumprir dez dias de treinamento em frios bosques irlandeses sob a tutela do capitão reformado Dale Dye, um veterano da Marinha americana que esteve em combate no Vietnã e em Beirute.

A experiência foi das mais intensas e exigentes, e esmigalhou o ego de todos os atores: Dale Dye se dirigia a eles apenas pelos nomes de seus personagens e chamava a todos, democraticamente, de "montinhos de merda" – Tom Hanks, ganhador de dois Oscar, ganhou o privilégio de ser o "montinho número um". "O primeiro dia até que não foi ruim", lembra Burns. "Caminhamos pelo bosque durante uns dez quilômetros e montamos nossas barracas. Aí começou a chover – e não parou de chover pelos próximos sete dias. De noite, a temperatura caía para oito graus, e a essa altura a barraca, seu cobertor e toda sua roupa estão encharcadas – e você não consegue dormir."

Os que conseguiam dormir – ou, nas palavras de Adam Golberg, conseguiam algo que nem parecia mais um sono – eram acordados à noite em

the Thin Red Line

A dura realidade da Segunda Guerra vai render pelo menos mais um grande filme este ano: Terrence Malick, o mítico cineasta que se tornou um recluso depois de fazer dois dos mais importantes filmes dos anos 70, *Terra de Ninguém* e *Cinzas no Paraíso*, resolveu voltar à ativa dirigindo *The Thin Red Line*, adaptado do livro homônimo do escritor James Jones. O cenário é a batalha de Guadalcanal, que americanos e japoneses travaram no Pacífico Sul, e o elenco é o suficiente para um regimento de primeira linha: John Cusack, Sean Penn, George Clooney, Nick Nolte, John Travolta, Bill Pullman e Woody Harrelson, entre outros.

emocionalmente
sado treinamento militar

meio a um ataque simulado e saíam correndo de cuecas e meias, no frio, no escuro e na lama, procurando um inimigo invisível. Os que deixavam sua arma a mais de um metro de distância eram obrigados a fazer flexões na lama.

E a coisa só piorava. A rotina dos atores era acordar às cinco da manhã, correr dez quilômetros para então tomar o precioso café da manhã: café em pó de terceira e uma gororoba qualquer. Depois, cada um vestia seu uniforme de lã, colocava a mochila de vinte quilos nas costas, pegava seu rifle – que pesa doze quilos – e saía para uma caminhada de mais vinte quilômetros debaixo de chuva e no meio da lama. "Depois de quatro dias de tortura", diz Burns, "já estava todo mundo farto. Alguns até ficaram doentes".

Após alguns dias nessa rotina, os atores passaram a questionar se eles teriam energia para trabalhar no filme, porque as filmagens começariam dois dias depois do final do treinamento. A situação explodiu quando eles acharam ter chegado ao limite de sua resistência e propuseram uma votação para decidir se fariam o treinamento até o fim ou se paravam naquele momento e desfrutavam um merecido descanso antes do início das filmagens. Todos votaram a favor de encerrar o treinamento naquela hora, três dias antes do previsto. Todos, exceto Tom Hanks. ➔

Quem é quem

Da esquerda para a direita:

BARRY PEPPER é o SOLDADO JACKSON: Caipira do estado sulista do Tennessee, sempre com uma citação da Bíblia na ponta da língua, ele é o melhor atirador do grupo formado para resgatar Ryan, com uma mira feita para salvar vidas.

TOM HANKS é o CAPITÃO JOHN MILLER: O mais simpático dos astros de Hollywood muda de registro para viver o oficial que lidera um destacamento para além das linhas inimigas. Sério e caladão, não quer saber de laços pessoais com os soldados.

TOM SIZEMORE é o SARGENTO HORVATH: Um dos mais competentes coadjuvantes americanos, Sizemore interpreta um combatente veterano que é o braço direito do capitão Miller, apesar de seu temperamento explosivo.

ED BURNS é o SOLDADO REIBEN: O cineasta e ator que estourou no circuito independente com *Os Irmãos McMullen* faz um nova-iorquino cínico que não esconde sua raiva por ter de arriscar a vida para salvar um desconhecido.

O CAPITÃO DALE DYE é o treinador do destacamento: Veterano do Vietnã, Dye continuou envolvido com a guerra ao deixar o exército – mas servindo em outra frente, a do cinema, como consultor de *Platoon*, *Nascido em 4 de Julho* e outros.

VIN DIESEL é o SOLDADO CAPARZO: Italiano de Nova York, durão mas inesperadamente sensível, ele é o primeiro do pelotão a levantar a voz para questionar a ética de arriscar a vida de muitos para salvar um só.

ADAM GOLDBERG é o SOLDADO MELLISH: Falante e inteligente, este soldado judeu nascido e criado no subúrbio nova-iorquino de Yonkers tem uma razão bem pessoal para se engajar no combate contra os nazistas.

GIOVANNI RIBISI é o OFICIAL MÉDICO WADE: Sensível, dedicado e preocupado, ele enfrenta uma das missões mais difíceis dentro do grupo – além de combater, tem de cuidar dos feridos em meio ao caos da batalha.

JEREMY DAVIES é o CABO UPHAM: É o peixe fora d'água do destacamento – muito mais versado em livros do que em combates, é arregimentado para a missão por falar várias línguas. Para Spielberg, ele está lá representando a platéia.

"Quando seu amigo morre em combate", disse Dale Dye, o ex-militar q "você não sente tristeza ou raiva. Você fica feliz, porque foi ele, e

VERGONHA PARA O RESTO DA VIDA

Spielberg estava sabendo do descontentamento dos atores com o treinamento, e solicitou a ajuda de Hanks, pedindo para ele usar sua experiência como diretor para fazer com que o pelotão mudasse de idéia. "Tudo bem, chefe", disse Hanks, "eu dou um jeito." O ator se reuniu com seus colegas, e disse que, embora todos estivessem completamente exaustos, ele sabia que aquela era a única chance para eles se prepararem de verdade para o que os aguardava. "Sem o treinamento, estaríamos à mercê do figurinista ou do contra-regra", disse Hanks, "e neste filme a maneira de se usar um chapéu não nos serviria em nada. Essa seria nossa única chance de incorporar os personagens, e eu não queria perdê-la." Hanks propôs, então, uma nova votação – e dessa vez o resultado foi a favor de levar o treinamento até o fim.

De olho no inimigo: Tom Hanks, Matt Damon e Edward Burns tentam escapar com vida do inferno da Segunda Guerra Mundial

Apesar da exaustão física, o capitão Dale Dye cutucava a ferida para que os atores sentissem o que significava lutar em uma guerra – não como as batalhas vistas no cinema, e sim em conflitos de verdade. "Em pleno combate, o sujeito do seu lado cai como um saco de areia molhado", contava Dale à tropa. "Você se aproxima dele; ele engasga, vomita um pouco e morre. Ele é seu melhor amigo. Como você se sente?" As respostas – raiva, pesar, tristeza – eram prontamente interrompidas por Dale: "Besteira. Você se sente *feliz*. Feliz porque foi *ele* quem morreu, e não você. E logo depois vem a vergonha. E essa vergonha os acompanhará pelo resto de suas vidas".

Terminado o treinamento, Dale Dye fez uma preleção a sua turma de formandos. "Vocês estão representando minha irmandade de soldados, todos os homens que morreram por este país e todos os homens que morreram na praia naquele dia", esbravejou. "Não vou permitir que vocês desgracem a honra desses homens. Vocês levarão a sério esse treinamento militar."

"Foi um tapa na cara de todo mundo no elenco", confessa Burns. "Dale mostrou que tínhamos uma responsabilidade e que precisávamos fazer um bom trabalho." Toda a equipe concordou que a tortura comandada por Dale Dye valeu a pena porque, quando as câmeras começassem a rodar,

US$ 5,1 bilhões

foi quanto os filmes de Steven Spielberg, de sua estréia em *Louca Escapada*, de 1974, ao drama escravista *Amistad*, lançado ano passado, faturaram no mundo inteiro

ue treinou os atores, não você, quem morreu"

ninguém se pareceria com um ator bem alimentado que acabou de sair de seu trailer, e sim com soldados de verdade, endurecidos para a batalha.

Dois dias depois de terem deixado o campo de treinamento de Dale Dye, os atores estavam filmando o desembarque na Normandia – todos menos um. "Todo mundo foi para o campo de treinamento, menos eu", admite Matt Damon, o soldado Ryan que dá título ao filme. Havia uma razão: como cada soldado estaria ressentido por estar arriscando sua vida para salvar um único homem, Spielberg queria essa hostilidade em cena. "Quando cheguei ao set, o elenco já estava entrosado, já que haviam passado pelo treinamento juntos", lembra Damon. "Quando nos encontramos pela primeira vez, o ressentimento veio à tona, e isso acaba ajudando o filme."

O PREÇO DA GUERRA De um modo geral, as filmagens de *O Resgate do Soldado Ryan* mexeram muito com o elenco. E não apenas pelo contato do pessoal mais jovem com a Segunda Guerra, mas também pela chance de trabalhar com Steven Spielberg. "Acho que ele não faz idéia do que significa para um jovem ator estar em um de seus filmes", conta Jeremy Davies, mais conhecido por sua participação em produções independentes, como *Spanking the Monkey*. "Mas ➔

crítica

Sangue e lágrimas

Spielberg abandona o sentimentalismo e se entrega aos horrores da guerra

Steven Spielberg garante ter testemunhado em 1972 o episódio reproduzido nas seqüências que abrem e fecham *O Resgate do Soldado Ryan*: um senhor de cerca de setenta anos que, emocionadíssimo, visita na Normandia os túmulos onde estão enterrados os soldados aliados que foram mortos durante o desembarque no Dia D. Diante do mar de cruzes, ele cai de joelhos e mergulha num pranto profundo, incontrolável, enquanto a família, que o acompanha na visita, vem acudi-lo.

Curiosamente, essa é a única cena que parece artificial, planejada cirurgicamente de modo a fazer a platéia chorar em clássico estilo spielbergiano. Mas é só. Afora esse trecho ambientado nos dias de hoje, *O Resgate do Soldado Ryan* é uma *tour de force* consagratória de um cineasta magistral trabalhando no topo de sua forma e em controle absoluto de sua arte e de seu ofício. Spielberg bombardeia a platéia com os horrores da guerra de uma forma que nenhum outro filme fez, jamais desviando o olhar da violência esmagadora do combate, mas também examinando sem demagogia ou patriotada as cicatrizes morais e espirituais e os dilemas nascidos no campo de batalha.

O fio condutor é a busca pelo soldado Ryan (Matt Damon), o único de quatro irmãos a ainda estar vivo na guerra. O exército quer salvá-lo, mas não para poupar sua mãe de mais sofrimento, e sim porque seria uma excelente jogada de relações públicas. Na busca do desaparecido parte um relutante pelotão comandado pelo misterioso capitão Miller (Tom Hanks) – relutante porque nenhum dos soldados enxerga real importância na missão, e todos questionam a sanidade de arriscar-se a vida de oito homens em nome do resgate de um.

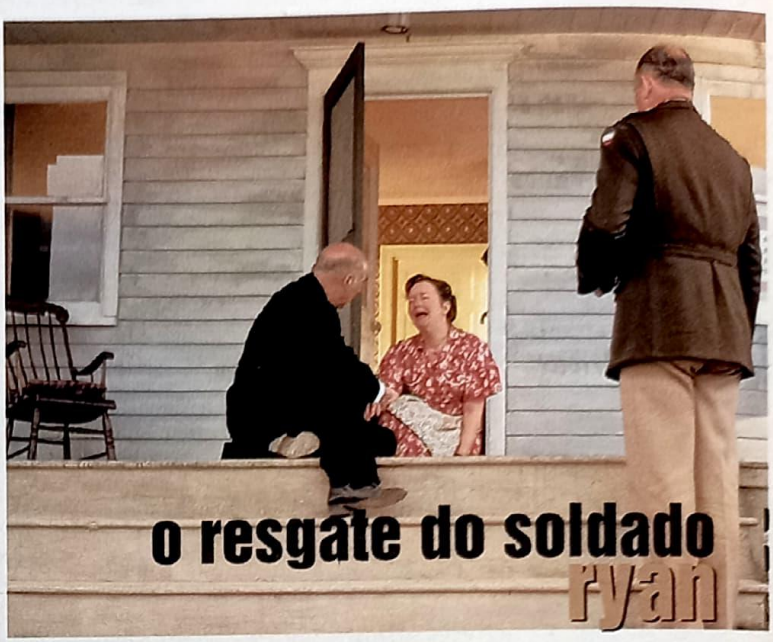
Miller e seus soldados nos são apresentados durante a invasão da Normandia, retratada nos primeiros 25 minutos do filme – uma batalha que dá o tom da guerra e do filme, em um espetáculo de violência que leva a platéia para o coração da guerra de um modo nunca antes mostrado em uma produção hollywoodiana.

É bom a Academia começar a polir as estatuetas de Spielberg e Hanks para a festa do Oscar do ano que vem: *O Resgate do Soldado Ryan* possui todos os predicados para ser o grande vencedor.

(Saving Private Ryan, EUA, 1998) ***Direção:*** *Steven Spielberg.* ***Com*** *Tom Hanks, Edward Burns, Tom Sizemore, Matt Damon, Jeremy Davies, Vin Diesel, Adam Goldberg, Barry Pepper, Giovanni Ribisi, Dennis Farina, Ted Danson. 169 min.*

Para o ator e diretor Ed Burns, trabalhar com Spielberg foi um bônus: "Foi como freqüentar a melhor escola de cinema do mundo"

Angústia: a sra. Ryan recebe a notícia da morte de três de seus filhos



ele é humilde demais."

Já Edward Burns, diretor e roteirista do elogiado *Os Irmãos McMullen*, aproveitou a oportunidade para aprender cinema vendo um mestre trabalhar. Ele passava o dia inteiro no set de olho em Spielberg, tentando absorver o máximo possível. "Era como estar freqüentando a melhor escola de cinema do mundo", lembra Burns."Por outro lado, eu não precisava me preocupar com as coisas que geralmente me preocupariam num filme, como o posicionamento da câmera ou a iluminação." Ele ainda diz que teve liberdade para experimentar coisas que nem sequer pensaria em um de seus filmes: "Quando você trabalha com gente como Steven Spielberg e Tom Hanks, você se arrisca mais por saber que está em boas mãos".

Matt Damon afirma que nada que ele leu sobre a Segunda Guerra na escola pode ser comparado com a experiência de fazer *O Resgate do Soldado Ryan*. "Durante as aulas de história, a gente aprende que um número de pessoas morreu em tal dia em tal batalha, mas é muito diferente quando você participa de um filme como este", explica Matt. "É uma experiência visceral. Foi a primeira vez que vi um filme esquecendo que estava nele."

O jovem ator conta que conversou com veteranos de guerra e diz que até hoje eles sofrem as conseqüências psicológicas do Dia D. "Mesmo aos oitenta anos de idade, eles morrem de medo de trovoadas e precisam se esconder debaixo das cobertas", finaliza Damon. "Passei a ter o maior respeito por essas pessoas, e compreendo melhor qual é o preço que se paga por uma guerra." ■

Os mortos na Segunda Guerra

URSS - 26 milhões

Polônia - 4,3 milhões	Alemanha - 4,2 milhões
China - 2,2 milhões	Iugoslávia - 1,7 milhão
Japão - 1,2 milhão	França - 600 mil
Romênia - 450 mil	Hungria - 420 mil
Itália - 410 mil	EUA - 400 mil
Reino Unido - 390 mil	Tchecoslováquia - 360 mil
Áustria - 330 mil	Holanda - 210 mil
Grécia - 160 mil	Bélgica - 90 mil
Finlândia - 85 mil	Bulgária - 20 mil
Noruega - 10 mil	Luxemburgo - 5 mil
Brasil - 2 mil	Dinamarca - 1 mil

Uma guerra particular

Steven Spielberg explica por que quer mostrar os combates como eles foram, e não como Hollywood desejava que eles fossem

É verdade que o primeiro filme que você fez, ainda no ginásio, era um filme de guerra?

Bem, o segundo filme que eu fiz, aos treze anos, chamava-se *Escape to Nowhere* e era sobre a Segunda Guerra. Ele tinha uns quarenta minutos e foi rodado em 8 milímetros.

Esse então é um tema que sempre afetou você, não?

É. Meu pai hoje tem 81 anos, e lutou na Segunda Guerra. Ele freqüentemente se reunia com seu grupo de combate, então tive diversas oportunidades de ouvir homens adultos contando histórias de guerra – e elas eram muito diferentes do que Hollywood me mostrava. Por muito tempo, preferi acreditar no cinema, e não em meu pai e seus amigos: as histórias que eles contavam eram incrivelmente duras. Um dia, porém, percebi que eles é que estavam certos e Hollywood vinha me enganando.

Quando você estava naquela praia filmando *Soldado Ryan*, você se sentia como um general?

De forma alguma. Eu me sentia como um soldado louco para dar o fora daquele lugar. Filmei toda a seqüência da praia de Omaha em continuidade, porque cada momento vivido ali me dizia como deveria ser o próximo. Exceto por *A Lista de Schindler*, eu nunca tinha feito um filme sério de guerra. Todos os *Indiana Jones* têm a Segunda Guerra como pano de fundo, mas os nazistas estão lá para nos divertir, não para nos contar algo sobre a história.

O que mudou desde *Schindler* para que você passasse a se dedicar a esses tópicos tão sérios?

Simplesmente amo história e há coisas que quero que meus filhos saibam – quando tiverem idade suficiente para tanto. É como entrar em uma máquina do tempo e viver o que outras pessoas viveram. Todos os dias, naquela praia, eu tinha de me beliscar – não para me dar conta de que eu estava de fato ali, mas para me lembrar de que eu deveria ser fiel à realidade, e não ao que o cinema vem fazendo há cinqüenta anos.

Há quem reclame da violência excessiva de *Soldado Ryan*.

Eu realmente queria dar à platéia uma experiência física, e não apenas voyeurística. Portanto, fiz tudo em meu poder para criar uma experiência que é um olhar honesto e visceral sobre algo que de fato aconteceu. Para dizer a verdade, até deixei muita coisa horrível de fora.

Você consegue imaginar algum de seus filhos se tornando um cineasta?

Até o momento, nenhum deles parece muito interessado – e eu tenho sete filhos, entre dezoito meses e 21 anos. Eles têm câmeras de vídeo e fazem pequenos filmes um do outro em casa, mas nenhum deles tem aquela fascinação que eu tinha nessa idade.

O que você acha de lançar um filme sério como este em pleno verão americano?

Olhe, acho que todos os filmes são para todas as temporadas. Hollywood dá peso demais a essa história de quais filmes funcionam em qual época do ano, mas isso é só um jogo de espelhos e fumaça.

Você disse recentemente que, hoje, não faria *Contatos Imediatos do Terceiro Grau* como fez em 1977. O que você mudaria?

Eu não deixaria Richard Dreyfuss abandonar sua família para embarcar naquela nave. Em 1976, quando eu rodei o filme, eu não tinha uma família – então é claro que eu o deixaria entrar alegremente na nave-mãe e largar a mulher e os filhos para trás. Hoje? Nunca!

Jenny Peters

HBO is a Trademark of Home Box Office, a Time Warner Entertainment Company

DPZ

"Para Mim A Noite É Cheia de Surpresas"

Ana Maria S. Carvalho, arquiteta, assinante da HBO

Tem dias em que a Ana Maria não sabe mais onde está. É tanta aventura, romance e suspense que fica difícil acreditar que ela poderia estar na sua própria casa. Afinal, não é todo mundo que recebe a visita de pessoas como o Batman - o Cavaleiro das Trevas de vez em quando dá uma passadinha por lá, para ver se está tudo em ordem.

Mas não é só o mascarado de Gotham City que freqüenta a casa da Ana. Outros heróis, vilões e aventureiros levam, todos os dias, muita ação para a sua vida: Ana dá boas risadas com os melhores comediantes; se emociona com os casais apaixonados e, quando tudo parece estar calmo, assassinos psicóticos invadem as suas poltronas. As noites na casa da Ana são um sucesso garantido. Graças à HBO, de que ela é assinante.

HBO faz parte da vida da Ana. E de milhares de outras pessoas que querem ter sempre um bom programa. Só com a HBO é possível ver os mais recentes lançamentos de Hollywood e os grandes sucessos de bilheteria. E a HBO não é feita só de filmes dos grandes estúdios - shows exclusivos, documentários e Produções Originais HBO também fazem parte da programação. O assinante assiste tudo isso sem filas, sem cabeças atrapalhando a visão ou casaizinhos conversando durante todo o tempo.

HBO faz parte da Abril. E a Abril faz parte da vida de quase todo mundo, até de quem pensa que Coppola, Bertolucci e Fellini são os nomes dos atacantes da seleção italiana de futebol.

Faz parte da vida de quem assiste TV - além da HBO Brasil, a TVA, a DIRECTV, a MTV, o CMT e a ESPN Brasil, entre outros, integram o Grupo Abril; faz parte da vida de quem lê revistas - são quase 200 títulos diferentes; faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura.

Há quase meio século, a Abril entra na casa dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,8 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satélite exclusivo! Com 5,4 milhões de fitas de vídeo, 13 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROMs, que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação. Para defender a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros.

Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que a sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida!

Abril

Faz Parte da Sua Vida

veja · EXAME · Quatro Rodas · DIRECTV · PLAYBOY · ESPN Brasil · info · Abril Jovem · manequim · CLAUDIA · MTV · Guia Quatro Rodas · FLUIR · DIGISAT · SET · VIP · CAPRICHO · Listel · SHOWBIZZ · ELLE · Abril Vídeo · DATA LISTAS · Pato Donald · HBO Brasil · Ação Games · Arquitetura & Construção · MusiClub · contigo! · ESCOLA · SUPER INTERESSANTE · BravoBrasil · HOROSCOPO · AD Arte e Decoração · Universo Online · Terra · EURO CHANNEL · CARAS · Viagem · BOA FORMA · CASA · carícia · CMT · Saúde! · ALMANAQUE ABRIL · Abril Coleções · AnaMaria · NOVA · PLACAR

moo
3
de

as de futuro

Uma nova geração de atrizes busca seu espaço no primeiro time de Hollywood, apostando em inteligência e talento. Bem, e é verdade que a beleza estonteante delas ajuda um pouquinho

nise richards garota selvagem

Há pouco mais de um ano, Denise Richards não passava de uma coadjuvante em séries como *Barrados no Baile* e *Melrose* – a jovem de corpo escultural que serve para a) ser o interesse romântico do galã da semana ou b) tornar-se a antagonista de alguma estrela da série. Daí veio *Tropas Estelares*, a superprodução de ficção científica dirigida por Paul Verhoeven... e as coisas não mudaram: no filme, o elenco jovem e lindo parecia uma coleção de bonecos de plástico, com aquele perene sorriso alvíssimo no rosto. "Era irritante", lembra Denise, que remediou a situação com um suculento papel no thriller *Garotas Selvagens*. Afinal, quem poderia imaginar que a moça com carinha de anjo da televisão e de *Tropas* pudesse se sair tão bem em tórridas cenas de sexo com Matt Dillon e Neve Campbell – e com os dois ao mesmo tempo? "Foi assustador", conta a atriz de 25 anos. "Nunca tinha ficado tão nervosa em toda a minha vida. Numa exibição particular para o elenco, Neve e eu não conseguíamos parar de rir." E Denise nem deveria. *Garotas Selvagens* a colocou numa categoria à parte em Hollywood, e seu telefone não pára de tocar. Para seu próximo filme, ela espera não ter de ficar nua. "É estranho se ver sem roupas na tela, mas a gente se acostuma", ressalta. "Só não quero que meu pai veja meus seios em *Garotas Selvagens*! Espero que ele cubra os olhos." Então ele vai ser o único.

Em breve em *Taillights Fade*, com Jake Busey, e em *Dairy Queens*, com Ellen Barkin.

moças de futuro

ashley judd
cheiro de banho

Diga rápido: quantas atrizes de Hollywood sabem fabricar seu próprio sabão? "É só misturar banha e soda em água fervente", explica Ashley, que viveu na pobreza depois que seu pai deixou a família. A penúria acabou quando sua mãe e irmã formaram uma dupla country, e aí Ashley tratou de ir atrás de independência – e de um diploma em Literatura Francesa. O sonho de vencer em Hollywood a levou a Los Angeles, onde foi garçonete até descolar uma ponta no policial *Kuffs* – seguida de papéis cada vez mais expressivos até o sucesso *Beijos que Matam*, com Morgan Freeman. Acima de tudo, Ashley é determinada e sabe quais são suas prioridades: comida, religião, filmes e sexo. "Não necessariamente nessa ordem", brinca.

Em breve em *Eye of the Beholder*, com Ewan McGregor, e em *Double Jeopardy*, com Tommy Lee Jones.

jennifer love hewitt
um pé aqui, outro lá

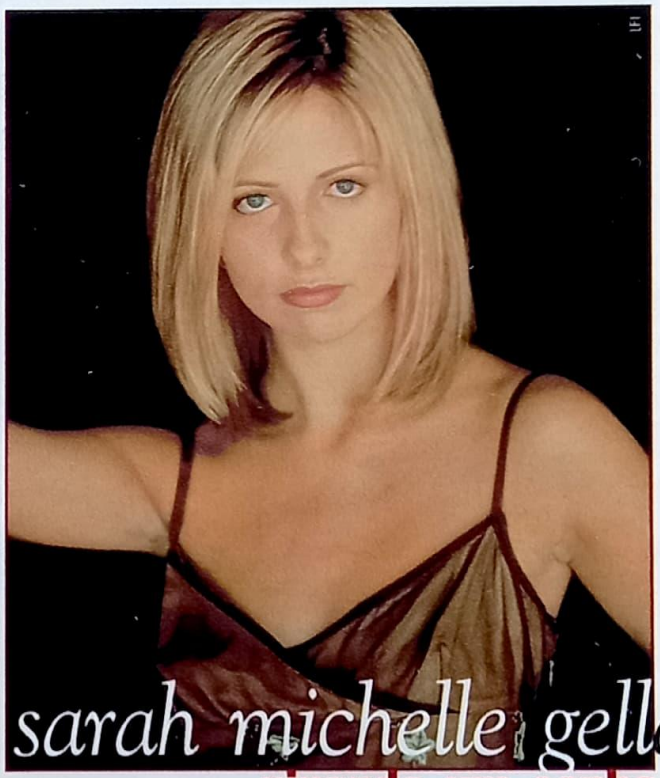
A estrela da série *O Quinteto* planeja sua carreira com a determinação de uma veterana e, ao mesmo tempo, não larga as traquinagens de alguém que sequer saiu da adolescência, que morre de amores por Johnny Depp e que é capaz de atos impulsivos – como adiar compromissos e pegar um avião só para estar um dia ao lado do namorado. Catapultada ao estrelato com o terror teen *Eu Sei o que Vocês Fizeram no Verão Passado*, ela também tira de letra as comparações que a mídia faz com sua parceira em *O Quinteto*, Neve Campbell, que se tornou uma estrela com *Pânico*. "As pessoas acham que existe uma rivalidade entre nós", diz a atriz de dezenove anos. "Mas eu não poderia ter mais orgulho de um ator do que sinto por ela. Neve é um modelo."

Em breve em *Can't Hardly Wait* e em *I Still Know What You Did Last Summer*.

drew barrymore
levada da breca

Depois que estreou como a garotinha de *E.T.*, Drew foi ao inferno e voltou. Sua infância e adolescência não foram marcadas por descobertas, e sim por álcool e drogas. Pode até ser herança da família, repleta de atores consagrados e confusos. Drew, porém, superou a má fase para se tornar uma atriz respeitada, trabalhando com bambas como Woody Allen e Wes Craven. Mas a imagem que ficou foi a de menininha. Quando ela fez um ensaio para a *Playboy*, Steven Spielberg mandou-lhe um exemplar enrolado num cobertor. "Quando fui olhar", conta Drew, "vi que eu estava usando um biquíni digital!" Dentro da revista, um bilhete: "Cubra-se". Ah, deixa ela, Steven.

Em breve em *The Wedding Singer*, com Adam Sandler, e em *Ever After – A Cinderella Story*, com Anjelica Huston.

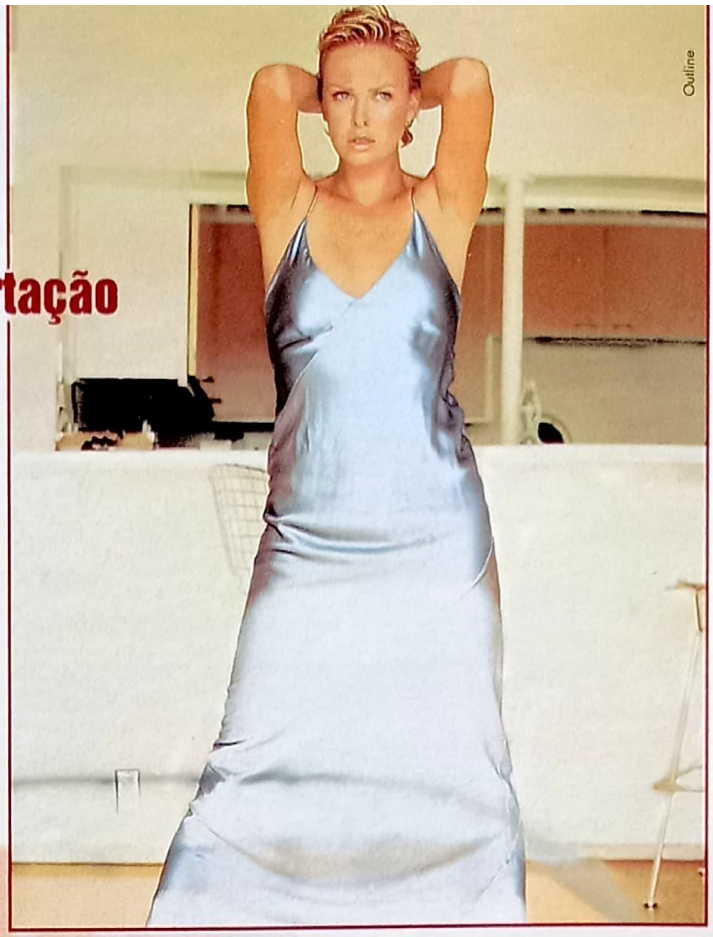


sarah michelle gellar
vivendo um sonho

"Meu sonho sempre foi ser um ídolo para os adolescentes", disse Sarah. E não é que ela conseguiu? Aos vinte anos, a protagonista da série *Buffy – A Caça-Vampiros* tornou-se o objeto de desejo de milhares de adolescentes que acompanham o programa – os mesmos que lotaram os cinemas para ver *Eu Sei o que Vocês Fizeram no Verão Passado* e *Pânico 2*, ambos com Sarah. Assídua em produções para TV e em comerciais desde os quatro anos, Sarah acertou em cheio com *Buffy*. Agora, sem abandonar o trabalho na TV, a atriz se prepara para novos desafios no cinema: ela é a estrela de *Cruel Inventions*, uma modernização do romance que deu origem a *Ligações Perigosas*. Desta vez, sem nenhum vampiro à espreita.

Em breve em *Cruel Inventions* e em *Vanilla Fog*.

moças de futuro



charlize theron
talento tipo exportação

"Se eu não tivesse saído de casa, estaria trabalhando em algum supermercado." Mas o destino foi mais generoso com Charlize. Aos 23 anos, esta sul-africana chega ao primeiro time de Hollywood com um atributo raro: talento. Depois de deixar sua terra natal para ser modelo, ela percebeu que as passarelas não eram sua praia. Desembarcou em Los Angeles com 200 dólares no bolso e foi descoberta na fila do banco – dando escândalo por não conseguir descontar seu derradeiro cheque. Por causa de seus atributos físicos, o diretor de *Advogado do Diabo* chegou a duvidar que ela pudesse convencer na pele da atormentada mulher de Keanu Reeves. "Ele disse que minha beleza não combinava com a personagem", diz a atriz. "Mas ele nunca me viu quando acordo de manhã." Nós também não. Que pena.
Em breve em *Mighty Joe Young* e em *The Astronaut's Wife*.

milla jovovich
a mulher perfeita

Milla Jovovich é o ser mais perfeito do universo – pelo menos aos olhos do diretor Luc Besson, que lhe deu exatamente esse papel em *O Quinto Elemento* e, de quebra, passou a namorar a moça. Pensando bem, Luc está certo. Desde que virou modelo, aos onze anos, Milla sempre foi tratada como a perfeição em pessoa. Foram centenas de capas de revistas e campanhas que tornaram seu rosto conhecido no mundo inteiro. Depois veio o cinema: aos treze anos, ela estrelou a continuação de *A Lagoa Azul* e fez pontas em *Kuffs* e *Chaplin*. Mas foi em *O Quinto Elemento* que ela tentou se impor como atriz. Aos 22 anos, Milla já enfrentou o mundo da moda, do cinema e da música (ela gravou um disco aos dezenove anos). "Mas tenho consciência de que tenho muito o que aprender", diz. "Acho que só vou atingir meu potencial aos quarenta."
Em breve em *He Got Game*, de Spike Lee, e em *Joan of Arc*, de Luc Besson.

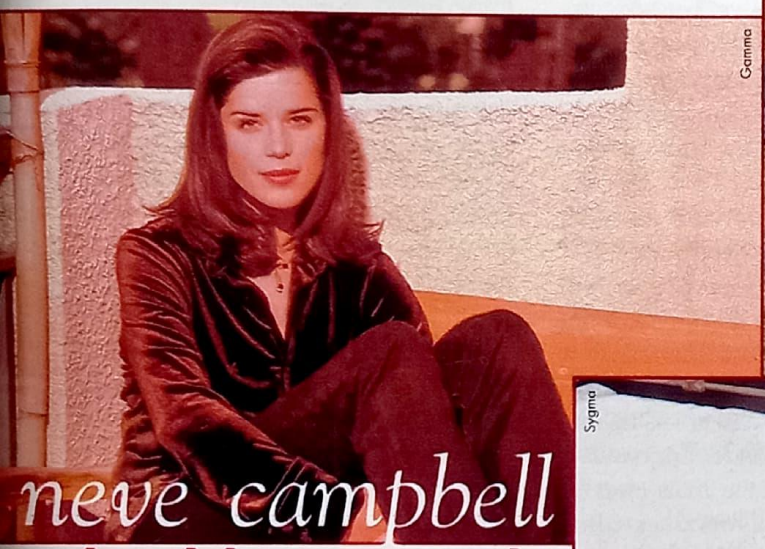
heather graham

promessa cumprida

Sygma

Um repórter da *The Face* disse que Heather "passou a última década sendo uma promessa que não se cumpria", mas agora ia estourar. Ele não errou. Mesmo depois de ser uma aprendiz de viciada em *Drugstore Cowboy*, a mãe de *Irmãos Gêmeos* e de mesmerizar a platéia dançando ao final de *Swingers*, Heather só acertou na mosca quando se jogou em cima de Mark Wahlberg vestindo apenas um par de patins em *Boogie Nights* – um filme que certamente seus pais desaprovam. Filha de católicos fervorosos, que a queriam como freira, há anos ela deixou de falar com a família. Hoje, com o sucesso de *Perdidos no Espaço* no bolso e o diretor do filme como namorado, ela se acha feliz. "Só o que quero de Hollywood é um bom emprego."

Em breve em *Bofinger's Big Thing*, com Eddie Murphy, e em *Alien Love Triangle*, com Kenneth Branagh.

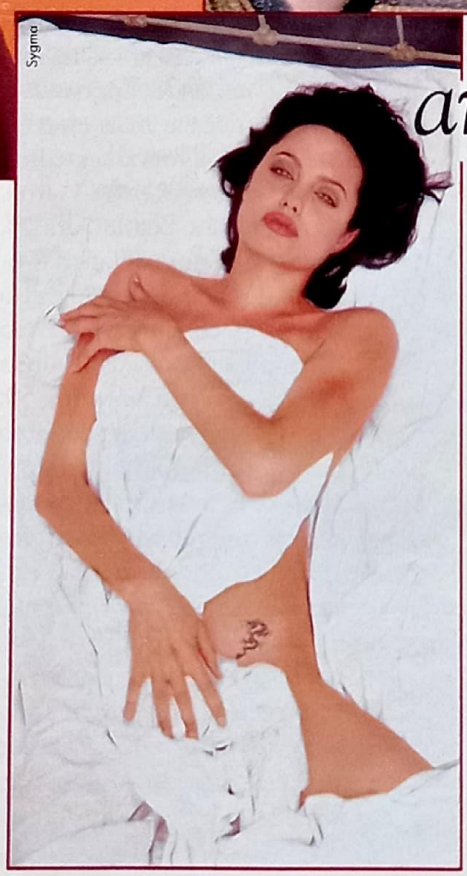

Gamma

neve campbell

boazinha nunca mais

Ela poderia estar satisfeita com a fama trazida pela série *O Quinteto*. Ou, então, passar o resto da vida contando os milhares de dólares recebidos pelos dois filmes da série *Pânico*. Mas Neve, por trás do olhar enigmático e do sorriso sapeca, possui algo que a diferencia das centenas de meninas bonitas que dão tudo por uma chance na telona: uma massa cinzenta muito ativa. Para não correr o risco de se fechar em um estereótipo, Neve deixou os papéis mais óbvios de lado, preferindo interpretar uma rebelde viciada em *Garotas Selvagens*, ou uma atriz de TV faminta pelo sucesso no ainda inédito *54*, que mostra os bastidores da casa noturna mais famosa de Nova York. *Pânico 3*? Bastante improvável.

Em breve em *54*, com Mike Myers, e em *Three to Tango*, com Matthew Perry.

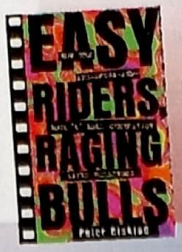

Sygma

angelina jolie

sansão às avessas

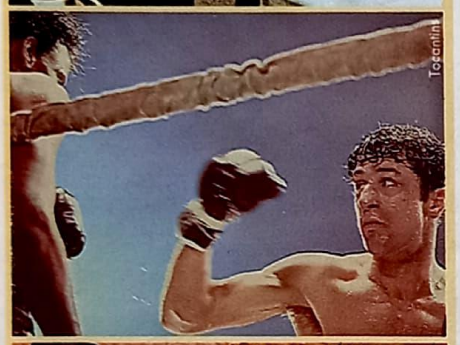
Ninguém poderia adivinhar que o carrancudo ator Jon Voight geraria uma menina tão linda quanto Angelina Jolie – e tão independente. Sem alardear sua paternidade, ela tem buscado espaço em filmes tão distintos quanto *Playing God*, com David Duchovny, e *Hackers*, no qual conheceu seu marido, o ator Jonny Lee Miller. Mas ela não quer falar sobre o pai famoso ou o casamento, e sim cultivar sua carreira. Um passo importante foi dado com o telefilme *Gia*, no qual ela interpreta bravamente a modelo Gia Carangi, morta de Aids em 1986. Angelina teve de raspar os cabelos para fazer a modelo no fim da vida – e adorou o resultado. "Ficar careca me fez sentir mais forte."

Em breve em *Dancing About Architecture*, com Sean Connery, e em *The Bone Collector*, com Denzel Washington.



O jornalista Peter Biskind conta no livro EASY RIDERS
rock'n'roll salvou Hollywood do marasmo nos anos 60 –

os melhore
de n



***Bonnie & Clyde* inaugurou o sonho; *Touro Indomável* deu a ele um nome; e *Portal do Paraíso* tratou de enterrá-lo**

O letreiro no alto da montanha já informava que o nome do lugar era Hollywood. Mas, lá por 1965, você poderia chamá-lo de Gerontópolis, ou Los Viejos. Os chefões da Paramount tinham 92 e 78 anos; o da Warner, 73; e o da 20th Century Fox, 63. "Se você fosse um desses sujeitos, não iria querer cair fora", observa Ned Tanen, que mais tarde seria chefe da divisão de cinema da Universal. "Para fazer o quê? Ir ao clube de campo e jogar baralho?"

Mas o problema não era só de idade. Era de mentalidade. Enquanto o mundo vivia a década mais efervescente do século, Hollywood agia como se nada estivesse acontecendo. Vietnã, pílula, contracultura, Beatles, drogas, direitos civis? Quem visse apenas os filmes saídos dos grandes estúdios no início dos anos 60 concluiria que nada disso existia, e que a sociedade ainda se comportava como nos anos 40 e 50.

"Ninguém se via retratado num filme", diz o ator e diretor Dennis Hopper. "As pessoas estavam fumando maconha e experimentando LSD, enquanto o público ainda assistia a Doris Day e Rock Hudson." A música seguia de perto e ajudava a ditar o novo compasso, mas o outrora poderoso cinema industrial americano estava perdendo o bonde da história. O alarme começou a tocar quando as bilheterias foram minguando: o número de ingressos vendidos por semana nos EUA, que chegara a 78,2 milhões em 1946, foi ao fundo do poço em uma semana de 1971, com 15,8 milhões.

O bem-sucedido modelo das décadas anteriores agonizava, mas ninguém parecia querer renová-lo. Até que um bando de "fedelhos" (os *movie brats*) abriu espaço entre o marasmo dos grandes estúdios e detonou uma revolução. Graças a eles, os anos 70 viram o surgimento da Nova Hollywood. *Easy Riders, Raging Bulls*, o polêmico best-seller lançado há pouco nos EUA pelo jornalista Peter Biskind, faz a crônica desse período – ou, segundo o autor, revela como a geração sexo, drogas e rock'n'roll salvou Hollywood. É o relato de uma década especial, que teve mais de dez anos.

Ao contrário do que o autor parece indicar no trocadilho do título, o livro não considera *Sem Destino* (*Easy Rider*), de 1969, e *Touro Indomável* (*Raging Bull*), de 1980, os marcos inicial e final desse período. Esses papéis caberiam a *Bonnie & Clyde*, de 1967, e a *O Portal do Paraíso*, de 1980: o primeiro ajudou a inaugurar o sonho, e o segundo, a enterrá-lo.

São, ainda assim, marcos artificiais – ninguém acordou certo dia e, empunhando uma câmera, fundou a "Nova Hollywood". Ex-editor da *Premiere* e da extinta *American Film*, Biskind passou cinco anos entrevistando mais de cem personagens dessa revolução. Bateu à porta dos diretores, produtores e

RAGING BULLS como a geração do sexo, drogas e
e, no caminho, faz revelações indiscretas e cria polêmica

Por Sérgio Rizzo

s anos ossas vidas

atores, mas também foi atrás de ex-namoradas e ex-mulheres para investigar o diz-que-diz, o quem-transou-com-quem e o quem-cheirou-pó-com-quem.

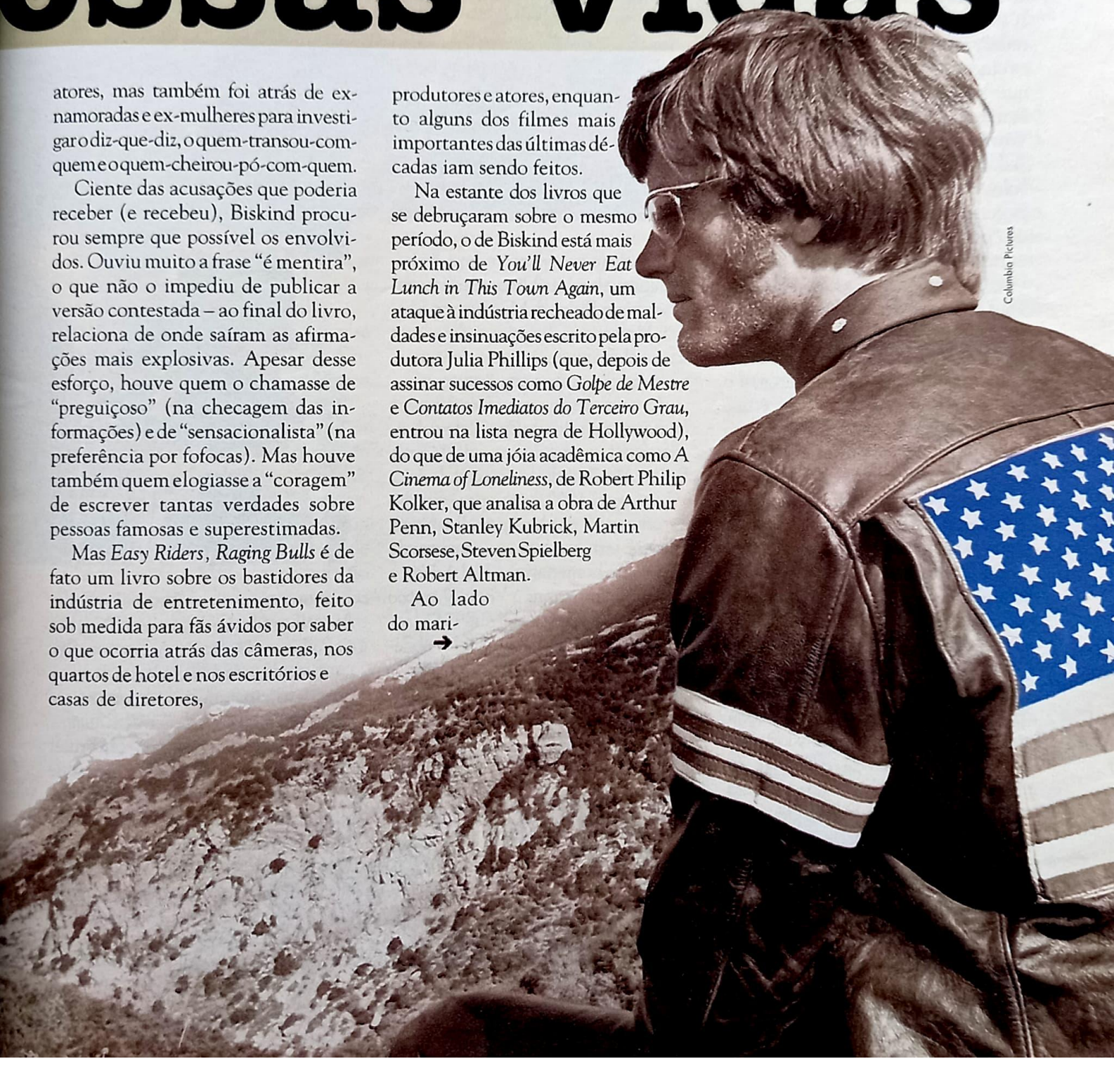
Ciente das acusações que poderia receber (e recebeu), Biskind procurou sempre que possível os envolvidos. Ouviu muito a frase "é mentira", o que não o impediu de publicar a versão contestada – ao final do livro, relaciona de onde saíram as afirmações mais explosivas. Apesar desse esforço, houve quem o chamasse de "preguiçoso" (na checagem das informações) e de "sensacionalista" (na preferência por fofocas). Mas houve também quem elogiasse a "coragem" de escrever tantas verdades sobre pessoas famosas e superestimadas.

Mas *Easy Riders, Raging Bulls* é de fato um livro sobre os bastidores da indústria de entretenimento, feito sob medida para fãs ávidos por saber o que ocorria atrás das câmeras, nos quartos de hotel e nos escritórios e casas de diretores, produtores e atores, enquanto alguns dos filmes mais importantes das últimas décadas iam sendo feitos.

Na estante dos livros que se debruçaram sobre o mesmo período, o de Biskind está mais próximo de *You'll Never Eat Lunch in This Town Again*, um ataque à indústria recheado de maldades e insinuações escrito pela produtora Julia Phillips (que, depois de assinar sucessos como *Golpe de Mestre* e *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*, entrou na lista negra de Hollywood), do que de uma jóia acadêmica como *A Cinema of Loneliness*, de Robert Philip Kolker, que analisa a obra de Arthur Penn, Stanley Kubrick, Martin Scorsese, Steven Spielberg e Robert Altman.

Ao lado do mari-

➜



Columbia Pictures

do, o também produtor Michael Phillips, a rancorosa (e, segundo as fontes de Biskind, prepotente, arrogante e viciada) Julia é ela própria personagem de *Easy Riders*: ela teria ameaçado despedir seu então subordinado Don Simpson, o falecido produtor de *Top Gun*, caso ele não transasse com ela. Simpson, que era amigo do marido prestes a ser traído, disse que resistiu o quanto pôde, mas foi. "Dei meu corpo pela minha carreira", afirmou.

Julia e Don, entretanto, são figuras de segundo escalão no livro. Os anos 70 foram também a "Década dos Diretores", e as estrelas de *Easy Riders* são os cineastas, vindos de duas ondas: os que nasceram nos anos 30, como Francis Coppola, Peter Bogdanovich, Warren Beatty, Arthur Penn, Hal Ashby e Robert Altman, e os filhos do *baby boom*, nascidos por volta da Segunda Guerra e também chamados de "geração das escolas de cinema", entre os quais se incluem Martin Scorsese, Steven Spielberg, George Lucas, Paul Schrader e Brian De Palma.

A "geração das escolas de cinema", defendida por Coppola, Spielberg, Lucas, De Palma e Scorsese *(da esq. para a dir., sentido horário)*: caráter duvidoso e talento inigualável

IMATUROS E GENIAIS Prepotentes, arrogantes, usuários de drogas: o que *Easy Riders* tenta mostrar é que todo o núcleo da Nova Hollywood era assim, incluídos aí atores como Jack Nicholson, Robert De Niro, Dustin Hoffman, Al Pacino, Gene Hackman, Richard Dreyfuss, Robert Duvall e Harvey Keitel, entre os homens, e Jane Fonda, Faye Dunaway e Diane Keaton, entre as mulheres. Todos pretensiosos, chegados a novas experiências, imaturos e deslumbrados com o sucesso rápido, mas talentosos – e talvez seja aqui que o livro tenha alfinetado certas vaidades. *Easy Riders* trata seus personagens como os últimos profissionais de verdadeiro talento a trabalhar em Hollywood, como gênios que alteraram a face do cinema dos EUA e, por tabela, de todo o mundo.

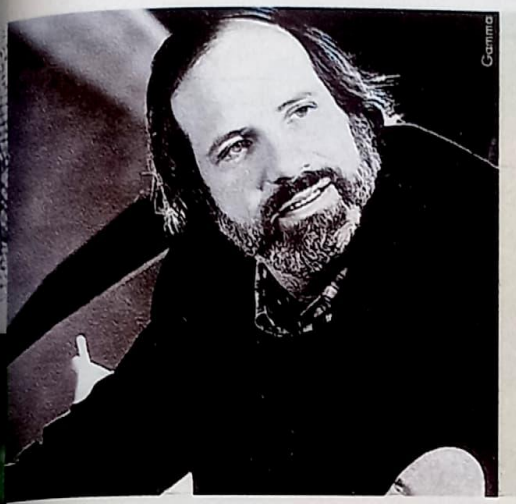
"Os treze anos entre *Bonnie & Clyde* e *O Portal do Paraíso* marcam a última fase em que era excitante fazer filmes em Hollywood, em que as pessoas podiam se orgulhar de seus filmes, em que a comunidade encorajava o bom trabalho, em que havia público para sustentá-lo", resume Biskind. Muita gente ligada à Hollywood de hoje ou de ontem deve achar que esse ponto de vista é, também ele, prepotente e arrogante.

A cronologia que estrutura os quatorze capítulos de *Easy Riders* abre-se com um caso folclórico, o de Warren Beatty ajoelhando-se aos pés de Jack Warner, em 1967, para que o estúdio autorizasse a produção de *Bonnie & Clyde*. E termina com um encontro de amigos em homenagem a Hal Ashby, o diretor de *Ensina-me a Viver*, *Shampoo* e *Amargo Regresso*, morto em 1988, aos 49 anos, vítima de câncer. "Mas poderia ser de coração partido", observa o autor, em referência aos desgostos de Ashby. "Era como se a vigília fosse não só por Hal, mas por eles mesmos, por seus sonhos, pelos melhores anos de suas vidas", é o que descreve Biskind.

Entre uma e outra cena, muitas histórias. Não por acaso, as atenções se concentram em torno do quarteto de ouro do período – Coppola, Lucas, Scorsese e Spielberg. Coppola é apresentado como o "primeiro diretor *superstar*", capaz de proezas como a de concorrer com ele mesmo pelos Oscar de melhor filme e diretor em 1974, por *O Poderoso Chefão 2* e *A Conversação*.

Biskind cita curiosidades, como o fato de o cineasta ter perdido meses antes de escolher o elenco de *Chefão* – pelo estúdio, ele trabalharia com Ernest Borgnine e Ryan O'Neal no lugar de Marlon Brando e Al Pacino. Já o papel principal de *Apocalypse Now* foi recusado por Steve MacQueen, Pacino, Jack Nicholson e Robert Redford. Ao já conhecido inferno em que se transformaram as filmagens, acrescenta-se o caso de um assistente de produção que violou túmulos para arrumar cadáve-

Criticado por *Guerra nas Estrelas*, George Lucas disse que não era culpa sua o público ser "tão estúpido". E tratou de prender os seios de Carrie Fisher: "Nada sacudindo no Império", ordenou



res, segundo ele conseguidos em um "laboratório de pesquisa" – no meio da selva? "Todos estavam contra mim. Eu estava fazendo algo que não interessava a ninguém, com meu dinheiro, e sofri todo aquele bombardeio. Entrei em colapso", lembra Coppola.

Já os fãs de George Lucas talvez se surpreendam com suas opiniões. Criticado à época de *Guerra nas Estrelas* por quem exigia dele outro tipo de filme, reagiu assim: "Por que as pessoas gostam de filmes para ver comendo pipoca? Por que o público é tão estúpido? Não é minha culpa". Preocupado com a platéia infantil, ele teria usado fitas para prender os seios de Carrie Fisher: "Nada sacudindo no Império". É dele, também, uma das frases mais divertidas e equivocadas do livro: "O sistema dos estúdios está morto. Os trabalhadores agora têm os meios de produção". O departamento de indiscrições também atinge Lucas, acusado de deixar a mulher quando a fama e o dinheiro começaram a surgir.

Fofoca semelhante respinga em Spielberg, para quem o divórcio de Amy Irving saiu por 100 milhões de dólares; o de Lucas custou-lhe "apenas" a metade. Nerd por excelência da turma, o diretor de *Tubarão* era visto por Coppola e Lucas como um "outsider trabalhando dentro do sistema". Sobre as costas dele e de Lucas pesa o "pecado" da criação do arrasa-quarteirão, cuja bilheteria precisa chegar às centenas de milhões de dólares – senão, é um fracasso. "*Tubarão* foi devastador para os filmes artísticos, menores. Eles esqueceram como fazê-los, ou não *queriam* mais fazê-los", acusa Peter Bogdanovich. "*Guerra nas Estrelas* foi o filme que comeu o coração e a alma de Hollywood", completa Paul Schrader.

SEM COCAÍNA, SEM ENTREVISTA

Scorsese não escapa do tiroteio e, embora *Taxi Driver* e *Touro Indomável* apareçam no livro como obras-primas da Nova Hollywood, as manias e exageros do cineasta não são ignorados: no lançamento do documentário *The Last Waltz* em Cannes, o combustível de Scorsese para as entrevistas seria cocaína – que, certo dia, acabou. "Sem cocaína, sem entrevistas", decretou. Os produtores teriam enviado um avião a Paris para buscar o refil.

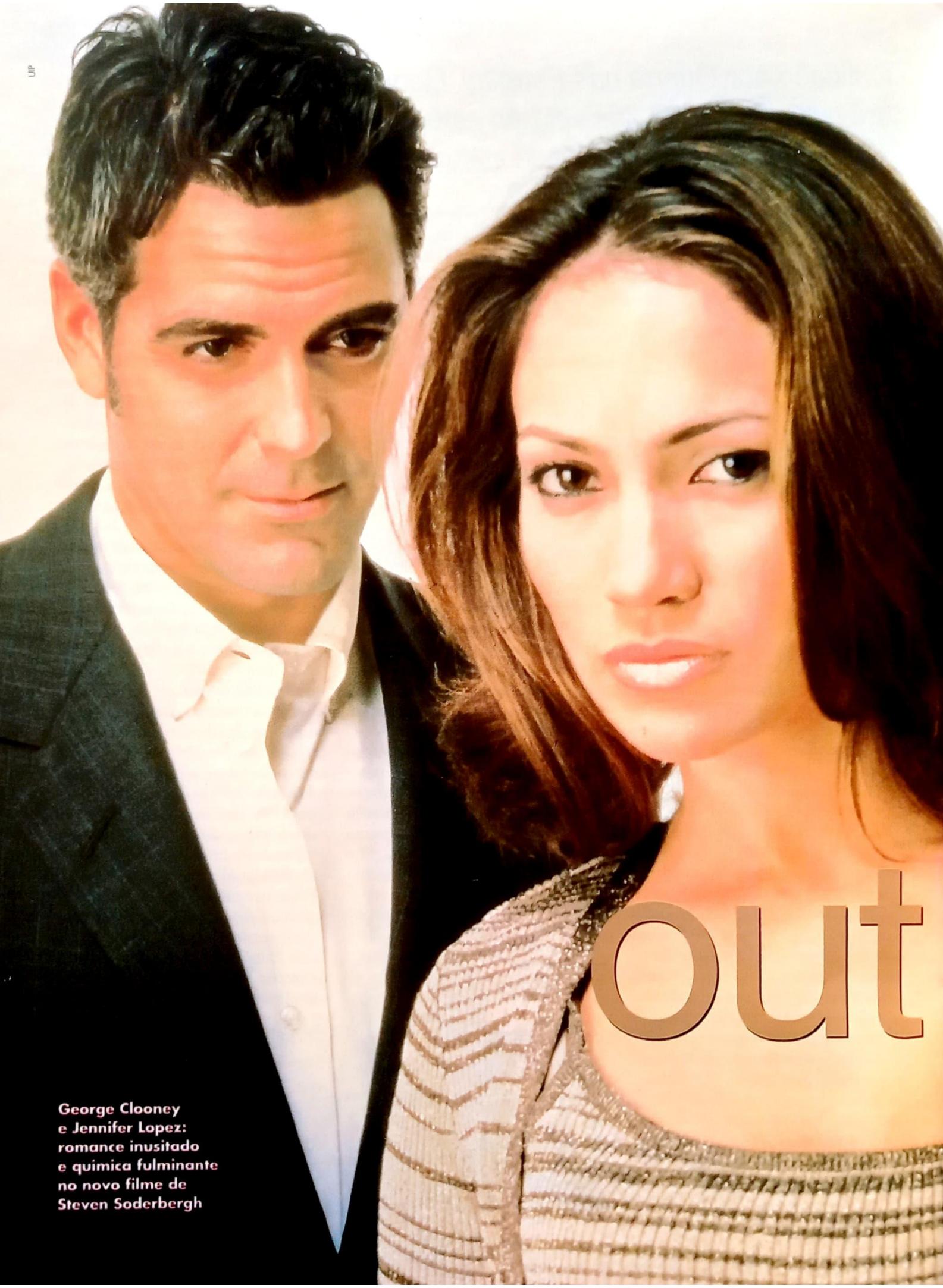
A mais impressionante das histórias sobre droga, no entanto, talvez seja a relatada por Paul Schrader. "Um dia eu estava cheirando cocaína no meu trailer. Não queria sair. Meu assistente veio para me levar, mas começou a cheirar também. Aí, veio o segundo assistente e se juntou a nós. Do lado de fora, um dos assistentes de produção disse: 'Como é que nós vamos arrumar alguém para dirigir este filme?'."

Quem se arrisca a explicar tanta irresponsabilidade é Peter Bogdanovich. "Não soubemos como lidar com o sucesso, que é muito mais difícil que o fracasso." Então talvez estejam mais à vontade agora: boa parte daqueles "fedelhos", incluindo Bogdanovich e Coppola, teve de aprender na marra a conviver com o fracasso.

Ao voltar-se para a Hollywood dos anos 70, *Easy Riders* contempla também a inóspita paisagem da Hollywood dos 90. "No último verão, tentei achar um filme para ver", conta Robert Altman. "Fui para dois complexos de salas. Todas estavam exibindo *O Mundo Perdido*, *Con Air*, *O Casamento do Meu Melhor Amigo* e *A Outra Face*. Não havia nada que uma pessoa inteligente quisesse ver. Isto aqui virou um grande parque de diversões. É a morte do cinema."

O diagnóstico de Coppola também é pesado. "Aqui estamos, vinte anos depois de *O Portal do Paraíso*. Os diretores não têm mais muito poder, os executivos gastam quantias extraordinárias de dinheiro, os orçamentos estão mais fora de controle do que nunca. E não tivemos um único clássico nos últimos dez anos." A nostalgia de Scorsese corta o coração. "Vejo os anúncios dizendo 'dirigido pelo veterano cineasta Martin Scorsese'. Parece que ainda ontem eu era um 'novo e jovem cineasta'." O tempo passou, só o Martin não viu – e aí está *Easy Riders, Raging Bulls* para nos lembrar que éramos (profissionais e público) felizes e talvez não soubéssemos. ■

"Prepotentes e geniais", é como o livro descreve De Niro, Nicholson, Pacino e Hackman



out

George Clooney e Jennifer Lopez: romance inusitado e química fulminante no novo filme de Steven Soderbergh

Out of Sight

Por André Barcinski

O diretor de *sexo, mentiras e videotape* entra com tudo no cinemão hollywoodiano e transforma o encontro de George Clooney com Jennifer Lopez num inteligente thriller policial

Hollywood faz tudo em ciclos. É só alguém ter uma boa idéia que logo todo mundo copia. Um exemplo: a cada dois ou três anos, há uma enxurrada de adaptações de livros de um mesmo autor. Depois de Michael Crichton (*Jurassic Park*, *Assédio Sexual*) e John Grisham (*A Firma*, *O Cliente*), o autor "da hora" é Elmore Leonard.

Na verdade, o interesse de Hollywood por Leonard é antigo. Dos 34 romances policiais e de faroeste que escreveu nos últimos quarenta anos, 29 foram vendidos para cinema ou TV. Agora esse interesse dos estúdios virou obsessão. Não dá para abrir as páginas de nenhuma revista de cinema sem ler sobre algum novo projeto envolvendo Elmore Leonard.

A lista é imensa: Barry Sonnenfeld adaptou *O Nome do Jogo*; Quentin Tarantino usou o livro *Ponche de Rum* como base para *Jackie Brown* e já comprou os direitos de outros três livros do autor. Os romances *Pronto* e *Maximum Bob* viraram filmes para TV; os irmãos Coen adquiriram recentemente os direitos de *Cuba Libre*, e John Travolta está interessado em reprisar o papel do gângster Chili Palmer em *Be Cool*, seqüência de *O Nome do Jogo*.

Dá para entender por que Leonard faz tanto sucesso. Numa Hollywood subletrada, seus livros passam por entretenimento de qualidade. Não adianta seus defensores elevarem os romances à categoria de grandes obras; os livros são diversão rasteira, para ler na praia, e nesse nível funcionam muito bem. Muita gente – incluindo escritores sérios, como Saul Bellow – curtem os livros de Leonard e seu estilo descomplicado. Suas histórias são simples e divertidas; os personagens são ladrões maliciosos, detetives malandros e fogosas agentes da lei que sempre se apaixonam pelos bandidos que perseguem. Ninguém, enfim, que se assemelhe a uma pessoa de verdade. Leonard criou um universo de bizarrices que parece bater com a atual tendência dos filmes policiais, em que o submundo é habitado pelos tipos mais estranhos e imprevisíveis.

Divulgação

o pai da revolução independente

Steven Soderbergh mudou a forma de o mundo ver a produção independente de cinema. Quase dez anos depois de *sexo, mentiras e videotape*, ele acredita que está mais fácil para um jovem cineasta realizar seu primeiro filme. Em contrapartida, é muito mais difícil exibi-lo – Soderbergh acha que se *sexo* fosse lançado agora, o filme não teria o mesmo impacto. Mesmo depois de cinco trabalhos pouco vistos – todos independentes, sendo que apenas *Kafka*, *O Inventor de Ilusões* e *Obsessão* foram lançados no Brasil –, o cineasta de 35 anos ainda é reconhecido como um artista talentoso, que não é estrela nem se prende a um só estilo. Com *Out of Sight*, ele lidou com três de suas obsessões: tomadas noturnas, que são as que mais aprecia; cenas sem violência (ele abomina sangue gratuito); e atores morenos – ele sempre rejeitou seus cabelos claros.

PAIXÃO NO PORTA-MALAS A última manifestação da "leonardmania" em Hollywood é *Out of Sight*, estrelado por George Clooney, pela escultural Jennifer Lopez e dirigido por Steven Soderbergh, de *sexo, mentiras e videotape*. Clooney faz Jack Foley, um ladrão de bancos que foge da prisão com a ajuda de seu parceiro (Ving Rhames, de *Pulp Fiction*). Durante a fuga, eles seqüestram uma policial, Karen Sisco (Lopez). Em típico estilo Elmore Leonard, a policial e o assaltante se apaixonam do modo mais absurdo possível: o momento mágico ocorre no porta-malas do carro usado para a fuga.

Karen acaba escapando dos bandidos, mas não consegue tirar Jack da cabeça. Na segunda parte da história, ela corre o país atrás do bandido, enquanto o mesmo planeja um último golpe. A história é povoada pelos tipos bizarros que recheiam os livros de Leonard, incluindo um excêntrico milionário, um bandido violentíssimo e um amante de cannabis alucinado. Outros tipos esdrúxulos pintam de vez em quando, como o pai de Karen, um →

out of sight

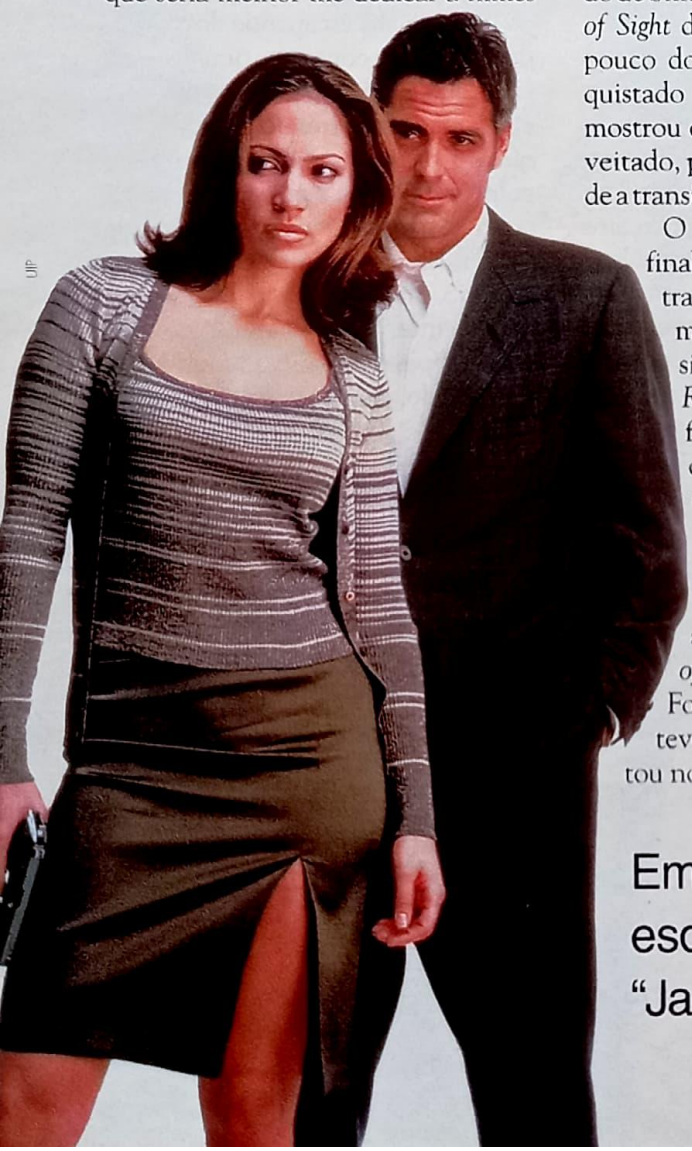
policial interpretado pelo onipresente Dennis Farina, e o detetive cafajeste Ray Nicolet, personagem de *Jackie Brown*, aqui vivido pelo mesmo Michael Keaton.

JOGADA DE RISCO A escolha de Steven Soderbergh para dirigir o filme foi vista como uma manobra arriscada. Afinal, depois do sucesso de *sexo, mentiras e videotape* – que fez dele, aos 26 anos, o diretor mais novo a ganhar a Palma de Ouro em Cannes –, Soderbergh colecionou fracasso após fracasso: de *Kafka*, realizado em 1991, a *Gray's Anatomy*, de 1997, seus filmes arrecadaram, somados, 6 milhões de dólares. "Depois de *sexo, mentiras e videotape*, eu recebi muitas propostas para dirigir filmes caríssimos", diz Soderbergh, hoje com 35 anos. "Fiquei com medo de me meter em projetos ruins apenas por causa da grana, e achei que seria melhor me dedicar a filmes menores mas que me dessem prazer." Soderbergh finalmente aceitou dirigir um filme caro quando a Universal lhe propôs *Out of Sight* – segundo ele, uma história original que tem a capacidade de agradar ao grande público.

Soderbergh não era o único risco na equação: George Clooney também estava longe de ser uma barbada. O ator até agora não havia conseguido repetir no cinema o sucesso que obtivera na TV, e recheava seu currículo cinematográfico com produções que nunca deram o resultado esperado – de *Um Dia Especial* e *O Pacificador* ao pavoroso *Batman & Robin*.

O CAMINHO CERTO Apesar desses ingredientes suspeitos, o filme funciona muito bem. Embora não tenha sido um grande sucesso, arrecadando 30 milhões de dólares nos Estados Unidos (menos que um sábado de bilheteria de *Armageddon*), *Out of Sight* devolveu a Soderbergh um pouco do prestígio que havia conquistado com seu primeiro filme, e mostrou que Clooney, se bem aproveitado, pode fazer com tranqüilidade a transição da telinha para a telona.

O ator se disse aliviado por finalmente ter encontrado um trabalho de qualidade no cinema. "Eu vinha de um ano péssimo, em que fiz *Batman & Robin*.", lembra Clooney. "O filme não foi só um fracasso de bilheteria, mas também um fracasso artístico, e eu devo assumir parte da culpa por isso." Colocando os fantasmas para correr, o ator acredita no potencial de *Out of Sight*, e garante que Jack Foley é o melhor papel que já teve: "Quem sabe agora não estou no caminho certo?" ■



UIP

crítica

ROMANCE ESPERTO

Out of Sight substitui tiros pela inteligência

Já se foi o tempo em que o cinema policial americano prezava a realidade nua e crua. *Operação França, Um Dia de Cão, Serpico* – todos esses grandes filmes pertencem a um passado mais realista e menos cínico. Depois que Quentin Tarantino e os irmãos Coen modernizaram o gênero, adicionando uma montagem mais acelerada e muito humor negro, ninguém ousa voltar aos velhos tempos do "mocinho e bandido": hoje, todos são um só. A policial interpretada por Jennifer Lopez em *Out of Sight* cruza a barreira ao se apaixonar pelo bandido George Clooney. Este, por sua vez, assalta bancos sem carregar sequer uma arma. É o "novo noir" no que ele tem de mais irreal.

O que distingue *Out of Sight* do zilhão de cópias vagabundas de Tarantino-Leonard lançadas todo ano nos Estados Unidos é seu roteiro bem bolado, que mistura o presente com flashbacks, deixando o espectador sempre curioso, e a direção criativa de Steven Soderbergh.

A química de Clooney e Lopez é outro ponto alto: está aí um casal que realmente parece atraído um pelo outro. Há uma ótima cena, dentro do porta-malas do carro, quando os dois se apaixonam. As circunstâncias são as piores possíveis (ele acabou de seqüestrá-la durante uma fuga da prisão), mas o flerte é mais excitante e sexy que muitas comédias românticas por aí. Ponto para Soderbergh, que conseguiu fazer um filme policial em que nem tudo se resolve no tiroteio final.

(EUA, 1998) ***Direção****: Steven Soderbergh.* ***Com*** *George Clooney, Jennifer Lopez, Ving Rhames, Don Cheadle, Dennis Farina, Albert Brooks, Steve Zahn, Michael Keaton. 122 min.*

Em *Out of Sight*, George Clooney tenta esquecer fracassos como *Batman & Robin*: "Jack Foley é o melhor papel que já fiz"

Vitorioso em um processo que machucou o bolso da Warner, Francis Coppola recebe 80 milhões de dólares de indenização

A derrota do império

Tudo o que Francis Ford Coppola queria era contar a história de um boneco que sonha em virar gente. Em vez disso, o cineasta acabou num tribunal movendo um processo contra a Warner, um dos mais poderosos estúdios de Hollywood. Segundo Coppola, a Warner obliterou seus planos de realizar sua versão de *Pinóquio*. "Eles enterraram o sonho de minha vida", disse o diretor, que conseguiu rir por último: ao final do processo, ele estava 80 milhões de dólares mais rico.

Ilustração Celso Lima

A ligação entre Coppola e a Warner começou em 1991, quando o premiado diretor iniciou o desenvolvimento de *Pinóquio*, marcado por um acordo verbal – prática comum em Hollywood. Quando o estúdio decidiu não seguir adiante por causa de problemas orçamentários, Coppola levou *Pinóquio* para a Columbia. Mas ele diz que os executivos da Warner emperraram as novas negociações, alegando possuir os direitos autorais sobre o roteiro do filme e ameaçando processar qualquer outro estúdio que se aventurasse a realizá-lo. O filme morreu e o cineasta abriu o processo.

Coppola diz que nunca fechou um acordo com a Warner porque eles não concordaram com sua proposta financeira – que incluía um orçamento de 100 milhões. Além disso, ele afirma que a Warner se apropriou de elementos-chave do seu roteiro ao comprar um esboço do filme das mãos de um dos colaboradores do diretor.

Já os advogados da Warner garantem que o único responsável pelo fracasso do projeto não foi outro que não Coppola. Durante o julgamento, os representantes do estúdio disseram que nenhuma produtora estaria disposta a arcar com um orçamento de nove dígitos. "Ele jogou a culpa na Warner para não assumir sua própria responsabilidade", comentou um dos advogados.

Mas nenhuma troca de acusações comoveu mais o júri do que o depoimento de Coppola. Entre lágrimas, ele falou sobre sua visão da fábula: a trama focalizaria um grupo de órfãos que, durante a Segunda Guerra, foge da França ocupada por tropas nazistas para a Espanha – e, durante a jornada, conhece a história de Pinóquio.

Em 2 de julho passado, as lágrimas de Coppola se mostraram eficientes: apesar da argumentação da defesa do estúdio, que alegou não ter impedido o diretor de procurar a Columbia, o júri decidiu que os acusados agiram de má-fé e deveriam pagar 20 milhões de dólares ao diretor como compensação por danos – de fato, a Warner não se manifestou quando a New Line, um estúdio rival, produziu *As Aventuras de Pinóquio*, com Martin Landau, em 1996. Uma semana depois, o mesmo júri determinou que mais 60 milhões fossem pagos como indenização punitiva. Nem é preciso dizer que a Warner vai recorrer da decisão do júri – e que acordos verbais se tornarão coisa do passado.

Com 80 milhões no banco, o criador de clássicos como *O Poderoso Chefão* anunciou a intenção de reabrir sua produtora, a American Zoetrope, que foi à falência por causa do fracasso de filmes como *Jardins de Pedra*. Sobre o processo, Coppola foi enfático: "A Warner não tem tradição de tratar bem os artistas que trabalham com ela. Espero que esse processo a ensine a encarar essas mesmas pessoas como recursos, e não como servos".

Roberto Sadovski

os vin

Uma Thurman e Ralph Fiennes fazem a dupla de espiões mais charmosa da temporada, neste filme de ação que troca as explosões pelo finíssimo senso de humor britânico. E não é nada mau ter Sean Connery como o vilão da aventura

Emma Peel (Thurman) e John Steed (Fiennes) salvam o mundo com estilo do vilão August De Wynter (Connery)

gadores

Depois de *Missão Impossível*, *O Santo* e *Perdidos no Espaço*, outra famosa série de TV ganha sua versão para o cinema: *Os Vingadores*, um seriado de espionagem inglesa que fez muito sucesso nos anos 60, com Patrick Macnee no papel do cavalheiresco espião John Steed e a fogosa Diana Rigg como Emma Peel, sensualíssima agente secreta vestida em minissaias e roupas de couro preto.

Na nova versão, Ralph Fiennes (o protagonista de *O Paciente Inglês*) interpreta John Steed, e Uma Thurman (a Hera Venenosa de *Batman & Robin*) faz Emma Peel. Eles combatem Sir August De Wynter (Sean Connery, pela primeira vez no papel de um vilão), um excêntrico bilionário que ameaça destruir o planeta com uma máquina capaz de criar maremotos e tempestades de neve.

As pessoas que se lembram da série sabem do risco de sua adaptação para o gosto do público atual. Afinal, diferentemente de outras versões explosivas de programas de TV, *Os Vingadores* não tem tiros, explosões ou violência. O charme *cool* dos personagens hoje parece ultrapassado. Se Emma Peel ainda se digna a distribuir alguns pontapés, a grande arma de John Steed é sua gélida perspicácia britânica. "Steed é o exemplo máximo do *gentleman* inglês", diz Ralph Fiennes. "Ele pode até se meter em algumas brigas, mas nunca perde a compostura e não amarrota seu terno de jeito nenhum."

HORROR SADOMASOQUISTA

Fãs de *Os Vingadores* costumam incluir a série na longa tradição inglesa de "comédias inteligentes". A inspiração, dizem os admiradores, veio dos filmes policiais estrelados por Alec Guiness nos anos 40 e 50, como *Quinteto de Morte* e *As Oito Vítimas*. Alguns vão mais longe e citam Noel Coward, o escritor e dramaturgo inglês, famoso por sua inteligência cínica e tiradas geniais. O ator Patrick Macnee concorda com tudo isso, mas diz que a série foi também uma reação contra o sexismo e violência do personagem James Bond, criado por Ian Fleming. "Os livros de Fleming eram um horror sadomasoquista", opina Macnee. "Eu odiava James Bond. Me causava repulsa o fato de ele ter uma licença para matar. Por isso eu nunca carreguei uma arma." Em vez disso, o personagem passou a andar com um guarda-chuva.

O produtor da nova versão de *Os Vingadores*, Jerry Weintraub, se diz consciente do risco de adaptar a série, mas garante que manterá a essência dos personagens. "Quando se faz um filme de ação caro como esse, a tendência natural é americanizá-lo", declarou ao jornal *The Washington Post*. "Nós não fizemos isso. Eu não queria desvirtuar os personagens nem mudar muito o estilo visual da série." →

Fotos: Warner

os vingadores

A Londres do filme está congelada no tempo: embora para o resto do mundo o ano seja 1999, a capital inglesa mantém o visual de três décadas atrás

Caminhando na neve: John Steed e Emma Peel atravessam o mau tempo de maneira inusitada

A DÉCADA QUE NUNCA ACABOU A história de *Os Vingadores*, embora se passe na Londres de 1999, parece ter sido filmada nos anos 60. "Resolvemos criar um local ficcional, que batizamos de 'Vingadoreslândia'", diz o diretor Jeremiah Chechik (responsável pelo simpático *Benny e Joon* e também pelo sofrível *Diabolique*). "É um lugar onde os anos 60 nunca terminaram. O mundo inteiro se modernizou, mas a Londres que nós criamos continua a mesma de 35 anos atrás."

No filme, Sean Connery interpreta o megalomaníaco Sir August De Wynter, um cientista bilionário que cria uma máquina capaz de controlar o clima – e, com sua invenção, mantém o mundo como refém. Para detê-lo, o governo inglês chama o agente especial John Steed e Emma Peel, uma notória cientista. Entre cenários gigantescos e efeitos bombásticos – como a impressionante nevasca que, literalmente, cobre Londres e até uma clone maligna da personagem de Uma Thurman que combate Emma Peel a bordo de um balão –, *Os Vingadores* aposta mais em bons atores e bons diálogos do que na típica fórmula de ação hollywoodiana.

"Outros filmes vêm tentando levar o gênero de ação para uma direção cada vez mais extrema e radical", diz Ralph Fiennes, que define a produção como um thriller cômico. "Mas carecem de senso de humor, tudo é feito com uma seriedade ridícula, como se alguém pudesse levá-los a sério. O que estamos fazendo é um filme que não se leva a sério, que só pretende divertir as pessoas com um pouco do bom e velho sarcasmo inglês."

Está aí uma tarefa difícil: vender o "bom e velho sarcasmo inglês" para uma platéia regada a *Godzilla* e *Armageddon*. "O que as pessoas precisam entender é que todo o charme de *Os Vingadores* vem do fato de os personagens estarem completamente deslocados no tempo", afirma Brian Clemens, um dos criadores da série original. "John Steed e Emma Peel fazem parte de uma outra época, de um outro mundo. Quando a série estreou, em 1961, muita gente já a considerava ultrapassada. Eles não entenderam a ironia."

os vingadores
a série

Os Vingadores estreou na Inglaterra em 1961 e logo se tornou um sucesso, graças à fina ironia dos diálogos e, principalmente, ao *sex-appeal* de Diana Rigg. O fã-clube da atriz cresceu tanto que sua mãe mandou confeccionar cartas-padrão, para responder aos milhares de adolescentes que escreviam declarações apaixonadas. "Minha filha é velha demais para você", dizia a carta, "o que você precisa é de uma boa corrida em volta do quarteirão para apagar esse fogo."

Os originais: Diana Rigg e Patrick Macnee

Clemens acha que a série quebrou muitos tabus. Ele acredita que seria impossível fazer *Os Vingadores* nos Estados Unidos no início dos anos 60, pelo conceito: ser "inteligente demais" para a época. "Só o fato de termos criado uma personagem feminina como Emma Peel, e não envolvê-la romanticamente com o outro personagem principal já chocou os executivos de TV", lembra o roteirista. "Naquela época, mulheres na televisão ou faziam papel de bobas ou dependiam dos maridos para tudo."

FILMAGEM ABENÇOADA Ralph Fiennes, confiante no sucesso do filme e mais conhecido por papéis dramáticos, ri quando perguntam o que levou um sujeito "sério" como ele a aceitar o papel de John Steed. "Realmente, meu senso de humor não fica muito evidente em meus últimos filmes", brinca Fiennes, que acabou de rodar *Eugene Onegin*, baseado na obra de Pushkin. "Fazer *Os Vingadores* foi como tirar férias. Não me entenda mal, foi um trabalhão, mas eu estaria mentindo se dissesse que não me diverti nas filmagens. Acho que o filme tem uma sensualidade e uma inteligência raras hoje em dia."

Os atores originais, Patrick Macnee e Diana Riggs, deram todo o apoio à nova versão. "O filme tem minha bênção", disse Diana, hoje uma senhora de 60 anos. "É ótimo notar que uma coisa que você fez há tanto tempo ainda agrada a tanta gente." A atriz visitou Uma Thurman no set de filmagens e deu dicas sobre o guarda-roupa de Emma Peel. Já Macnee foi mais longe: aceitou uma ponta no filme. "Não quero contar sobre minha participação para não estragar a surpresa", comentou o ator, que ficou bastante impressionado com o tamanho das filmagens e com o John Steed de Ralph Fiennes. "Estou lisonjeado", completou, exibindo um pouco da tradicional fleuma britânica.

Batalha no céu: Uma Thurman prepara-se para uma cena carregada de efeitos especiais

André Barcinski

(The Avengers, EUA, 1998) ***Direção****: Jeremiah Chechick.* ***Com*** *Ralph Fiennes, Uma Thurman, Sean Connery, Jim Broadbent, Fiona Shaw, Eddie Izzard, Eileen Atkins, Shaun Ryder, Patrick Macnee.*

george clooney

BONITO E BA

Ele acha que enterrou a série *Batman*, mas não sua carreira: *Out of Sight*, ele nunca esteve tão perto de provar que nasceu da telona, e não da telinha. Só o que não muda é seu jeitão

Talento, às vezes, é coisa de família – e fracasso também. Filho de Nick, um apresentador de noticiários e programas de variedades, sobrinho de Rosemary, uma cantora que embalou presidentes americanos, e de George, que foi piloto de bombardeiro e estrela do basquete, George Clooney conviveu desde cedo com todas as faces do sucesso e de sua desaparição repentina. Seu pai, que chegou a desfrutar uma audiência razoável, depois atingiria quase a penúria. Sua tia viu sua imensa popularidade sumir, soterrada pela invasão do rock. E seu tio, de quem ele herdou o nome e o senso de humor, morreu aos 64 anos, depois de declarar ao sobrinho: "Desperdicei minha vida".

Para George, esses abalos familiares é que foram a sua sorte: depois de ver tantos parentes saindo aos pedaços do "olho do furacão", como ele diz, ficou mais fácil ser realista – ou seja, não desanimar demais com as derrotas, que foram inúmeras, ou se deslumbrar com a fama, que veio rápida e inexorável desde que ele virou o sedutor e atormentado Dr. Ross da série *Plantão Médico*.

Como qualquer outro astro da TV americana atesta, porém, repetir o mesmo personagem anos a fio pode ser enlouquecedor – por isso é que todos eles tentam dar aquele difícil salto para o cinema. Alguns fazem dele uma manobra olímpica, como Bruce Willis, que saiu de *A Gata e o Rato* para o arrasa-quarteirão *Duro de Matar*. Outros quebram a cara, como David Caruso, que saiu de *Nova York Contra o Crime* para o nada.

E outros vão melhorando seu cacife aos poucos: sem deixar a TV, Clooney estrelou filmes como *Um Drink no Inferno*, *Um Dia Especial* e *O Pacificador*, gerou muita expectativa ao protagonizar *Batman e Robin* e agora acaba de confirmar que tem tudo para ser um grande nome do cinema com o delicioso thriller *Out of Sight*, no qual faz parceria com a belíssima Jennifer Lopez.

A seguir, Clooney explica por que fazer *Out of Sight* foi uma experiência única, conta como é ser famoso, relembra os primeiros tempos de sua carreira e deixa claro que, para ele, ser alto, moreno e bonitão não é o principal – o que conta é ser um sujeito bacana.

Muitas das cenas de *Out of Sight* foram feitas na Penitenciária de Angola, na Louisiana. Que tal foi filmar em uma prisão de verdade?

Enervante, para dizer o mínimo. Tive de jogar basquete com o pessoal de Angola, e não foi fácil, porque lá só há presos por crimes capitais – nada de estelionatários, só estupradores e assassinos. Um pessoal divertido.

E parece que você nem tinha um trailer para se abrigar nos intervalos das filmagens, não é?

É, a idéia é que eu ficasse no pátio. Num lugar como Angola, não é bom passar essa imagem do cara que mantém distância. Deixando de lado todas as piadas que poderíamos fazer sobre essa situação, não dá muita vontade de ostentar seus privilégios quando você está junto a garotos de dezessete anos que vão passar o resto da vida na prisão. É um lugar frustrante; lá você descobre que tudo tem a ver com educação, com pobreza. É fácil se vangloriar de nunca ter matado alguém quando essas coisas nunca foram dificuldades para você.

Ouvi dizer que um preso...

...Me transformou em namorada dele. É, eu sei. Também ouvi esse boato.

Pelo menos ele te deu um anel de compromisso?

Não. Mas ele teve de me cortejar durante semanas antes de eu dizer "sim". Sabe como é, não sou um cara fácil.

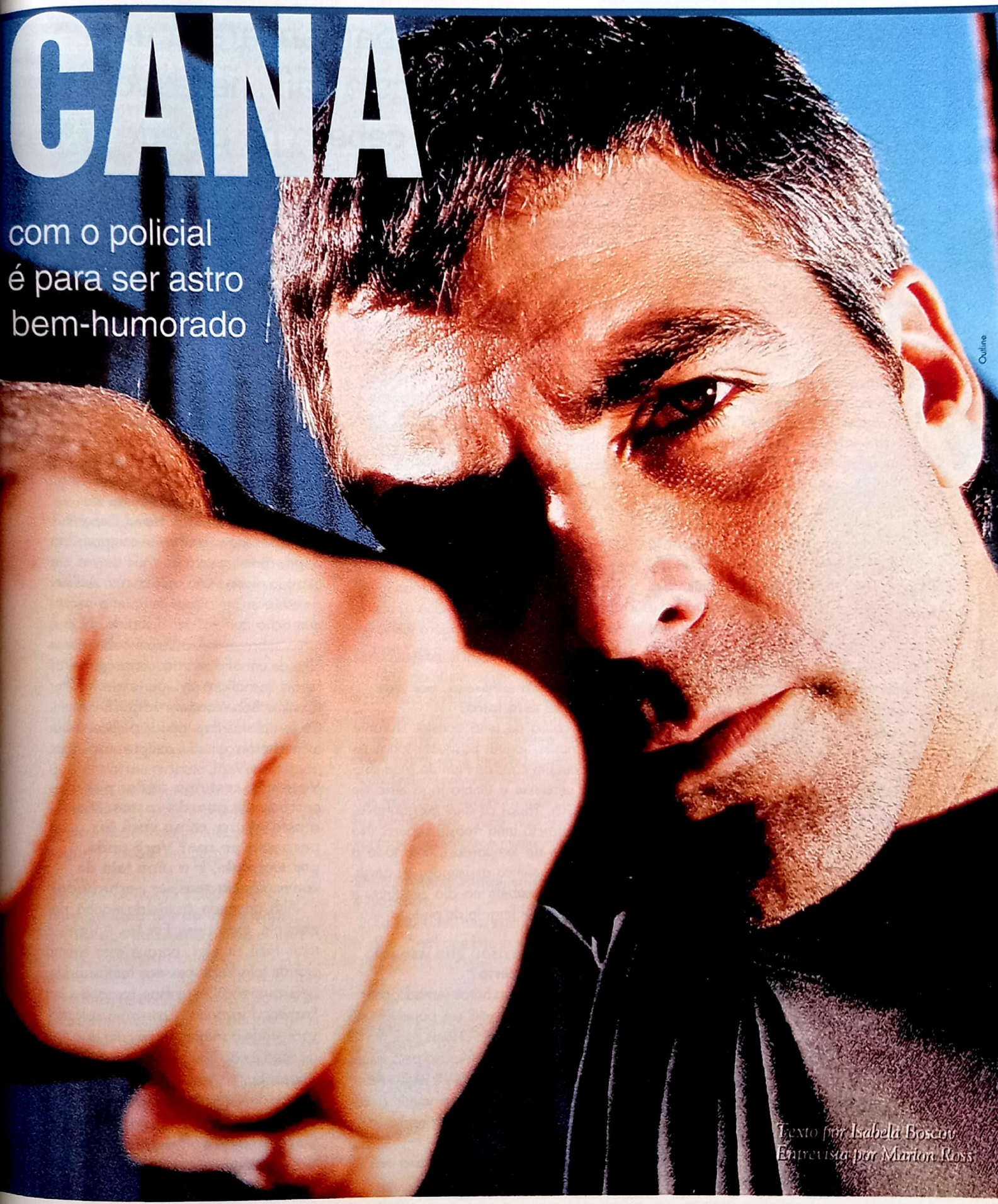
Por falar nisso, faz tempo que você namora a francesa Céline Balidran. Vai sair casamento?

Já fui casado (*de 1989 a 1992, com a atriz Talia Balsam*). E não estou a fim de apressar as coisas de novo.

Logo no começo de *Out of Sight* →

CANA

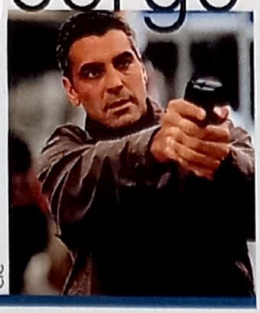
com o policial é para ser astro bem-humorado



Outline

Texto por Isabela Boscov
Entrevista por Marion Ross

george clooney



CIC

> "Eu ia para um bar, encarava uma garota por duas horas e daí... nada. Voltava para casa e batia a cabeça na parede"

você rouba um banco sem nem usar uma arma. Você algum dia pensou em fazer algo assim? No filme tudo parece tão fácil...

E foi fácil mesmo – a caixa do banco era uma graça. Mas, não, nunca pensei em fazer nada igual. Não sei de ninguém que tenha se dado bem nesse ramo.

Uma das cenas mais bacanas do filme é aquela em que você e Jennifer Lopez estão presos no porta-malas de um carro. E pelo jeito foi divertido fazê-la.

Bem, o que mais fazia a gente rir... Primeiro, aquilo não era um porta-malas de verdade, era uma coisa suspensa a dois metros do chão, e que sacudia de lá para cá. Além disso, eu estava coberto de lama e vaselina – algo que, aliás, faço toda sexta à noite. A idéia era rodar a cena toda em uma tomada só. Repetimos a seqüência umas 45 vezes, dois dias seguidos. Daí, dois meses depois, alguém liga e diz: "A cena ficou uma droga. Vamos refazê-la". Jennifer quase teve um troço. Eu não. "Preso no porta-malas com Jennifer de novo? Sem problemas!". Por sinal, estávamos sem roupa da cintura para baixo, algo que provavelmente não dá para ver no filme.

Quando estava começando sua carreira você imaginou que iria ficar preso num porta-malas com uma mulher deslumbrante?

Nunca achei nem que iria conseguir emprego, quanto mais *este*. Sou um cara de sorte – trabalhei com Jennifer, com Michelle Pfeiffer e com Nicole Kidman. Minha vida é um inferno! E eu era aquele cara que ia para um bar, encarava uma garota por duas horas, ela me encarava de volta e daí... eu não fazia nada. Só ia para casa e batia a cabeça na parede.

***Out of Sight* é bem romântico. Qual sua definição de romance?**

Uma mulher embriagada?

Mimi Leder, que dirigiu você em *Plantão Médico* e em *O Pacificador*, disse que o que você tem de mais sexy é o cérebro.

Bem, acho que podemos concluir que Mimi anda bebendo (*risos*). É uma coisa legal para dizer de alguém, mas não sei se é necessariamente verdadeira. Sabe como é, Mimi tinha de dizer essas coisas para vender *O Pacificador*.

Você está começando mais uma temporada – a sua última – em *Plantão Médico*. Quais serão as novidades deste ano?

Acho que este ano Noah Wyle (*que faz o Dr. Carter*) e eu vamos nos casar e finalmente consumar aquele relacionamento que já estamos ensaiando há tempos. Sei lá, não tenho a menor idéia. Você chega no set, eles te dão o roteiro, você olha e fala: "Uau, agora tenho um filho!". Toda semana é uma surpresa.

Por falar em surpresa, por que hoje você está loiro?

Por causa de uma aposta. Durante nove meses, joguei basquete todos os dias com um cara de *Plantão Médico* – quem perdesse o último jogo teria de ficar loiro. Todos os dias eu ganhava, então parecia uma aposta segura. No último dia da temporada, com toda a equipe e o elenco assistindo, eu perdi. Descolori o cabelo no dia seguinte, e no outro tentei tingi-lo de preto.

Ninguém te avisou que isso não costuma dar certo?

Não. Passei seis horas sentado, com o cabelo todo enrolado em papel-alumínio, e saí parecendo o Dennis Rodman (*o jogador de basquete famoso pelo visual extravagante*). Então agora estou esperando o cabelo crescer e voltar à cor natural – que é o grisalho (*risos*).

George, ainda há um leitão em sua vida?

Essa é uma pergunta muito pessoal. Mas, vá lá, já faz onze anos que tenho um porco de estimação chamado Max. É o relacionamento mais longo da minha vida até hoje.

Ele pega o jornal para você, traz seus chinelos?

Não, meu lance com Max é mais sexual mesmo.

Você ainda está em cruzada contra os tablóides (no ano passado, Clooney virou notícia ao liderar um boicote contra o conteúdo sensacionalista de programas como o Hard Copy)?

Não é uma cruzada – só comprei uma briga, certa ou errada. Mas de vez em quando ainda volto ao assunto. Acabei de escrever um artigo para uma revista que acho que vai ser divertido. Não é tanto sobre os tablóides; é sobre ser o filho de um âncora e ter como primeiros heróis jornalistas do porte de Walter Cronkite, Bob Woodward e Carl Bernstein. Os jornalistas hoje não são necessariamente heróis, e isso é sempre um perigo.

Você não costuma andar por aí cercado de guarda-costas. Mas, a esta altura, como você faz para sair na rua? Você pode, por exemplo, ir a uma loja de conveniência sem ser perturbado?

Ahh, depende. Às três da manhã, por exemplo, tudo bem. Em Los Angeles é mais fácil circular, porque esta é uma cidade lotada de pessoas famosas. Depois que você vê coisas como o Clint Eastwood lavando o carro na calçada, você tende a se acostumar com esse tipo de cena e não liga tanto para as celebridades. Eu, por outro lado, cresci numa cidade do Kentucky que tinha pouco mais de mil habitantes. Certo dia, Raymond Burr (*que viveu o advogado Perry Mason na série homônima*) apareceu lá para gravar uma minissérie. Eu tinha doze

anos, e o segui pela cidade inteira como um cachorro. Então posso entender por que alguém fique siderado ao encontrar uma pessoa famosa.

A fama mudou você?

Mudou. Agora piso nas pessoas o tempo todo – mas só nas pequenas.

Você é sobrinho do grande ator José Ferrer, que foi casado com sua tia, Rosemary Clooney. Quais são suas lembranças dele?

Só fiquei próximo do meu tio quando eu tinha uns vinte anos e ele foi ao Kentucky fazer um filme. Passamos quatro meses juntos e nos tornamos bons amigos. Ele e meu primo, Miguel Ferrer, é que me convenceram a ir para Los Angeles tentar a carreira de ator. José foi uma grande influência para mim. Ele foi me ver na primeira peça que fiz. Era uma montagem pequenininha em Los Angeles, e eu me achava o máximo. Durante duas horas, chorei, gritei e fiz tudo o que achava genial. No fim, perguntei ao meu tio o que ele tinha achado. E ele: "É melhor não comer o cenário – você não sabe por onde ele andou". Grande cara.

Antes de virar ator, que empregos você teve?

Vendi seguros de porta em porta. Muito divertido. Já pensou fazer isso a vida toda? Também vendi sapatos – outro trabalho divertido. A moça calça 40 e quer entrar num sapato 36. Vendi ternos, desenhei caricaturas num shopping e cortei tabaco. Essa é a *pior* coisa que alguém pode fazer. Tente passar o dia cortando tabaco em pleno verão.

Se você pudesse falar com o George Clooney de vinte anos atrás, que conselho daria a ele?

"Pare de falar sozinho" seria o primeiro deles. Mas não sei, porque vinte anos atrás eu tinha três anos – acabei de fazer 23. Mas, bem, quando eu tinha vinte anos nunca prestaria atenção nos conselhos de um velho de 37. Hoje acho que as pessoas de 37 são muito jovens. Você não acha?

O que deu errado em *Batman & Robin*? Vai haver um quinto episódio da série?

Olhe, acho que eu enterrei a série – então não sei se vai haver mais um filme. E, para dizer a verdade, também não sei o que aconteceu com *Batman & Robin*. O filme era longo, havia muitas coisas faltando... Não funcionou, por um milhão de razões diferentes.

E o que você vai fazer agora?

Primeiro o Homem Aranha, e depois o Aquaman (*risos*). Espero fazer mais um filme com Steven Soderbergh, o diretor de *Out of Sight* – uma comédia chamada *Leatherheads*.

Você tem também uma pequena participação em *The Thin Red Line*, o terceiro filme do diretor Terrence Malick em 25 anos de carreira. Como é trabalhar com um sujeito tão mítico quanto ele?

Terrence dirigiu *Terra de Ninguém*, que é um dos meus dez filmes prediletos. Então liguei para ele e disse que estava disposto até a carregar caixotes no set de *The Thin Red Line*. Filmei durante uma semana. E, para dizer a verdade, fiquei muito intimidado.

Isso acontece com freqüência?

Mais do que você imagina. Acabei de fazer uma sessão de fotos com Harrison Ford, por exemplo. E no mundo há gente famosa e há astros de cinema. Harrison é um astro; ele é Indiana Jones, é Han Solo. Daí ele entra no estúdio, te cumprimenta, e alguém diz para você pôr a mão no ombro dele. Você não se sente à vontade. Fico mesmo muito intimidado.

Ele é Indiana Jones, mas você é Batman.

Eu sou o *terceiro* Batman, e enterrei a série. Será que isso conta? ■

"Há onze anos tenho um porco de estimação, Max. É o relacionamento mais longo da minha vida"

JÁ ESTÁ NA HORA DE TROCAR O VÍDEO POR UM DVD?

Fotos: Reprodução

Dói, mas a resposta é não. Saiba por que ainda é melhor esperar para comprar um DVD player

Será que o DVD vai substituir o vídeo? A discussão, apesar de tratar de uma das mais atuais invenções da indústria do entretenimento, é velha, bem velha. Ela já aconteceu quando o CD apareceu e desbancou os jurássicos discos de vinil. Lembra a época do surgimento do cinema, que ameaçou arrasar com a fotografia. Certo *déjà vu* ocorre também quando pensamos nas primeiras aparições do vídeo. Estava anunciada, ali, a morte das salas de espetáculo?

É claro que é muito mais fácil avaliar o impacto de uma novidade algum tempo depois que ela irrompe. Hoje em dia, LPs são só para nostálgicos. Já cinema e vídeo convivem em harmonia, pois são duas experiências diversas. A fotografia, por sua vez, firmou caminhos estéticos outros que não os da imagem em movimento – e nem por isso perdeu a graça. O DVD (sigla para videodisco digital ou disco digital versátil) suscita dúvidas semelhantes.

Com a mesma aparência de um CD de música, o DVD tem capacidade para pelo menos 4,7 gigabytes, ou sete vezes mais dados digitais que o CD. Pouco tamanho para um desempenho invejável: o superdisco é capaz de armazenar um filme de duas horas em um só lado. Para ter uma idéia, são necessários dois laserdiscs – moda que não pegou – para guardar um longa-metragem.

O DVD ainda tem mais: a qualidade das imagens. Enquanto o VHS tem uma resolução de 240 linhas, o DVD arremata com 500 linhas. Isso sem falar que cada DVD suporta oito dublagens e legendas em 32 idiomas, mais sistema Dolby Digital Surround, com cinco canais de áudio mais um para as freqüências baixas. É cinema em casa *mesmo*.

Tanta maravilha tem só um problema. Para controlar seus lançamentos, os estúdios cinematográficos dividiram o globo em seis regiões. Para cada uma, criaram uma codificação diferente, tanto para aparelhos quanto para filmes, incompatível com as demais. O Brasil está na Zona 4. Os Estados Unidos, com mais de oitocentos títulos de filmes já lançados em DVD, situam-se na Zona 1. Há um interesse comercial por trás dessa divisão, e quem acaba perdendo é o consumidor.

Por aqui, a situação começa a ser remediada. No mês passado, a Columbia TriStar lançou um pacote de títulos de DVD com legendas em português, no qual se incluem sucessos como *O Casamento do Meu Melhor Amigo*, *O Profissional*, *O Quinto Elemento* e *O Povo Contra Larry Flynt*. Antes disso, só era possível assistir a *Era uma Vez na América*, de Sergio Leone, lançado pela FlashStar. Até o final do ano, prometem-se mais lançamentos – e a Warner também deve entrar no mercado. Já neste mês, aparelhos de DVD para a região 4 vão começar a pipocar nas lojas do ramo, ao valor médio de 1,3 mil reais. O preço, já se sabe, tende a baixar – e, havendo demanda, os títulos vão se multiplicar. Mas ninguém garante que DVDs possam ser alugados, como os vídeos, em locadoras.

É evidente que a resposta à pergunta lá em cima quem vai dar é você. Mas ainda é cedo para apostar cegamente no DVD. Para saber se ele vai vingar, só há duas saídas. Uma delas é fazer a moda. A outra é esperar que a moda pegue. E isso não depende de você.

Alguns dos títulos lançados em DVD pela Columbia TriStar: o mercado começa a se agitar

Gabriela Aguerre é repórter da revista Superinteressante, da Editora Abril.

UMA VELHA SALA, UM ETERNO PRAZER

No Brasil há espaço para os multiplex e para uma velha sala como a do Teatro do Parque, em Recife, que cobra 1 real por sessão

No momento em que os multiplex se afirmam no Brasil, inaugurando novos conjuntos a cada mês, ainda sobrevivem cinemas como o da Fundação Cultural do Teatro do Parque, em Recife. É uma sala grande, fato raro hoje em dia. Seus 1.034 lugares são ocupados três vezes por semana, às segundas, terças e quartas, por espectadores que pagam o baixíssimo preço de 1 real por sessão, de modo que há filmes que conseguem atingir mais de 5 mil espectadores nesses três dias – cifra que poucos cinemas alcançam numa semana. Exibe-se de *Carlota Joaquina* a *A Lista de Schindler* para um público que vai do "juiz ao desempregado", no dizer de seu administrador. O som é estéreo e o projetor, a carvão.

Estes nomes, "estéreo" e "carvão", reportam-me à minha juventude, lá pelos idos dos anos 50, numa cidade do interior paulista – quando, ao se inaugurar a segunda sala de cinema, anunciava-se (e eu e meus amigos propagávamos como a maior inovação tecnológica) que ela era melhor que a antiga porque sua projeção era com lâmpada de xenônio, e não mais a carvão. Mas logo percebemos que a nova sala perdia para a antiga num item básico: ia-se ao cinema para namorar, e o novo cinema, com sua projeção a lâmpada de xenônio, era claro demais.

Foi também no antigo cinema daquela cidade que tive minha iniciação frente à enorme tela, na qual imagens se moviam e falavam (durante muito tempo, acreditei que havia pessoas atrás da tela "fazendo as vozes"). Nessa minha primeira noite, a sensação era de que o ambiente era escuro demais, agravado por um filme estranho em que o personagem tinha um nariz que crescia e crescia, o que me deixou em pânico, originando um choro convulsivo e agudo (única vez em que me comportei assim no cinema – ainda choro, mas não compulsivamente) que me obrigou a sair sem ver a conclusão da sessão.

Esse filme, *Pinóquio*, volta hoje a ser notícia, pois Francis Coppola está vencendo uma batalha judicial contra um grande estúdio americano que o teria impedido de realizar uma versão da história (*leia mais nesta edição*). Espero não chorar "compulsivamente" quando *Pinóquio* vier a ser exibido na versão de Coppola, e estou pensando em mover uma ação contra a extinta Embrafilme pelos projetos que não realizei.

Voltando ao Teatro do Parque, em Recife: seu administrador me disse que o carvão lhe tem garantido uma excelente projeção, mas que, atualmente, pela dificuldade de obter o carvão para os projetores, vai passar para a lâmpada de xenônio – espero que a "nova" tecnologia não afugente os namorados. Sei também que esse cinema tem história: fundado em 1915, hoje tombado pelo Patrimônio Histórico, pertenceu ao maior exibidor do país, Luis Severiano Ribeiro, de 1929 a 1959, período que vai do cinema mudo ao sonoro, e depois dos anos 70 passou para a Secretaria de Cultura da Prefeitura de Recife, com os antigos projetores a carvão deleitando juízes, desempregados e... namorados. Continuará a conviver com os bem-vindos multiplex, com suas salas em forma de estádio e som dolby digital.

São bem-vindos, pois nosso país tem tão poucas salas (aproximadamente mil) que há gerações de possíveis espectadores que nunca foram a um cinema. Para esses, cinema é a telinha de TV, com sua programação própria ou com uma fita de vídeo. Espero que, com as novas salas, esses espectadores possam descobrir o enorme prazer de ir a uma sala de cinema, para namorar, comer pipoca ou, também, assistir a um filme.

Francisco Ramalho dirigiu e escreveu, entre outros, Besame Mucho, O Cortiço *e* À Flor da Pele. *É associado de Hector Babenco, de quem produziu, entre outros,* O Beijo da Mulher Aranha *e* Coração Iluminado.

10 DICAS QUE FAZEM UM ROTEIRO SER MAIS LEGAL

Os roteiristas e diretores Curtis Hanson e Vondie Curtis Hall contam à SET o que é necessário para escrever um bom filme

1 LUGAR DE FÓRMULA É NO LABORATÓRIO "Nunca li um livro sobre como escrever roteiros", diz Curtis Hanson, responsável por *Los Angeles – Cidade Proibida*. Ele ressalta que o importante não é ter a técnica, e sim uma idéia original.

2 SEJA HONESTO COM SEUS PERSONAGENS "Tudo o que eu queria em *Gridlock'd*", afirma o roteirista e diretor Vondie Curtis Hall, "era conduzir os protagonistas até o final de forma realista". Ele acha que o essencial é colocar os personagens em situações que estejam de acordo com a personalidade imaginada para eles.

3 SEJA HUMILDE Não pense que, com um roteiro em mãos, todas as portas se abrirão para você. "Quando escrevi *Gridlock'd*", lembra Vondie, "minha intenção era fazer um filminho caseiro". O projeto só conseguiu um orçamento decente por causa do interesse do ator Tim Roth.

Vondie e Curtis: palavra de quem sabe

André Perazzo

PARA SABER MAIS

- *Da Criação ao Roteiro*, de Doc Comparato
- *The Screenwriter's Workbook*, de Syd Field

4 A COR DO DINHEIRO COMBINA COM SUA IDÉIA? Mesmo que os filmes que seguem uma determinada fórmula continuem a garantir uma fortuna para os grandes estúdios – e para quem os escreve –, é impossível prever o sucesso de um roteiro assim. "Se for o dinheiro que motiva o roteirista, é melhor nem começar a trabalhar", decreta Vondie. "O filme já nasce morto."

5 FILME DE AÇÃO NÃO SIGNIFICA FILME RUIM Se a sua idéia é um espetáculo de tirombaços, não se encha de culpa: isso não é pecado. Vondie não vê diferença alguma entre drama, comédia e um bom filme de ação. "O que o público quer é sair satisfeito do cinema. Se as coisas estiverem explodindo, mas os personagens conseguirem se relacionar de modo convincente, missão cumprida."

6 NÃO TENHA MEDO DE "BRANCOS" A situação mais normal para qualquer escritor é sentar em frente ao computador e não conseguir escrever uma linha sequer por absoluta falta de idéias. "Isso acontece com freqüência", conta Vondie. "Nessas horas, o melhor é esquecer o trabalho e relaxar."

7 EXERCITE SUA MENTE Elaborar um roteiro exige paciência, determinação e muita força de vontade. "Escrever é doloroso", afirma Vondie, "por isso o trabalho tem de ser prazeroso. Colocar algumas bobagens no papel antes de se concentrar no roteiro ajuda a esquentar as idéias".

8 NÃO SE ACANHE EM ARRUMAR UM PARCEIRO Não deixe que a vontade de criar uma obra pessoal o impeça de dividir o trabalho. "Minha parceria com Brian Helgeland em *Los Angeles – Cidade Proibida* foi como uma partida de tênis", lembra Curtis. "Eu enviava minhas páginas para ele, que as devolvia com elementos a mais. O roteiro ficou pronto depois de umas oito revisões."

9 SAIBA O QUE SEU PÚBLICO QUER VER É importante prestar atenção em que tipo de filme o público anda interessado e daí apresentar idéias rentáveis aos investidores. "É preciso estar em sintonia", ressalta Curtis, "e ver os projetos que estão dando certo". Ele acredita que existe uma mudança para melhor na qualidade dos roteiros, o que explica o sucesso de filmes como *Melhor É Impossível*.

10 ESCREVA O FILME QUE VOCÊ GOSTARIA DE ASSISTIR Curtis e Vondie garantem que, para se dar bem como roteirista, não importam o gênero, os efeitos especiais ou os personagens: se você quiser escrever um filme, faça algo que gostaria de assistir. Do contrário, para que começar? ■

SET RECOMENDA

SEIS DIAS, SETE NOITES

Harrison Ford e Anne Heche perdem-se em um paraíso tropical para viver uma inusitada paixão

Entre uma superprodução e outra, Harrison Ford gosta de dar um tempo em seu lado heróico e trabalhar em produções mais leves e engraçadas – como a comédia romântica *Seis Dias, Sete Noites*, em que contracena com a talentosa Anne Heche.

Harrison é Quinn, um piloto de avião que trocou as paisagens urbanas por uma vida tranqüila numa ilha do Pacífico. Seu caminho cruza o de Robin (Heche), a editora de uma revista nova-iorquina, que está em férias com o noivo deslumbrado: por causa de um compromisso inadiável, ela contrata Quinn para levá-la ao Taiti. Só que uma tempestade derruba o avião numa ilha desabitada, isolando a dupla.

Daí em diante, esta poderia se tornar uma daquelas deliciosas produções que Hollywood costumava fazer, com dois protagonistas que se detestam – até que descobrem ser impossível viver separados. Mas, preocupados com o fraco desempenho da última comédia estrelada por Ford, *Sabrina*, os produtores decidiram dar ao filme um indigesto tempero de ação, na forma de um inútil bando de piratas modernos que se intrometem no romance.

Ainda bem que esse detalhe não estraga o que o filme tem de melhor: a química perfeita entre Ford e Heche – e que foi posta em xeque quando, no início das filmagens, a atriz assumiu seu namoro com a comediante Ellen DeGeneres.

Ford nunca pareceu tão à vontade em um filme – o piloto Quinn é o personagem que mais se aproxima em tom de Indiana Jones, aquele herói relutante que sempre consegue se dar bem nas situações mais complicadas. Mas é Anne quem domina o filme. Demonstrando um *timing* perfeito para a comédia, ela protagoniza uma das cenas mais hilariantes do ano: quando um peixe mais abusado nada para dentro de sua bermuda, o entusiasmado Ford tem de resolver a parada com as mãos. Não é à toa que, no cartaz, o nome da atriz aparece com o mesmo peso e medida que o astro do século.

Anne e Harrison: semana muito agitada em uma ilha deserta

(Six Days, Seven Nights, EUA, 1998) ***Direção****: Ivan Reitman.* ***Com*** *Harrison Ford, Anne Heche, David Schwimmer, Jacqueline Obradors, Temuera Morrison, Allison Janney, Douglas Weston, Danny Trejo. 101 min.*

QUANDO GANHAR DINHEIRO DÓI

Quem acha que os dublês é que sofrem enquanto os astros se refrescam com água-de-coco pode mudar de opinião ao saber dos ferimentos que Harrison Ford contabilizou em sua longa carreira: ele já quebrou o nariz diversas vezes, machucou o ombro outras tantas, rompeu um ligamento do joelho em *O Fugitivo*, teve o joelho esquerdo danificado para sempre quando foi atingido pela asa de um avião em um dos *Indiana Jones*, feriu a articulação de um dos pulsos em uma queda num set, fez belos cortes nas pernas em *Seis Dias* e ganhou um olho roxo de Gary Oldman em *Força Aérea Um* – "bem, eu é que insisti para que ele fosse mais agressivo", explica o dolorido Harrison.

Neve Campbell e Courteney Cox enfrentam mais um psicopata mascarado no assustador Pânico 2

Columbia TriStar

Liam: drama clássico

OS MISERÁVEIS

Desde 1909, o romance de Victor Hugo foi levado inúmeras vezes para as telas. A nova versão, dirigida pelo dinamarquês Bille August (de *A Casa dos Espíritos*), nada acrescenta. A história sobre redenção é protagonizada por Liam Neeson – ele interpreta Jean Valjean, o ladrão regenerado que é perseguido pelo inspetor Javert, em grande atuação de Geoffrey Rush, o pianista de *Shine*.

(Les Misérables, EUA, 1998) ***Direção:*** *Bille August.* ***Com*** *Liam Neeson, Geoffrey Rush, Uma Thurman, Claire Danes. 129 min.*

SET RECOMENDA

PÂNICO 2

Equilibrando sustos e bom humor, a seqüência de *Pânico* é ainda mais divertida que o original

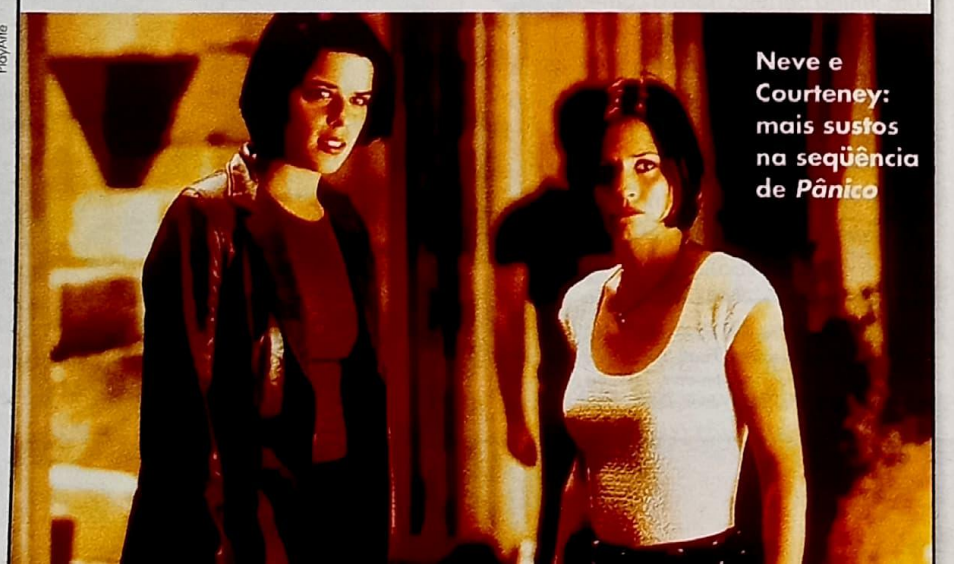
Depois de terem criado o sucesso *Pânico*, o diretor Wes Craven e o roteirista Kevin Williamson quebram uma pouco honrosa tradição: com *Pânico 2*, eles provam que é possível bolar uma continuação mais legal do que o filme original.

Dois anos depois do massacre ocorrido na cidade de Woodsboro, a jovem Sidney Prescott está morando no campus de uma universidade, onde tenta esquecer o passado. Mas a tarefa é difícil, já que a repórter Gale Weathers transformou a tragédia num best-seller que acaba de ser adaptado para as telas. Quando um novo psicopata começa a matar pessoas próximas a Sidney, ela passa a desconfiar de todos a seu redor.

Seguindo à risca a cartilha das seqüências, o novo filme eleva à enésima potência cada um dos clichês que fazem o charme das continuações – ou que, quando mal-empregados, acabam com sua credibilidade. A surpresa é que a fórmula aqui funciona à perfeição, fazendo de *Pânico 2* uma aventura divertida e assustadora, embalada com muito bom humor e boas doses de cultura pop.

(Scream 2, EUA, 1997) ***Direção:*** *Wes Craven.* ***Com*** *David Arquette, Neve Campbell, Courteney Cox, Sarah Michelle Gellar, Jamie Kennedy. 122 min.*

PlayArte



Neve e Courteney: mais sustos na seqüência de *Pânico*

SET RECOMENDA

KENOMA

A estréia de Eliana Caffé na direção de longa-metragem é uma instigante saga quixotesca. José Dumont é um artesão que mora na falida cidade de Kenoma. O grande sonho de sua vida é reativar o moinho local com o uso de uma máquina auto-suficiente. A busca do moto-perpétuo no interior miserável e esquecido do sertão mineiro é uma alegoria bastante feliz, enriquecida aqui com cenas de intensidade ímpar.

(Brasil, 1998) ***Direção:*** *Eliana Caffé.* ***Com*** *Enrique Diaz, José Dumont, Mariana Lima, Jonas Bloch, Matheus Nachtergaele. 110 min.*

GOLPE FULMINANTE

Jean-Claude Van Damme volta a trabalhar com o diretor Tsui Hark, de *A Colônia*. O roteiro, desta vez, é de Steven de Souza, de *Duro de Matar*. Mais do que um filme de artes marciais, este aposta em explosões e tiroteios. Van Damme é um agente da CIA que opera disfarçado de comerciante, com a missão de impedir que a máfia russa coloque à venda bombas microscópicas de alta tecnologia.

Columbia TriStar

Van Damme: mais pancadaria

(Knock Off, EUA, 1998) ***Direção:*** *Tsui Hark.* ***Com*** *Jean-Claude Van Damme, Rob Schneider, Lela Rochon, Michael Wong, Paul Sorvino, Glen Chin.*

SET RECOMENDA

ONE NIGHT STAND

O diretor e roteirista Mike Figgis insiste no clima intimista e melancólico de *Despedida em Las Vegas*. Uma noite de sexo entre Wesley Snipes e a belíssima Nastassja Kinski, ambos casados, muda a vida de todos os personagens, ricaços que moram em Nova York e em Los Angeles. Robert Downey Jr. rouba o show como um aidético terminal.

(EUA, 1997) ***Direção:*** *Mike Figgis.* ***Com*** *Wesley Snipes, Nastassja Kinski, Ming-na Wen, Kyle MacLachlan, Robert Downey Jr. 103 min.*

Ben Stiller e Cameron Diaz: piadas politicamente incorretíssimas

QUEM VAI FICAR COM MARY?

SET RECOMENDA

Os criadores do alucinado *Debi & Lóide* assinam o filme mais hilariante do ano

Para os irmãos Bobby e Peter Farrelly, a onda da correção política que assolou a América nesta década não passa de uma lembrança distante. A dupla responsável por *Debi & Lóide* capricha nas piadas de baixo nível em *Quem Vai Ficar com Mary?*, que se tornou um dos maiores sucessos do verão americano.

O roteiro é uma desculpa para eles destilarem seu humor peculiar: Ted é um nerd que consegue um encontro com a garota mais desejável da escola, a sensível Mary, mas a noitada é abreviada por um infeliz acidente – ele prende suas partes baixas no zíper da calça. Treze anos depois, Ted contrata um detetive malandro para encontrá-la. Mas o sujeito se apaixona por ela e passa a fazer de tudo para conquistá-la.

Os Farrelly não têm pudor em mostrar as piadas mais grosseiras do ano – como a cena em que Cameron Diaz confunde um certo fluido corpóreo masculino com gel para cabelo. *Quem Vai Ficar com Mary?* vai incomodar muita gente. Mas quem deixar sua razão e sensibilidade na porta do cinema pode se preparar para duas horas hilariantes.

(There's Something About Mary, EUA, 1998) ***Direção:*** *Bobby e Peter Farrelly.* ***Com*** *Ben Stiller, Cameron Diaz, Matt Dillon, Lee Evans. 119 min.*

SET RECOMENDA GREASE – NOS TEMPOS DA BRILHANTINA

Um dos musicais de maior sucesso da história, *Grease* completa vinte anos de embalo e volta às telas em cópias restauradas. O filme consagrou um dos casais românticos mais famosos da década de 70, formado pelo astro em ascensão John Travolta e a gracinha australiana Olivia Newton-John. Visão nostálgica da vida estudantil nos anos 50, o filme é uma divertida viagem no túnel do tempo.

(Grease, EUA, 1978) ***Direção:*** *Randal Kleiser.* ***Com*** *John Travolta, Olivia Newton-John, Stockard Channing, Jeff Conaway. 110 min.*

Travolta e sua turma: de volta aos anos dourados

O humor politicamente incorreto é o trunfo de Quem Vai Ficar com Mary?

CANNE'S VÍDEO

A SUA REVENDA DE FITAS NOVAS E USADAS

• Todos os lançamentos
• Preços sem concorrência no pagamento à vista ou facilitado
• Novas promoções
• Venha aproveitar!

CONFIRA!

• Monte sua locadora conosco e ganhe expositores, estojos, brindes e transporte gratuito
• Garantia e qualidade

Não compre sem antes nos consultar

SOLICITE NOSSO CATÁLOGO E MALA DIRETA
Fone: (011) 290-2788
Fone-fax: (011) 959-3319

Av. Cruzeiro do Sul, 2752 – Salas 21/22
CEP 02030-100 – Santana – SP – Metrô Carandirú
Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 16:00 horas

PATY'S HOME VÍDEO

MONTE SUA LOCADORA CONOSCO!
E GANHE TODAS AS PRATELEIRAS
E BRINDES ESPECIAIS.

TUDO EM FITAS E ACESSÓRIOS

• PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO
• PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO
• PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
• GARANTIA E QUALIDADE
• ACEITAMOS CARTÃO DE CRÉDITO

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

Rua Dr. Zuquim, 70 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)

Disk Vendas
(011)
298-1899
NOVO TELEFONE

REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

CASAMENTO DE CINEMA

Hollywood nunca foi terra de muita cerimônia, mas alguns astros, como Elvis Presley, faziam questão de toda a pompa e circunstância na hora de atar o nó

Apesar de fazer os filmes mais românticos do mundo, Hollywood tem poucos casamentos tradicionais, com a noiva de véu e grinalda. Grande parte dos astros prefere "fugir para casar", voando até Las Vegas para uma rápida cerimônia em uma das capelas da cidade. Outros promovem as bodas em seu próprio território, como Sharon Stone e Barbra Streisand, que convidaram alguns amigos para jantar em suas casas.

Nos anos 40, Humphrey Bogart e Lauren Bacall tomaram emprestado o sítio do escritor Louis Bromfield, autor de *E as Chuvas Chegaram*. Usando um churrasco como pretexto, os dois apareceram no local com um ministro para realizar o casamento. O dono da casa foi padrinho de última hora. Já Marilyn Monroe casou-se com Arthur Miller em 1956; para despistar a imprensa, a cerimônia, que seguiu o ritual judaico, aconteceu na granja dos pais do teatrólogo.

É claro que algumas celebridades fizeram questão de desfrutar toda a pompa das bodas tradicionais. Católico ao extremo, o galã Tyrone Power casou-se com Linda Christian em uma catedral de Roma, onde haviam se conhecido. A atriz mexicana usou um suntuoso vestido branco, cuja cauda foi erguida por seis pajens. Completando o clima romântico, Ty e Linda batizaram sua primeira filha de Romina, em homenagem à capital italiana.

Outro ídolo que primou pelas tradições foi Elvis Presley. Enquanto servia o exército americano na Alemanha, o rei do rock apaixonou-se por uma fã, Priscilla Beaulieu, de apenas quatorze anos. Com o consentimento dos pais da jovem, Elvis levou-a para morar em sua mansão, em Memphis, com a promessa de não ter relações sexuais com ela até o dia do casamento. A própria Priscilla confessa, em sua autobiografia, que só perdeu a virgindade na noite de núpcias, em 1967, quando já tinha 22 anos.

Durante o tempo em que morou na casa de Elvis, ela se dedicou aos estudos e ao "polimento social" exigido pelo noivo. Perfeccionista, ele ensaiou exaustivamente todos os detalhes da cerimônia. Apesar de todo o aparato – o bolo, por exemplo, tinha dois metros de altura –, o casal se separou seis anos depois. Motivo? Segundo Priscilla, Elvis deixou de sentir atração por ela desde o dia em que deu à luz sua filha, Lisa Marie. Por ter sido muito apegado à mãe, Gladys – falecida prematuramente –, ele passou a considerar incesto transar com a esposa depois da maternidade. Freud explica.

A atriz italiana Pier Angeli chegou a Hollywood nos anos 50 e, contratada pela Metro, encantou a todos com sua beleza e simplicidade. Apesar de ter tido muitos pretendentes, apaixonou-se por James Dean – e foi correspondida. Ao perceber que o namoro estava ficando sério, a mãe de Pier fez de tudo para impedi-lo – embora avesso às convenções, o galã chegou a falar em casamento, segundo me contou Marisa Pavan, irmã gêmea de Pier, que era minha amiga.

A mãe dominadora apresentou então a filha ao cantor ítalo-americano Vic Damone. Vic conquistou Pier aos poucos, afastando-a de Dean. A atriz se casou com Damone em uma suntuosa cerimônia em Beverly Hills, em 1954, um ano antes da morte de James Dean. O saudoso rebelde teve uma atitude de acordo com sua famosa inquietude: durante a cerimônia, ficou sentado em sua moto, diante da igreja, com o motor roncando. Quando Pier e Vic entraram no carro nupcial, lá se foi o solitário Jimmy em sua moto, a toda velocidade. A propósito: Pier suicidou-se em 1971, vítima de overdose de drogas, aos 39 anos.

Priscilla e Elvis: bolo de dois metros de altura não garantiu união duradoura

Dulce Damasceno de Brito foi correspondente em Hollywood dos Diários Associados *e de* O Cruzeiro *de 1952 a 1968.*

CINCO CANAIS DIFERENTES. 24 HORAS POR DIA.

ASSISTA NO TELECINE 1 A 20 FILMES INÉDITOS, ENTRE ELES:

- Beavis e Butt-head Detonam a América
- Volcano - A Fúria
- Star Trek - Primeiro Contato

TELE CINE

- Consulte sua operadora Net/Multicanal/Sky sobre a disponibilidade dos canais, preço e condições de instalação. Programação sujeita a alterações.

Você vai ver Inferno de Dante. Um lançamento inédito na TV brasileira, pela primeira vez no Telecine 1, dia 26/09, às 21:00h. Só nos cinco canais Telecine* você tem sempre um bom filme começando. Neste mês são 727 filmes, dos mais variados gêneros, todos com o som original, legendados e sem intervalos. Quem não tem Telecine não tem cinema.

www.telecine.com.br

TELE 1 CINE	TELE 2 CINE	TELE 3 CINE	TELE 4 CINE	TELE 5 CINE
ESTRÉIAS, FILMES NOVOS, INÉDITOS NA TV BRASILEIRA.	AÇÃO, SUSPENSE, POLICIAL, FICÇÃO CIENTÍFICA, WESTERN.	DRAMA, ROMANCE, MUSICAL.	COMÉDIA, AVENTURA, INFANTIL, FANTASIA.	CLÁSSICOS, CULT.

TELECINE. ISTO É CINEMA

O MELHOR MÊS DO VÍDEO

Não bastasse ter tanto filme bom no cinema, as
títulos este mês – tudo para evitar a concorrênc

MELHOR É IMPOS

comédia romântica Uma qualidade inegável do diretor e roteirista James L. Brooks é a capacidade de equilibrar com precisão o melodrama cotidiano com rasgos do humor mais direto e objetivo, como visto em *Laços de Ternura* e *Nos Bastidores da Notícia*. Essa fórmula se repete em *Melhor É Impossível*, nova parceria do diretor com Jack Nicholson, na qual ambos exploram a perfeita sintonia que desenvolveram com o passar dos anos.

O roteiro de Brooks é um presente de amigo do peito para Nicholson. Melvin Udall é um dos personagens mais instigantes do cinema americano recente, um romancista amargo, preconceituoso, solitário, com repentinas mudanças de humor e uma histérica mania de limpeza – obsessão que dá direito a cenas hilariantes nas ruas de Nova York, nas quais a assepsia é uma total impossibilidade. O filme acompanha o ritmo dos humores de Udall: no início, quando o personagem destila sua homofobia e racismo sem cerimônia, o texto é ácido e incorreto. À medida que Udall descobre estar apaixonado, porém, sua necessidade de se ajustar à sociedade o leva a baixar a crista – e também o filme suaviza o tom.

Helen Hunt, Jack Nicholson e Greg Kinnear seguem a máxima "um por todos e todos por um"

(As Good As It Gets, EUA, 1997) Direção: James L. Brooks. **Com** *Jack Nicholson, Helen Hunt, Greg Kinnear, Cuba Gooding Jr., Skeet Ulrich, Shirley Knight, Harold Ramis, Lawrence Kasdan. 138 min. Columbia TriStar.*

Columbia TriStar

distribuidoras de vídeo decidiram lançar uma batelada de ótimos
a de um navio bilionário que vai aportar nas locadoras em outubro

SÍVEL ★★★★

O amor vem na forma da doce e sofrida garçonete Carol (Helen Hunt). Seu jeito frágil e paciente é um rico contraponto à presença animalesca de Nicholson – que, apesar de tudo, oferece sua interpretação mais sutil dos últimos anos. Não à toa, ambos levaram o Oscar: eles exploram a disparidade de cada estilo para criar uma relação verossímil – a química entre ambos é notável.

Não é só a paixão, porém, que explica o processo de humanização de Udall. Quando o escritor é obrigado a cuidar de Verdell, o cão de seu vizinho – um artista plástico homossexual gravemente ferido durante um assalto –, o marmanjo irascível se vê subitamente seduzido pelos olhos suplicantes do animal. O espectador pode achar a mudança de Udall repentina, considerando-se que na primeira cena do filme ele joga o cão pela lixeira do prédio. Brooks, porém, sugere que tudo não passa de reflexo da inconstância do próprio protagonista.

Na melhor tradição de uma novela sofisticada, o diretor promove um milagre e transforma um personagem agressivo e recluso no mais charmoso dos amantes. O espectador fica feliz de mais uma vez testemunhar que todos merecem uma segunda chance – Melvin encontra o amor, Carol faz as pazes com a vida e Simon, o artista plástico, recupera a auto-estima. Mesmo a vida sendo aqui bem mais simples do que ela realmente é, o importante é sentir que a esperança é sempre a última a morrer. O título faz jus ao espetáculo.

Christian Petermann

U.S. MARSHALS – OS FEDERAIS

aventura ★★★

Filmar a continuação de *O Fugitivo*, além de ser um descarado caça-níqueis, poderia significar um grande desafio. O diretor, porém, desconsiderou a segunda hipótese. Assim sendo, o jogo de gato e rato entre o delegado Sam Gerard (Tommy Lee Jones) e Mark Sheridan (Wesley Snipes), o ex-agente da CIA procurado por duplo assassinato, segue a consagrada fórmula de costurar cenas de suspense a mirabolantes seqüências de ação, recheadas de efeitos especiais. É muito divertido, mas o roteiro é um mero coadjuvante.

Fátima Gigliotti

(U.S. Marshals, EUA, 1998) ***Direção:*** *Stuart Baird.* ***Com*** *Tommy Lee Jones, Wesley Snipes, Robert Downey Jr., Kate Nelligan, Joe Pantoliano, Iréne Jacob. 133 min. Warner.*

Snipes, ferido, posa ao lado do caçador Jones

Warner

FÚRIA INOCENTE

INÉDITO NO CINEMA

drama ★★★★★

Francie (à dir.) prega uma peça

Warner

A vida do garoto Francie é um rosário de desgraças: mãe perturbada e suicida, pai bêbado e violento, vizinhos cruéis que adoram humilhá-lo. Mas este filme de Neil Jordan, o diretor de *Entrevista com o Vampiro*, está a anos-luz de um drama convencional: da fotografia naturalista à narração satírica, da violência terrível (e cômica) de Francie aos toques surreais (a cantora Sinéad O'Connor é a Virgem Maria que visita o garoto), ele é uma viagem vertiginosa e embriagante pela mente de um personagem que só a melhor ficção poderia retratar.

Isabela Boscov

(The Butcher Boy, Irlanda/EUA, 1997) ***Direção:*** *Neil Jordan.* ***Com*** *Eammon Owens, Alan Boyle, Stephen Rea, Fiona Shaw, Andrew Fullerton, Ian Hart, Aisling O'Sullivan. 109 min. Warner.*

MERA COINCIDÊNCIA

comédia ★★★★

O que pode ser melhor do que um presidente acusado de assédio sexual a duas semanas da reeleição? Uma guerra? Por que não? O tema da manipulação de informações não é novidade, mas poucas vezes foi tratado com tamanha objetividade como nesta brilhante sátira de Barry Levinson. A idéia de que uma guerra pode ser literalmente produzida é tão absurda quanto fascinante. O maior mérito, porém, é do roteiro, co-escrito por David Mamet, um texto enxuto que torna verossímil uma trama no mínimo mirabolante.

Suzana Uchôa Itiberê

(Wag the Dog, EUA, 1997) ***Direção:*** *Barry Levinson.* ***Com*** *Robert De Niro, Dustin Hoffman, Anne Heche, Denis Leary, Willie Nelson, William H. Macy, Kirsten Dunst. 97 min. Warner.*

Anne Heche e De Niro simulam uma guerra

Warner

Vale a pena mergulhar no mundo mágico e mí

GÊNIO INDOMÁVEL

drama ★★★★

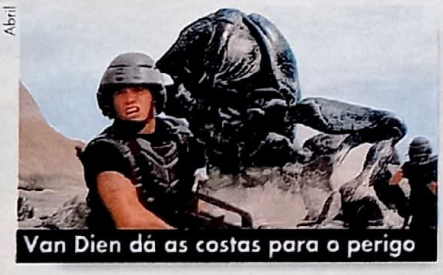
É impressionante a lucidez alcançada pelo roteiro dos jovens Matt Damon e Ben Affleck: eles equilibram bom humor e sensibilidade ao apresentar o genioso Will Hunting (Damon), um jovem de origem humilde e que vive à margem da sociedade, mesmo tendo um potencial intelectual fora do comum. Quando ele começa a fazer terapia com Sean McGuire (Robin Williams), o espectador se identifica com o complexo de exclusão do personagem e o acompanha em sua busca pelo grande amor (Minnie Driver) e pela paz de espírito. Gus Van Sant entra no Olimpo dos diretores pela porta da frente.

Christian Petermann

(Good Will Hunting, EUA, 1997) ***Direção****: Gus Van Sant.* ***Com*** *Matt Damon, Robin Williams, Ben Affleck, Stellan Skarsgård, Minnie Driver, Casey Affleck. 126 min. Paris.*

Williams e Damon conversam sobre a difícil arte de viver

Abril



Van Dien dá as costas para o perigo

TROPAS ESTELARES

ficção ★★★★

Esta aventura sofre deliberada influência visual dos cinejornais dos anos 40, das ficções científicas da época e dos documentários nazistas de Leni Riefenstahl. O diretor Paul Verhoeven foi chamado, por isso, de nazi-fascista. A proposta, porém, é irônica, como fica claro no telejornal que mostra "ao vivo" o combate aos insetos gigantes que ameaçam uma sociedade militarista do futuro. Nessa guerra, a ação corre solta e os efeitos são grandiosos. Já a "patriotada" não deve ser levada a sério.

Alfredo Sternheim

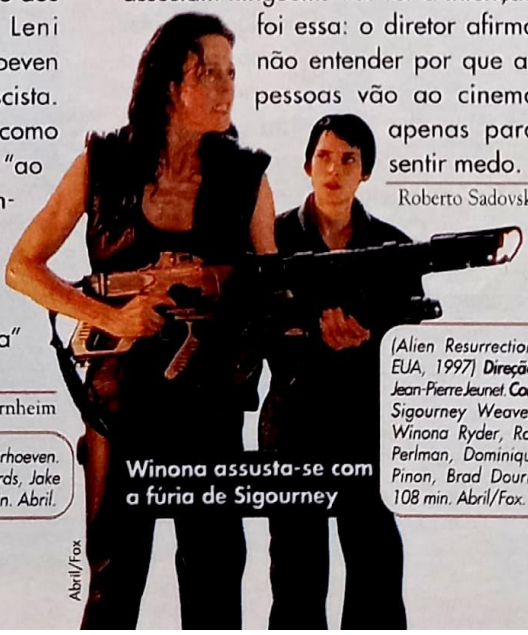
(Starship Troopers, EUA, 1997) ***Direção****: Paul Verhoeven.* ***Com*** *Casper Van Dien, Dina Meyer, Denise Richards, Jake Busey, Michael Ironside, Neil Patrick Harris. 129 min. Abril.*

ALIEN – A RESSURREIÇÃO

ficção ★★★

Depois de morrer no final de *Alien*³, a tenente Ripley é trazida de volta à vida com a ajuda da clonagem. Também retornam os ferozes alienígenas, que acabam soltos em uma espaçonave, prontos para caçar humanos desavisados. Muita coisa mudou – a começar por Ripley, mais ameaçadora do que nunca. Já as misteriosas criaturas se transformaram em monstros que não assustam ninguém. Vai ver a intenção foi essa: o diretor afirma não entender por que as pessoas vão ao cinema apenas para sentir medo.

Roberto Sadovski



Winona assusta-se com a fúria de Sigourney

Abril/Fox

(Alien Resurrection, EUA, 1997) ***Direção****: Jean-Pierre Jeunet.* ***Com*** *Sigourney Weaver, Winona Ryder, Ron Perlman, Dominique Pinon, Brad Dourif. 108 min. Abril/Fox.*

CIC

Djimon Hounsou clama por liberdade

AMISTAD

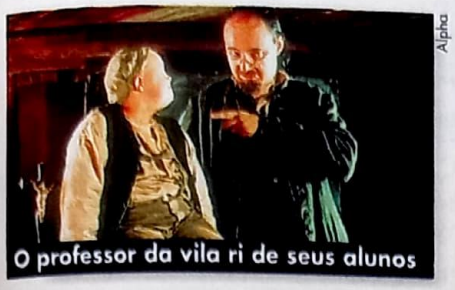
drama ★★★

Em 1839, africanos rebelam-se contra a tripulação do navio negreiro La Amistad. Quando chegam aos EUA, viram alvo de uma querela internacional. O fato sensibilizou os abolicionistas da época e também Steven Spielberg, hoje pai de sete filhos, dois deles afro-americanos. Sentimental, o diretor usou seu talento para criar algumas das mais belas e contundentes imagens da escravidão. Spielberg revelou ainda o bom ator Djimon Hounsou, o líder dos rebeldes. O roteiro, porém, é sofrível.

Fátima Gigliotti

(EUA, 1997) ***Direção****: Steven Spielberg.* ***Com*** *Matthew McConaughey, Djimon Hounsou, Morgan Freeman, Anthony Hopkins, Nigel Hawthorne, Pete Postlethwaite. 153 min. CIC.*

ico do brasileiro A Ostra e o Vento e do alemão Prisioneiro do Amor


Alpha

O professor da vila ri de seus alunos

PRISIONEIRO DO AMOR

drama ★★★★

Indicado ao Globo de Ouro de melhor produção estrangeira de 1997, este filme tem momentos de intensa magia ao descrever a trágica vida de um gênio da música que nasceu, no começo do século 19, em um vilarejo miserável perdido nas montanhas alemãs. Ele é rejeitado pelos moradores do local e vive um intenso e proibido amor. Joseph Vilsmaier, também diretor da impressionante fotografia, é herdeiro direto do cinema onírico praticado por Werner Herzog, mas sem nenhum ranço ideológico.

Christian Petermann

(Schlafes Bruder, Alemanha, 1995) ***Direção****: Joseph Vilsmaier.* ***Com*** *André Eisermann, Dana Vávrová, Ben Becker, Peter Franke, Eva Mattes, Lena Stolze. 127 min. Alpha.*

A OSTRA E O VENTO

drama ★★★★

Este é mais um trabalho poético de Walter Lima Jr., de *Inocência*. Uma constante em sua obra, também presente aqui, é o despertar da sensualidade em meio à natureza. Neste caso, há ainda um acentuado clima de isolamento geográfico – o filme se passa todo em uma ilha – e pessoal: sem ninguém para compartilhar seus anseios, a adolescente Marcela (Leandra Leal, em notável atuação) cria um amigo imaginário. As conseqüências são dramáticas. O clima misterioso é valorizado pela fotografia de Pedro Farkas.

Alfredo Sternheim

(Brasil, 1997) ***Direção****: Walter Lima Jr.* ***Com*** *Lima Duarte, Leandra Leal, Fernando Torres, Castrinho, Floriano Peixoto, Débora Bloch, Arduíno Colassanti. 118 min. Flashstar.*

Flashstar

Leandra tenta agradar ao pai (Duarte)

PlayArte

John Travolta dá uma de Bill Clinton

SEGREDOS DO PODER

comédia ★★★

Muito se comentou sobre a semelhança entre John Travolta e Emma Thompson e o casal Bill e Hillary Clinton – afinal de contas, o filme adapta o livro *Cores Primárias*, a história da campanha eleitoral de Clinton, então um governador sulista cuja candidatura à presidência é supostamente abalada por inúmeros escândalos sexuais. Mike Nichols dirigiu um filme que encantaria o espectador mesmo se fosse puramente ficcional. Esse fiel retrato do universo político tem um humor inteligente e é um ótimo passatempo.

Suzana Uchôa Itiberê

(Primary Colors, EUA, 1998) ***Direção****: Mike Nichols.* ***Com*** *John Travolta, Emma Thompson, Billy Bob Thornton, Kathy Bates, Adrian Lester, Larry Hagman. 139 min. PlayArte.*

JACKIE BROWN

drama policial ★★★★

Em seu terceiro longa-metragem, Quentin Tarantino volta a surpreender com esta adaptação do romance *Ponche de Rum*, de Elmore Leonard, o mesmo autor de *O Nome do Jogo*. Abandonando a violência explícita e a narrativa fragmentada, o diretor opta agora pelo humor ácido, pontuado por uma tensão constante, e resgata um delicioso clima anos 70. Esta é a aventura quase banal de uma aeromoça que tenta passar a perna tanto em traficantes de armas quanto em uma dupla de policiais. É cinema da maior qualidade.

Miguel Barbieri Jr.

(EUA, 1997) ***Direção****: Quentin Tarantino.* ***Com*** *Pam Grier, Samuel L. Jackson, Robert Forster, Robert De Niro, Bridget Fonda, Michael Keaton, Chris Tucker. 155 min. Paris.*

Jackson e De Niro falam de armas e mulheres

SUA MAJESTADE MRS. BROWN

Paris

O passeio real

drama ★★★★

Esta é uma história real e arrebatadora. Mr. Brown foi um escocês grosseirão, que serviu à rainha Vitória a partir de 1864. Brown a acompanhava em seus passeios a cavalo. Viúva, a rainha se entregara a uma rotina de reclusão e sofrimento. A polêmica amizade entre os dois escandalizou os súditos, entusiasmou a oposição e rendeu à rainha o apelido de Mrs. Brown. Indicada ao Oscar deste ano, Judi Dench brilha no papel e explora de forma magnífica seu semblante igualmente suave e implacável.

Suzana Uchôa Itiberê

(Mrs. Brown, Inglaterra, 1997) ***Direção****: John Madden.* ***Com*** *Judi Dench, Billy Connolly, Geoffrey Palmer, Antony Sher, Richard Pasco, David Westhead. 103 min. Paris.*

Quem gosta de ação pode optar pelo francês

O bem-dotado Wahlberg e o diretor Reynolds analisam o filme que fizeram juntos

BOOGIE NIGHTS – PRAZER SEM LIMITES

drama ★★★★★

É difícil acreditar que este é apenas o segundo trabalho do diretor Paul Thomas Anderson. O filme é tecnicamente brilhante, desde a montagem rápida até a câmera, que, por exemplo, acompanha uma jovem em seu mergulho na piscina. O talento e a maturidade do diretor, porém, vão além. Ele conta, em um roteiro próprio, elegante e nada vulgar, a história do astro pornô Dirk Diggler, que, por causa de algumas polegadas a mais em seu instrumento de trabalho, conheceu em iguais proporções a fama e a decadência. Uma pequena obra-prima.

Roberto Sadovski

(Boogie Nights, EUA, 1997) **Direção**: *Paul Thomas Anderson.* **Com** *Mark Wahlberg, Burt Reynolds, Julianne Moore, Heather Graham, John C. Reilly, Don Cheadle, William H. Macy, Philip Seymour Hoffman. 152 min. Warner.*

Abril/Fox

Colm Meaney no furgão da discórdia

A VAN

INÉDITO NO CINEMA

comédia dramática ★★★

Bimbo fica arrasado ao ser demitido, apesar de seu amigo Larry, há muito desempregado, garantir que eles se divertirão à grande juntos. Mas Bimbo, irrequieto, decide comprar e reformar um furgão arruinado para os dois venderem lanches durante a Copa do Mundo – a torcida irlandesa é das mais famintas. À medida que o dinheiro entra, porém, as desavenças aumentam. Este drama cômico sobre as dores da meia-idade retoma a parceria entre o diretor Stephen Frears e o escritor Roddy Doyle, a dupla do ótimo *A Grande Família*.

Isabela Boscov

(The Van, Irlanda/Inglaterra, 1996) **Direção**: *Stephen Frears.* **Com** *Colm Meaney, Donal O'Kelly, Ger Ryan, Caroline Rothwell, Neili Conroy. 100 min. Abril/Fox.*

O LUTADOR

drama ★★★

O diretor de *Em Nome do Pai* toca mais uma vez nas feridas da Irlanda, ainda dividida entre católicos e protestantes. Em Belfast, Danny (Daniel Day-Lewis) tenta retomar as atividades de boxeador, após permanecer quatorze anos na cadeia. Militantes radicais do IRA querem seu retorno à luta armada. Mas ele reencontra sua ex-namorada (a ótima Emily Watson, de *Ondas do Destino*), agora casada. Sem julgar, Sheridan faz um retrato honesto e realista da situação, em linguagem quase documental.

Miguel Barbieri Jr.

(The Boxer, Inglaterra/Irlanda/EUA, 1997) **Direção**: *Jim Sheridan.* **Com** *Daniel Day-Lewis, Emily Watson, Ken Stott, Gerard McSorley, Brian Cox. 112 min. CIC.*

Day-Lewis luta para recuperar sua vida

CIC

VIOLENTO E PROFANO

drama ★★★★

INÉDITO NO CINEMA

Columbia TriStar

Casal à beira de um ataque de fúria

A estréia de Gary Oldman como diretor e roteirista é um soco bem dado na boca do estômago. Uma espécie de docudrama sobre a realidade social dos anos 90, lembrando o estilo seco de Mike Leigh, de *Segredos e Mentiras*, o filme não poupa o espectador e desfila os dramas de uma família envolvida com alcoolismo, drogas, criminalidade e violência doméstica. É uma sofrida expiação pessoal, dedicada ao pai do diretor. O elenco, pouco conhecido, é brilhante. Co-produzido por Luc Besson; trilha sonora de Eric Clapton.

Christian Petermann

(Nil by Mouth, Inglaterra, 1997) **Direção**: *Gary Oldman.* **Com** *Ray Winstone, Kathy Burke, Charlie Creed-Miles, Laila Morse, Edna Dore. 139 min. Columbia TriStar.*

bermann, o americano Amor Alucinante ou o alemão Fuga Perigosa

E VEJA TAMBÉM...

HOMENS ARMADOS

drama ★★★★ INÉDITO NO CINEMA

John Sayles dirigiu, escreveu e montou este controvertido drama social. Um médico viaja pelo interior de um país latino e descobre uma realidade miserável. Falado em espanhol. *Columbia.*

FUGA PERIGOSA

aventura ★★★ INÉDITO NO CINEMA

Este thriller alemão dublado em inglês foi feito para o mercado estrangeiro. É modesto, mas diverte. Uma motorista de táxi de Berlim põe as mãos em milhões de dólares pertencentes à máfia russa. *Warner.*

TENTÁCULOS

terror ★★★

Neste terror trash, piratas modernos abordam um luxuoso transatlântico e enfrentam uma criatura monstruosa. Bons efeitos e péssimas atuações conduzem a ação até o final inacreditável. *América.*

DOBERMANN

ação ★★★

A relação entre o criminoso Dobermann e o policial Christini é sádica e violenta. Já o filme agrada ao público jovem com um clima sensual e andrógino, pontuado por uma trilha sonora tecno. *Abril.*

MR. MAGOO

comédia ★★

Leslie Nielsen é o personagem-título desta insossa adaptação para o cinema do famoso desenho. Um milionário míope envolve-se com uma gangue de ladrões. Para crianças bem pequenas. *Abril.*

UM ASSASSINO À SOLTA

suspense ★★ INÉDITO NO CINEMA

Jeb Stuart, co-roteirista de *Duro de Matar*, faz uma estréia morna na direção: Dennis Quaid é o agente do FBI que procura por seu filho, raptado por um assassino serial. *CIC.*

OS TRAPACEIROS

drama ★★★ INÉDITO NO CINEMA

Bill Paxton e Mark Wahlberg são mestre e pupilo de um clã de trapaceiros. Ótimo misto de comédia, *noir* e romance, que agrada em cheio. *Flashstar.*

AMOR ALUCINANTE

suspense ★★★

Esta refilmagem do norueguês *Encontro Fatal* é um coquetel sensual de humor negro. Mostra como Cameron Diaz se mete em confusão quando um ex-namorado amanhece morto ao seu lado. *Paris.*

ORFEU

drama ★★★★

A obra-prima de Jean Cocteau, feita em 1950, adapta a lenda grega sobre o poeta Orfeu (Jean Marais), que se apaixona pela Princesa da Morte. Com imagens em preto-e-branco, o filme é plasticamente arrebatador. *Continental.*

PÂNICO NO AR

drama ★★

Uma equipe de controladores de vôo tenta impedir a queda de um avião. O elenco liderado por Kiefer Sutherland é prejudicado por um roteiro confuso e pela pobreza da produção. *Playtime.*

KISSED – CERIMÔNIA DE AMOR

drama ★★★

Obcecada pela morte, uma bela jovem trabalha numa funerária, onde prepara rituais de prazer. Apesar da complexidade do tema – a necrofilia –, a diretora canadense Lynne Stopkewich fez um filme delicado e luminoso. *Flashstar.*

O CEGO QUE GRITAVA LUZ

drama ★★

Tonico Pereira é um contador de histórias que relata o caso de um jovem que perdeu a visão por causa da ganância de especuladores imobiliários. O filme é arrastado. *Sagres.*

MUSEU DE HORRORES

terror ★★★ INÉDITO NO CINEMA

Co-produzida por Dario Argento, esta é uma fita de terror à antiga, que homenageia os filmes góticos feitos pela Hammer inglesa nos anos 60. Em Roma, um museu de cera esconde terríveis segredos. *Alpha.*

O ANTI-HERÓI

comédia ★★ INÉDITO NO CINEMA

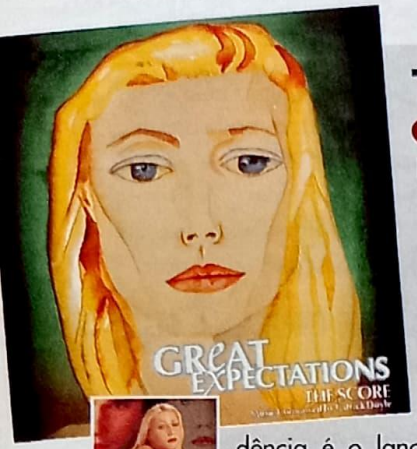
Comunista fanática, a australiana Joan vai a Moscou encontrar seu ídolo, o ditador Stalin, e volta de lá grávida. Ela mantém o episódio em segredo. Um dia, porém, os genes de seu filho passam a falar mais alto. *PlayArte.*

O DESPERTAR DO DESEJO

drama ★★★

A veterana Julie Christie dá um show de sensualidade e talento nesta comédia dramática sobre os impasses amorosos de dois casais de idades diferentes. O filme esbanja sofisticação visual, mas é frívolo. *Top Tape.*

O diretor Sidney Lumet revela os segredos da arte de fazer filmes



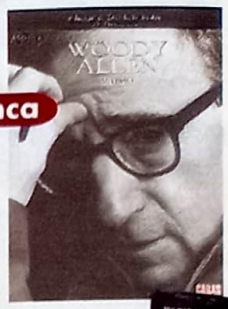
Fotos: Divulgação

TRILHAS FAZEM SUCESSO

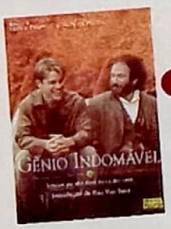
cds As trilhas sonoras transformaram-se em um rico filão para as gravadoras. Uma nova tendência é o lançamento, em separado, tanto da trilha sonora instrumental quanto da pop. O filme *Arquivo X* ganhou um CD com a trilha do ótimo compositor Mark Snow, que para a tela grande realizou um trabalho menos sutil, mais sinfônico, e um outro com faixas assinadas por nomes como Björk, Cure, Cardigans e Foo Fighters. Há ainda o caso de *Grandes Esperanças*: a trilha incidental, de Patrick Doyle, usa o violão de John Williams e o piano de Cyrus Chestnut para transitar entre o erudito e o jazzístico, enquanto o outro CD alcança uma incrível harmonia ao reunir Tori Amos, Pulp, Iggy Pop, Grateful Dead e até Cesaria Evora (que aparece nos dois CDs). Depois da trilha latina e nostálgica de *O Fim da Violência*, que soma U2, Tom Waits, Roy Orbison e Los Lobos a diálogos do filme, foi lançada a bela trilha instrumental de Ry Cooder, que, com a ajuda do produtor Howie B., cria texturas sombrias e sedutoras. Os fãs ficam no aguardo de mais opções. Preço médio: R$ 18.

GRANDES DIRETORES

vídeo em banca



Já lançada no Rio de Janeiro e em São Paulo, a coleção *Gênios do Cinema*, da revista *Caras*, chega agora aos outros estados. São sete filmes imperdíveis de grandes cineastas – Woody Allen *(A Era do Rádio)*, Pedro Almodóvar *(Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos)*, Ettore Scola *(Feios, Sujos e Malvados)*, Wim Wenders *(O Amigo Americano)*, David Lynch *(Veludo Azul)*, Alan Parker *(Coração Satânico)* e Francis Coppola *(O Selvagem da Motocicleta)* –, sempre acompanhados de um fascículo e seis fotos e/ou pôsteres. Agora semanal, cada edição custa R$ 9,90.



O CINEMA ESCRITO

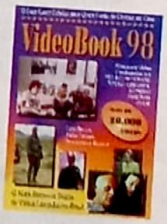
roteiros

A Rocco continua a lançar bons roteiros de cinema: *Gênio Indomável* conferiu o Oscar aos roteiristas estreantes Matt Damon e Ben Affleck, e o livro conta com uma ótima introdução do diretor Gus Van Sant; já *Jackie Brown* é leitura obrigatória por ser um trabalho do sempre inquieto Quentin Tarantino. Preço médio: R$ 20.

BANCO DE DADOS

guia

O videófilo que quiser saber quais são os títulos disponíveis no mercado brasileiro pode adquirir o *VideoBook 98*, em livro ou CD-ROM (que será sempre atualizado via Internet). O guia apresenta índices de atores e diretores e separação por gêneros. Cada opção pode ser comprada pelo telefone (021) 204-0666 por R$ 39.



CLÁSSICOS RESTAURADOS

sell-thru

Para comemorar os 25 anos de *O Exorcista*, a Warner lança uma edição especial com imagem e som restaurados, uma introdução especial do diretor William Friedkin, um documentário com onze minutos de cenas inéditas, entrevistas com a equipe e o trailer original de cinema. Além disso, a distribuidora lança, pela primeira vez em vídeo, o thriller *Um Clarão nas Trevas*, com Audrey Hepburn, remasterizado e com o trailer original. Preço não definido.

Lumet (*à dir.*) dirige cena de *O Veredito*; no destaque, a capa do livro

AS IDÉIAS DE SIDNEY LUMET

livro Chega às livrarias *Fazendo Filmes*, no qual o cineasta americano Sidney Lumet apresenta suas idéias. Esse trabalho parte da própria experiência do diretor para dissecar o processo de produção de um filme. Autor de obras-primas como *Doze Homens e uma Sentença*, *Rede de Intrigas* e *O Veredito*, Lumet distribui as etapas da realização em treze capítulos. Os subtítulos evidenciam o amor que Lumet sente por sua profissão – e também seu bom humor: entre outros, "O diretor: O melhor trabalho do mundo", "O estilo: A palavra mais impropriamente usada depois de amor", "Direção de arte e figurino: Faye Dunaway manda mesmo apertar a saia em dezesseis lugares diferentes?" e "A mixagem: A única parte monótona da feitura do filme". Partilhar a experiência de um veterano é uma das melhores formas de o leitor entender o cinema. Preço não definido.

Um grande filme para você assistir na sua TV paga

A CONDESSA DESCALÇA

Uma fábula romântica que encanta o espectador com elegância

Por Inácio Araujo

Para um filme de narrativa não-linear, *A Condessa Descalça* é menos apaixonante do que, digamos, *Cidadão Kane*, de Orson Welles. Como uma história ambientada em Hollywood, é menos abrangente do que *Assim Estava Escrito*, de Vincente Minnelli. Ava Gardner está belíssima, é verdade, mas sua personagem não chega a ter o porte de um desses fulgurantes mitos eróticos, como a Rita Hayworth de *Gilda*. *A Condessa*, porém, encanta o espectador como poucos filmes.

Talvez parte de seu charme irresistível venha do fato de o diretor Joseph L. Mankiewicz ter contado ali uma variante da história de Cinderela, como ele próprio definiu: Maria Vargas (Ava) é uma pobre e deslumbrante bailarina, lançada ao estrelato da noite para o dia por um simpático diretor de cinema (Humphrey Bogart), com direito a fama e fortuna.

Se compararmos esta fábula a outros trabalhos de Mankiewicz, veremos que uma característica de sua obra é a complexidade das tramas. Seja *De Repente, no Último Verão*, *Júlio César* ou *Jogo Mortal*, cada filme encena uma batalha quase corporal pela imposição da verdade, da verdade de um contra a de outro. Os personagens são invariavelmente brilhantes e não raro um tanto desequilibrados.

Com *Condessa*, porém, é diferente: como se trata de um filme sobre o meio artístico, é possível imaginar que Mankiewicz preparou uma resposta para o seu próprio *A Malvada*, que se passa no sofisticado ambiente teatral de Nova York, no qual as atrizes Margo Channing e a jovem Eve Harrington são, além de estrelas, mulheres manipuladoras. Elas representam seus papéis no palco e fora dele, tentando dominar o destino e tomar as rédeas da vida. Em *Condessa*, por sua vez, o acaso domina: Maria chega ao estrelato da mesma forma como poderia terminar seus dias como uma bailarina obscura. O diretor de cinema é um bom sujeito, antes de ser um cara brilhante. Já o príncipe encantado da história é uma fraude.

Bogart repreende Ava Gardner durante um teste de figurino

Em suma, assim como *A Malvada* é um filme da plenitude, *A Condessa* é um filme do vazio. Embora aparentem o contrário, os personagens são pouco mais do que sombras que se movem, empurradas de um lado para outro por acontecimentos sobre os quais não têm controle algum. Mas com que elegância essas sombras se movem! Cada gesto parece impregnado de uma beleza sublime, que vem de sua própria incapacidade de dominar e compreender as situações que vivem. É um contínuo bailado de malditos que o destino, ironicamente, alçou à categoria de deuses, apenas para melhor destituí-los e devolvê-los ao nada.

Talvez por isso *A Condessa Descalça* seja um filme tão encantador: no fim das contas, esses seres são desgraçadamente comuns, são como cada um de nós, que, na platéia ou em frente à TV, se perde no sonho que o filme nos propõe para, ao final, voltar ao ramerrame cotidiano. A vida é mesmo assim. E poucas vezes um filme soube apreendê-la, descobrindo o único e o magnífico que se escondem atrás do rigorosamente banal.

(The Barefoot Contessa, EUA, 1954) **Direção:** *Joseph L. Mankiewicz.* **Com** *Humphrey Bogart, Ava Gardner, Edmond O'Brien, Marius Goring, Rossano Brazzi, Valentina Cortesa, Warren Stephens. 128 min.*

Na TNT, dia 18 de setembro, às 6h

FIQUE LIGADO TAMBÉM EM...

- ***Tarde Demais para Esquecer***, o filme romântico por excelência, com Cary Grant e Deborah Kerr, na **FOX**, dia 1º e dia 17, às 7h e às 13h
- ***A Costela de Adão***, comédia impecável sobre a guerra dos sexos, com Spencer Tracy e Katharine Hepburn, na TNT, dia 3, às 6h
- ***A Dança dos Vampiros***, humor e horror em doses iguais, com a direção de Roman Polanski, na TNT, dia 4, às 4h

TUDO o que eu AMO...

1 O Havaí: "Meus pais emigraram de Nova Jersey para Honolulu no começo da vida de casados. Eu era a única garota judia da vizinhança, e cresci cercada por filipinos e havaianos. Morávamos num lugar fabuloso chamado Halauua Housing – um conjunto habitacional de gente pobre. Na época eu odiava aquele lugar, mas hoje tenho boas lembranças dele. E foi no papel da mulher de um missionário no filme *Hawaii*, de George Roy Hill, que paguei minha passagem para Nova York, em 1965: consegui economizar mil dólares do meu cachê gastando só dois dólares por dia. Acho que até hoje tenho aqueles mil guardados".

2 Meus pais: "Meu pai e minha mãe eram muito excêntricos, e eu os adorava. Meu pai gostava de máquinas, então tínhamos três geladeiras e seis lavadoras na cozinha, cinco carros no quintal e uma serra elétrica na sala. O mais incrível é que nada funcionava".

3 Meu marido, Martin von Haselberg: "Acho os homens sensacionais – e o meu é ótimo. Ele é artista e investidor, muito digno e completamente louco. Nós nos casamos dois meses depois de nos conhecer, e até hoje estamos descobrindo novidades um sobre o outro. É um choque a cada dia!"

4 Minha filha, Sophie: "Sophie é a melhor – ela é generosa e nem um pouco mimada, embora no momento ela morra de vergonha de mim e do meu marido. Ela tem doze anos e está naquela fase em que detesta nossas roupas, nossas sapatos, tudo!"

5 A idéia de fazer uma continuação de *O Clube das Desquitadas*: "Nunca poderíamos imaginar que iríamos parar na capa da *Time* com *O Clube das Desquitadas* – foi um choque. Agora estamos esperando que apareça um bom roteiro para a continuação. Já recebemos mais de trinta sugestões, mas cada uma é pior que a outra".

6 Garotas safadas: "Quando eu era adolescente, gostava de andar pela zona da cidade. Tudo aquilo me parecia romântico e passional, e eu achava que aquelas garotas sim é que se divertiam".

7 Estudar: "Eu gostaria de ser mais esperta, e me arrependo de não ter feito uma faculdade. Quando morávamos em Honolulu, todo sábado meus pais despejavam a criançada na biblioteca de manhã bem cedo, e só voltavam depois das quatro horas. Eu achava ótimo, e realmente gostaria de voltar a estudar".

8 Carisma: "Em 1967, vi um show de Janis Joplin no estádio Fillmore, em São Francisco, e fiquei chapada. Vendo a performance dela, entendi imediatamente o que ela tinha de tão especial – e que eu acredito ter também. É aquele lance frenético, hiperativo, aquela paixão".

9 Fazer faxina: "Tenho mania de limpeza. Sou compulsiva".

10 Moda: "Gosto de roupas do fundo do meu coração, mas não tenho muito tempo para elas. Meu cabeleireiro é quem me leva para fazer compras – ele tem um olho ótimo. Em Hollywood, muitos atores ligam paras as lojas e pedem que elas levem as roupas até eles, mas não suporto isso. Minha idéia de fazer compras é olhar vitrines, prestar atenção no que os vendedores estão usando e ler *todas* as revistas de moda".

11 Ter espírito esportivo: "Espero que escrevam isto na minha lápide: 'Ela tinha espírito esportivo'. No fim, essa é a única coisa que conta".

12 Entrar em contradição: "Vivo me contradizendo e nunca sei o quanto do que eu digo é verdadeiro".

bette midler

...E ODEIO!

1 Sentimento de culpa: "Odeio me sentir culpada. A primeira vez que eu me lembro de ter experimentado essa sensação foi no primário, quando ganhei um prêmio pela minha interpretação de 'Noite Feliz'. Foi divertido, mas me senti mal por ser judia e cantar uma canção de Natal".

2 Meus anos de adolescência: "Eu era infelicíssima por causa da minha aparência. Por mais que eu me vestisse como os outros, nunca ficava parecida com eles. Se eu fosse uma criança diferente mas bonita, ainda vá lá – mas eu era só uma garota gorducha com seios enormes. Aos quatorze ou quinze anos, eles já eram fenomenais".

3 Criar filhos em Los Angeles: "Esta cidade é uma panela de pressão para a garotada, porque o dinheiro e a aparência são importantes demais aqui. A pressão para ser moderno, para fazer sexo, para usar drogas e toda essa espécie de coisas é realmente intensa, e me apavora. Junte a isso as enchentes e os terremotos e você saberá por que me mudei para Nova York".

4 A hipótese de transformar minha filha em atriz mirim: "Quando Sophie sair de casa ela poderá tomar essa decisão – agora ela tem de tratar de estudar. Fazer parte do *show business* é uma faca de dois gumes. Quando você está no topo, é ótimo; quando está no meio ou por baixo, não há nada pior. A rejeição é de destruir a alma".

5 O peso da idade na indústria cinematográfica: "Em Hollywood você realmente não pode passar de uma certa idade. É um jogo para jovens, exaustivo e desgastante. Papéis inteligentes e inspirados para mulheres da minha idade simplesmente não aparecem".

6 Fazer "manutenção": "Não há nem um centímetro sequer do meu corpo que não exija manutenção intensa – e fazê-la é uma chatice interminável".

7 Ver bobagens na TV: "Há muito tempo, fiz um pacto comigo mesma: nunca assistir a nada mais idiota do que eu. Vejo o Discovery Channel, e só, e não deixo minha filha assistir TV. A televisão só serve para dias de chuva – e, pensando bem, nem para esses".

8 Minha necessidade de adulação: "Se eu reencarnar, gostaria de voltar como alguém que não precise de adulação. Ninguém me dava bola quando criança, e isso tende a gerar muita raiva e um certo desejo de vingança".

9 Nostalgia: "Ficar suspirando pelo passado é uma perda de tempo. Não tenho nem um pingo de nostalgia".

10 Palavrões: "Às vezes uso linguagem pesada no palco, porque faz parte do meu número. Mas nunca falo assim na vida real. Nosso linguajar foi para o brejo. Quando você se dá conta do quão ruim esse tipo de linguagem soa, percebe que é preciso ter mais classe e falar mais limpo".

11 Galãs jovens: "Chamo a eles de 'meninos' – Keanu Reeves, Johnny Depp, Brad Pitt. Eles parecem adolescentes. Nicolas Cage é um homem; Sean Connery, Gene Hackman e até John Travolta são homens, mas não esses garotos".

12 Ser chamada de "uma festa ambulante": "Todas as 'festas ambulantes' que eu conheci já estão mortas. Definitivamente não quero ser uma delas".

Susan Granger

Cartas

DEUSA

Fiquei feliz ao ler a matéria sobre uma das maiores estrelas da história do cinema, cujo fascínio não se restringiu aos anos 40 – eu, nascido décadas depois, a cultuo deslavadamente.

Mário Ricardo Gimenes Gomes
(São Gonçalo – RJ)

Parabéns a Suzana Uchôa Itiberê pelo perfil de Rita Hayworth. O texto estava primoroso – um verdadeiro convite à meditação. Se não fosse pela capa, vocês mereceriam nota 10!

Roberto Neves
(São Paulo – SP)

BOA...

Adorei a matéria sobre o lagarto gigante que atende pelo nome de Godzilla e também a reportagem *De Hollywood para o Inferno*. Só uma reclamação: a revista está afinando. No mais, vocês estão de parabéns!

Tatiana Nakanishi
(Brasília – DF)

...MAS NEM TANTO

A edição 133 estava muito boa. A entrevista com Robert Redford e as fotos estavam maravilhosas. Também gostei da matéria sobre Charlie Sheen, Christian Slater e Robert Downey Jr. E, não fosse aquela capa horrível com *Godzilla*, eu diria que vocês fecharam com chave de ouro, com Rita Hayworth.

Claudia de Jesus F. de Souza
(Itaquaquecetuba – SP)

A capa de julho foi assustadora de tão ruim. Estávamos ansiosos para ver a cara do monstro, mas precisava ser aquela foto? O que salvou a edição foi Rita Hayworth, que estava maravilhosa.

Alan Michel C. Bellotti
(São Paulo – SP)

O FÃ

Quando me perguntam se valeu a pena aguardar *Godzilla*, a resposta é afirmativa. O filme pôde não apresentar um roteiro brilhante nem acrescentar muito à cultura de quem o viu, mas certamente mostra o talento de seus idealizadores. Os efeitos especiais e sonoros são maravilhosos, o ritmo é alucinante e a seqüência final é antológica.

Flávio Aparecido Rodrigues
(Poá – SP)

ACERTAMOS!

Gostei muito da edição 133. Sou leitora há mais de um ano e posso dizer que SET está cada vez melhor. Bem merecido o espaço que vocês deram ao ator Elijah Wood em *Como É Mesmo o Nome Dele?* Que tal colocarem o Skeet Ulrich também?

Sabrina S. Borges
(Santo André – SP)

PONTO DE VISTA

SET está se esquecendo não só do cinema nacional, mas também da preferência do público brasileiro. *Godzilla* pode ter sido um dos filmes mais aguardados do ano nos Estados Unidos, mas não no Brasil. Podemos até ser de um país de Terceiro Mundo, mas não somos burros a ponto de engolir qualquer lixo americano.

Carlos Eduardo
(carlao@mandic.com.br)

BRONCA

Quero deixar registrado meu protesto à crítica de Isabela Boscov a *Advogado do Diabo*. Ainda bem que ela concorda que Al Pacino e o filme, como um todo, são um deleite. No entanto, é revoltante a maneira irônica como se refere a Keanu Reeves. Trata-se de um dos atores mais importantes de sua geração – posto merecido graças ao seu profissionalismo –, mas que SET insiste em difamar.

Simone Maria
(Carapicuíba – SP)

OLHO VIVO

A leitora Ana Paula Comin ajudou na correção: o nome do filme protagonizado por Robert Redford é *Descalços no Parque* e não *Calçados no Parque*, como publicamos na edição 133.

"Ler o perfil de Rita Hayworth foi fabuloso! É triste pensar que a deusa dos anos 40 não conseguiu ter segurança emocional ou felicidade. Rita foi um marco e será sempre lembrada pela graça e beleza que irradiava. Fico feliz por saber que SET é uma verdadeira revista de cinema, já que retrata o passado luminoso e não apenas as novidades do cinema."

Flávia Cunha (abrme@zaz.com.br)

Columbia

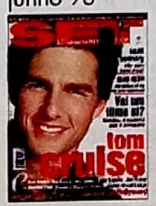
últimas edições

nº 129 março 98

nº 130 abril 98

nº 131 maio 98

nº 132 junho 98



nº 133 julho 98

nº 134 agosto 98

Escreva para a SET, Avenida Nações Unidas, 7221, CEP 05425-902, São Paulo – SP. Se preferir, envie um fax para o número (011) 3037-4706 ou via Internet: set.azul.atleitor@email.abril.com.br

entre leitores

- Estou fundando a AACB – Academia de Artes e Cinema Brasileira. Escreva e peça sua ficha de inscrição.
Marcio Justino da Silva
R. 44, 120, CEP 53443-480 (Paulista – PE)

- Gostaria de me corresponder com fãs de *Arquivo X*. Também quero comprar cópias em VHS de todos os episódios.
Júnia Cristina Vaz
R. Bernardo Leon, 130/31A – Cj. José Bonifácio/Itaquera II,
CEP 08253-590 (São Paulo – SP)

- Escreva para o Fã-Clube Leonardo DiCaprio.
Mariana Penna de Carvalho
R. Cura D'ars, 577,
CEP 30410-110 (Belo Horizonte – MG)

- Quero me corresponder com fãs de Johnny Depp e participar de um fã-clube.
Elieuda Régio
R. José Buson, 408,
CEP 60851-170 (Fortaleza – CE)

- Gostaria de trocar fotos de atores por qualquer material de *Cidade dos Anjos*.
Ana Cristina Menegatto
R. Herculano Couto, 484,
CEP 13066-690 (Campinas – SP)

- Escrevam para Leo Brazilian Official Fan Club. Temos mais de 2 mil fotos, 150 revistas e oitenta pôsteres.
Luciane Aragon
Av. Carazinho, 181/101,
CEP 90460-190 (Porto Alegre – RS)

- Se você também se apaixonou por *Los Angeles – Cidade Proibida* e quer obter mais informações, escreva-me.
Paulo Fabricio dos Reis Silva
R. A, caminho 02, nº 19, Cj. Feira VI,
CEP 44021-000 (Feira de Santana – BA)

- Quero me corresponder com fãs de *Arquivo X*, *Millenium* e *Guerra nas Estrelas*. Também compro os episódios "Luz Suave" e "Nossa Cidade", de *Arquivo X*.
Ana Lucas
R. Alberto Santos Dumont, 82,
CEP 13251-280 (Itatiba – SP)

- Quero me corresponder com todos os interessados no filme *Godzilla*.
André da Silva Azevedo
R. da Safra, 586,
CEP 05868-040 (São Paulo – SP)

- Vendo exemplares de SET da edição 100 até a 132, juntamente com as *Fichas de Cine & Vídeo*. Todas em perfeito estado de conservação.
Susiane Londero Sapper
R. Ney Ornelas, 730,
CEP 96405-590 (Bagé – RS)

COMPLETANDO A COLEÇÃO: se você estiver interessado em qualquer uma das seis edições exibidas nesta página, entre em contato direto com a nossa distribuidora, a Dinap. Os pedidos de números atrasados podem ser feitos por carta (Caixa Postal 2505, Osasco, SP), fax (011/868-3018) ou pelo telefone (011/810-4800), ao preço de R$ 7,41 por exemplar (R$ 5,70 do preço normal de capa, mais 30% para despesas de postagem, caso você deseje receber a encomenda em casa, pelos Correios). O pagamento pode ser feito com cartão de crédito (Visa, Credicard ou Diners) ou cheque nominal à Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações. Embora a distribuidora só mantenha em estoque as seis últimas edições de SET, eventuais consultas sobre a disponibilidade de números ainda mais antigos podem ser feitas pelo próprio telefone 011/810-4800.

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE E DIRETOR EDITORIAL: Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO: Luiz Gabriel Rico
VICE-PRESIDENTE DE OPERAÇÕES: Gilberto Fischel

DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL: Celso Nucci Filho
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLE: Celso Tomanik
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Egberto de Medeiros
SECRETÁRIO EDITORIAL: Eugênio Bucci
DIRETOR DE SERVIÇOS EDITORIAIS: Henri Kobata
DIRETOR EDITORIAL ADJUNTO: Matinas Suzuki Jr.
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Milton Longobardi

SET

DIRETOR SUPERINTENDENTE: Carlos R. Berlinck

EDITORA-CHEFE: Isabela Boscov
EDITORA DE ARTE: Marcia Mayumi Chicaoka
EDITORA-ASSISTENTE DE ARTE: Denise Gerbasi
EDITORES: Christian Petermann, Roberto Sadovski
EDITOR CONTRIBUINTE: Francisco Ramalho
ASSISTENTE DE REDAÇÃO: Soraia Gama Francisco
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: Alfredo Sternheim, André Barcinski, Dulce Damasceno de Brito, Fátima Gigliotti, Gabriela Aguerre, Inácio Araujo, José Emilio Rondeau, Miguel Barbieri Jr., Sérgio Rizzo, Suzana Uchôa Itiberê (texto), Celso Lima (ilustração)

APOIO EDITORIAL
DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo
ABRIL PRESS: José Carlos Augusto
NOVA YORK: Grace de Souza; PARIS: Pedro de Souza

COMERCIAL
GERENTE: Silvia Campos
GERENTE DE PRODUTO DE ASSINATURA: Luciene Lauriano

COMUNICAÇÃO
GERENTE DE PROMOÇÃO E PROPAGANDA: Sandra Galli Ponsoni

PUBLICIDADE
DIRETORA: Ana Serra
EXECUTIVAS DE NEGÓCIOS: Andréa Madri, Maria Rosaria Pires
GERENTE DE VENDAS DE PUBLICIDADE: Ana Maria Lobo
GERENTE DE VENDAS DE PUBLICIDADE: Malú Marot
EXECUTIVAS DE CONTAS: Marília Hindi, Mônica Nicolau, Nilda Sperandeo (agências), Alessandra Alves, Marlene S. de Araújo (diretos)
COORDENAÇÃO: Igor Ismael Assan (supervisor), Cláudio J. da Silva, Tieko Kuniyuki (coordenadores jr.)

DIRETOR ESCRITÓRIO BRASÍLIA: Luiz Edgar P. Tostes
DIRETOR ESCRITÓRIO REGIONAIS: Marcos Venturoso
DIRETOR ESCRITÓRIO RIO DE JANEIRO: Paulo Renato Simões

Grupo Abril

PRESIDÊNCIA: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

VICE-PRESIDENTES: Angelo Rossi, Fatima Ali, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

PRÓXIMAS atrações

o que você vai ver na SET de outubro

Columbia TriStar

A MÁSCARA DO ZORRO

Anthony Hopkins passa o manto do justiceiro mascarado para Antonio Banderas nesta movimentada aventura – que conta com a assinatura de Steven Spielberg na produção e lembra os bons filmes de capa-e-espada de antigamente.

Editora Abril

SET

Em São Paulo:
Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas, 7221, 5º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (011) 3037-2000, fax: (011) 3037-4706

REPRESENTANTES NO BRASIL
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - Rio de Janeiro, RJ, CEP 20020-080 - Tel.: (021) 220-3762
Bahia: AGMN Consultoria de Publicidade e Representações Ltda. - Av. Tancredo Neves, 805 - Ed. Espaço Empresarial, s/401 - Pituba, Salvador - BA - CEP 41820-021 - Tel/fax.: (071) 341-4996/4992/1765
Brasília: Espaço Com. Int. e Repres. Ltda. - SCS Ed. Bacarat - conj. 1701/6 - Brasília - DF - CEP 70309-900 - Tels.: (061) 223-21347/ 321-0305 - Fax: (061) 323-5395
Campinas: Lumina Comunicação Ltda. - Rua Conceição, 233 - 26º andar - Sala 2604 - Campinas - SP - CEP 13010-050 Tel.: (019) 233-7175 - Fax: (019) 232-7975
Ceará: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - Sala 103 - Fortaleza - CE - CEP 60050-000 - Tels.: (085) 254-1666 / 6045 - Fax: (085) 231-4761
Minas Gerais: M.A.M Publicidade e Repres. Comerciais - Av. Contorno, 8000 - Ed. Wall Street - sala 1101 - Belo Horizonte MG - CEP 30110-907 - Tel.: (031) 335-8789 / 292-5657
Paraná: M.L.C Repres. Comerciais - Av. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - Curitiba - PR - CEP 80530-905 - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Recife: MultiRevistas Publicidade - Av. Dantas Barreto, 1186 - 15º andar - sala 1501 - Ed. San Rafael - Bairro São José - Recife - PE - CEP 50020-000 - Tel: (081) 424-3210
Ribeirão Preto: Intermídia Repres. de Publicidade S/C Ltda. - Rua João Penteado, 164 - Ribeirão Preto - SP - CEP 14025-010 - Tel.: (016) 635-9630 - Fax: (016) 635-9233
Rio Grande do Sul: Print Sul - Al. Coelho Neto, 40 - 3º andar - Bairro Boa Vista - Porto Alegre - RS - CEP 91340-340 - Tel./Fax: (051) 328-1344
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 131 - Cond. Village II - Bairro Lagoa da Conceição - Florianópolis - SC - CEP 88062-210 - Tel./Fax (048) 232-0519

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

INTERESSE GERAL
VEJA • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE • INFORMÁTICA EXAME
VIP EXAME • GUIA ABRIL DO ESTUDANTE
ECONOMIA E NEGÓCIOS
EXAME
AUTOMOBILISMO E TURISMO
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
VIAGEM E TURISMO • TERRA
ESPORTES
PLACAR • FLUIR
MASCULINAS
PLAYBOY
FEMININAS
CLAUDIA • ELLE • NOVA • MANEQUIM
PONTO CRUZ • CAPRICHO • BOA FORMA
ANA MARIA • HORÓSCOPO • CARÍCIA • SAÚDE
DECORAÇÃO E ARQUITETURA
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
ARTE & DECORAÇÃO
ENTRETENIMENTO
CONTIGO • SHOWBIZZ • SET

SET edição 135 (ISSN 0104-1592), setembro de 1998, é uma publicação mensal da Editora Abril S.A. **Assinatura:** sua satisfação é a sua garantia. Você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte dessa lista, escreva para Editora Abril - Assinaturas, Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 - Freguesia do Ó - CEP 02909-900 - São Paulo - SP. **Números atrasados** (as seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade de estoque): ao preço da última edição em banca, mais custo de postagem, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Dinap S/A - Caixa Postal 2505, Osasco - SP, tel.: (011) 810-4800, fax: (011) 868-3018, dinap.na@email.abril.com.br. Horário de atendimento: de 2ª a 6ª, das 8h às 19h. O pagamento poderá ser feito através de cheque nominal ou pelos cartões Visa, Credicard, Diners, American Express e Solo.

Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP S/A - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **SET** não admite publicidade redacional.

ANER **Central de Atendimento ao Assinante:** **IVC**
Grande São Paulo: 3990-2112
Demais localidades: 0800-55-2112

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

O ETERNO APAIXONADO

Os espectadores mais jovens conhecem o personagem Cyrano de Bergerac, saído da célebre peça teatral do francês Edmond Rostand, na pele dos atores Steve Martin (em *Roxanne*) e Gérard Depardieu (no filme *Cyrano*). É senso comum, porém, escolher o astro porto-riquenho Jose Ferrer como o melhor Cyrano que o cinema já viu. Dirigido em 1950 por Michael Gordon, o filme *Cyrano de Bergerac*, realizado originalmente em preto-e-branco, sobrevive à teatralidade de sua realização graças à presença do veterano ator. Premiado com o Oscar pelo papel – que, treze anos depois, ele reprisaria em uma produção francesa, *Cyrano et D'Artagnan* –, Ferrer equilibra com precisão o humor e a tristeza inerentes ao personagem. Cyrano, que nasceu com um nariz colossal, é um poeta escondido em um corpo muito pouco atraente. Apaixonado por Roxanne (Marla Powers), ele escolhe um belo rapaz para ser o porta-voz de suas idéias e sentimentos. Em verso e prosa, Jose Ferrer dá o devido valor a cada palavra, revelando a força que uma declaração de amor pode ter.

TESTEMUNHE A RESSURREIÇÃO EM VÍDEO.

DUBLADO OU LEGENDADO

SIGOURNEY WEAVER

WINONA RYDER

ALIEN

A RESSURREIÇÃO

(ALIEN - RESURRECTION)

20th Century Fox HOME ENTERTAINMENT ™

20th Century Fox ™

15 DE SETEMBRO NAS LOCADORAS

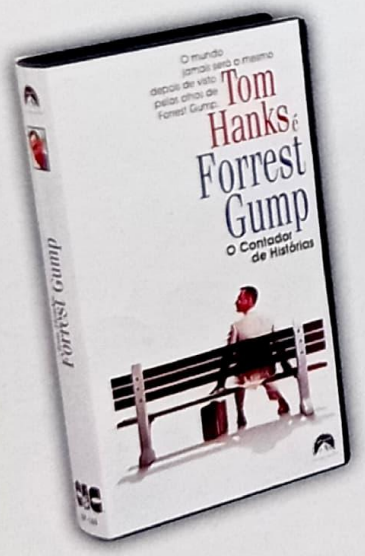
Abril Vídeo

Você já pode ter em casa um dos maiores sucessos da história do cinema

Forrest Gump

O Contador de Histórias

Vencedor de 6 Oscar®



Compre o vídeo agora!

À venda nas melhores lojas:
magazines, supermercados, locadoras, livrarias, vídeo-foto-som e discos.

* Dublado e Legendado

CIC

Paramount
A VIACOM COMPANY

OSCAR® é marca registrada e marca de serviço da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas.